

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Kleber Santos Carvalho

PAVILHÕES E CENTROS DE EXPOSIÇÃO EM SÃO PAULO:
Cidadelas modernas do mundo globalizado.

São Paulo, 2009.

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

PAVILHÕES E CENTROS DE EXPOSIÇÃO EM SÃO PAULO:
Cidadelas modernas do mundo globalizado.

Kleber Santos Carvalho

Dissertação apresentada à Comissão de Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre na área de concentração de Projeto de Arquitetura.

Orientador: Prof. Dr. Lúcio Gomes Machado

São Paulo, 2009.

DEDICATÓRIA:

À minha família, em especial à minha mãe Ildete, a minha 'segunda mãe' Regi e a memória do meu falecido pai Osvaldo.

Em memória de um grande amigo que já se foi, Ari Dantas: Ainda presente na lembrança de quem teve o privilégio de tê-lo conhecido e compartilhado da sua amizade e companheirismo, sobretudo em momentos como este, quando em nossa graduação.

AGRADECIMENTOS:

Ao meu orientador Prof.Dr. Lúcio Gomes Machado, pela confiança e incentivo. À Prof. Dra. Heliana Comin Vargas, por sua ajuda, exemplo de dedicação ao ensino e contribuição à minha pesquisa e ao Prof. Dr. Rafael Antonio Cunha Perrone, pela confiança e oportunidades que me foram dadas.

Aos meus poucos, porém grandes amigos, aos companheiros de pesquisa da FAU e pessoas especiais que acompanharam essa etapa da minha vida e com quem pude contar, sobretudo nos momentos difíceis e extenuantes. Em especial: Wilson, Célia, Maria Inês, Emilson, Renata e Verônica.

E por fim ao meu pequeno Leozinho, amigo fiel e companheiro solidário: Sua simples presença foi um alento nessa tarefa muitas vezes tão solitária.

RESUMO:

Este trabalho estuda as edificações denominadas Pavilhão e Centros de Exposição, com total da área coberta para exposições superior a 20.000m², na cidade de São Paulo. Inicialmente são apresentados os antecedentes das atividades que precederam as atuais Feiras de Negócios e Exposições Industriais e seu rebatimento no espaço desde a antiguidade clássica, passando pelas feiras medievais e pela revolução industrial na Europa até as Exposições Universais, num passado mais recente. A partir desse levantamento é detalhada a operacionalidade dessa tipologia, seus agentes e as relações entre as suas principais atividades, o local onde se encontram e outros equipamentos urbanos com funções complementares. Em seguida, são analisados os exemplos nesta Capital e em outras cidades, procurando extrair os componentes que configuram um pavilhão ou centro de exposições. Com essa análise chega-se a um programa geral proposto e à representação gráfica do arranjo físico dessas edificações (fluxograma). Por fim, a partir do estudo da dinâmica das feiras e exposições são identificadas características que podem influenciar e/ ou determinar a necessidade e configuração dos espaços. São então apresentadas as principais conclusões sobre o tema central, como contribuições em futuros estudos de exemplares desse tipo de edificação, seja para reforma, requalificação ou novas implantações.

Palavras-chave: Pavilhões, Centros de Exposição, Feiras de Negócios, Exposições Industriais, Eventos, Tipologia arquitetônica, Turismo de Negócios, Equipamentos Urbanos.

ABSTRACT:

This paper studies the types of buildings called Pavilions and Exhibition Centers of a covered area in excess of 20,000 sq. m. (215.28 sq. ft) as exhibition space existing in the city of São Paulo. First, a survey is presented on the background of the developments that preceded the current Trade Fairs and Industrial Shows and their reverberations in space, from Classical Antiquity, through Medieval Fairs and the Industrial Revolution in Europe to the Universal Exhibitions. Based on that framework, the operability of this typology, its agents and the relations underlying its main activities, their location and other urban facilities with complementary functions are detailed. Next, examples from our state capital and from other cities are reviewed, in an attempt to draw the components that characterize a pavilion or exhibition center. These approaches lead the way to a proposed general program and to the graphic representation of the physical layout of these buildings (flow chart). Finally, a study on the dynamics of fairs and exhibitions identifies the characteristics capable of exerting an influence and/or determining the need and configuration of spaces. The main conclusions on the core theme are then set out as a contribution to future studies on this type of construction, whether for the purpose of construction renovation or retrofitting or for new implementation.

Key-words: Exhibition Pavilions, Trade Fairs, Industrial Exhibitions, Events, Architectural Typology, Type of Buildings, Business Tourism, Convention Tourism, Urban Facilities.

SUMÁRIO:

CAPÍTULO I - PAVILHÕES: Conceitos e Antecedentes

| | | |
|-----|---|----|
| 1. | Introdução | 10 |
| 2. | Terminologia utilizada | 10 |
| 3. | Etimologia | 13 |
| 4. | Os Nômades e as primeiras construções efêmeras | 14 |
| 5. | Idade Média: As Feiras e as rotas comerciais européias | 16 |
| 6. | Século XV até meados do século XVIII: Do mercantilismo aos grandes Halls | 20 |
| 7. | Segunda metade do século XVIII: Surgem as Exposições Industriais e o Grande Pavilhão de exposições | 22 |
| 8. | Século XX: As exposições Industriais modernas, as Feiras de Negócios e os Centro de Exposição | 31 |
| 9. | São Paulo e as feiras de Negócios e as Exposições Industriais: Antecedentes e os primeiros Pavilhões de Exposições da Capital | 37 |
| 10. | Considerações Finais sobre o Capítulo | 53 |

CAPÍTULO II - OPERACIONALIDADE DOS CENTRO DE EXPOSIÇÕES: Relações com outros equipamentos urbanos, O Lote e Os Usos.

| | | |
|-----|--|----|
| 1. | Introdução | 57 |
| 2. | Os Centros de Exposição e o mercado de eventos: importância da atividade e o posicionamento da cidade de São Paulo no país e no mundo: | 59 |
| 3. | Relações de complementaridade dos Centros de Exposições com outros equipamento e estruturas urbanas: | 62 |
| 3.1 | Diagrama de relações entre equipamentos urbanos relacionados com o mercado de eventos: | 64 |
| 3.2 | Análise dos Centros de Exposição e sua relação com relação à infraestrutura externa e localização na cidade de SP: | 64 |
| 4. | O local de implantação do Centro de Exposições: Análise do entorno nos estudos de caso em São Paulo: | 69 |
| 4.1 | Características gerais levantadas sobre a implantação dos grandes centros de exposições na cidade de São Paulo: | 89 |
| 5. | Considerações Finais: | 90 |

CAPÍTULO III - PROGRAMA E MORFOLOGIA: Principais características dos Pavilhões e Centros de Exposições

| | | |
|-----|---|-----|
| 1. | Introdução | 93 |
| 2. | Pavilhão de exposições, Centros de Exposição e Centros de Convenções: Definições e principais características que os distinguem entre si. | 93 |
| 3. | Pavilhões e Centros de Exposição da Cidade de São Paulo: | 99 |
| 4. | Pavilhões e Centros de Exposição fora do Estado de São Paulo: | 100 |
| 5. | Centros de Exposição - Definição das principais zonas ou agrupamento de áreas com atividades correlatas: | 101 |
| 5.1 | Forma e Imagem: Flexibilidade a serviço das ações | 104 |
| 5.2 | Programa de um CEX: Entre os espaços e os ambientes. | 109 |
| 5.3 | Fluxograma de um CEX com CC: | 110 |
| 5.4 | Principais funções dos espaços e ambientes listados no Programa, por item, seguindo a ordem apresentada na tabela III.1. | 113 |

CAPÍTULO IV - DINÂMICA DE USO DOS CEX: As Feiras de Negócios e Exposições Industriais: etapas, agentes e o desenho – A Cidadela do mundo globalizado.

| | | |
|-----|--|-----|
| 1. | Introdução | 151 |
| 2. | A planta da feira: Antecedentes da distribuição dos pontos comerciais da feira e a adoção da retícula ortogonal. | 151 |
| 3. | Duração e periodicidade das feiras: O calendário anual. | 155 |
| 4. | Uso e ocupação dos centros de exposição: Ciclos contínuos de atividades durante o ano. | 157 |
| 4.1 | Os diversos agentes que atuam na realização de uma feira, em todo o seu processo: | 159 |
| 5. | Considerações finais. | 164 |
| i | CONSIDERAÇÕES GERAIS: | 166 |
| | LISTA DE FIGURAS E TABELAS: | 168 |
| | REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E BIBLIOGRAFIA CONSULTADA: | 175 |
| | ANEXOS: | 181 |

CAPÍTULO I
PAVILHÕES: Conceitos e Antecedentes

1. Introdução:

O levantamento das várias acepções do termo pavilhão e de outros relacionados com o objeto de estudo pretende, ainda que breve em sua dimensão e recorte, levantar indícios e antecedentes dos principais usos e elementos de origem da tipologia e de sua implantação, como ferramenta para o entendimento dos componentes ainda presentes nas edificações deste tipo na atualidade.

Antes mesmo do surgimento dos Pavilhões e Centros de Exposições em sua configuração espacial atual, o comércio na antiguidade e o espaço produzido pelas feiras medievais na Europa já apresentavam aspectos importantes para se entender a configuração da tipologia em estudo e suas relações espaciais com o seu entorno e região. Por conseguinte, as transformações sócio-econômicas, técnico-científicas e urbanísticas desde o início da revolução industrial na segunda metade do século XVIII até o início do século XX foram fundamentais para a produção desse tipo de edificação.

Produto desse período, as primeiras Feiras Industriais e Exposições Universais serão brevemente apresentadas como um importante subsídio para a compreensão da evolução espacial da tipologia, dinâmica de funcionamento e relações com o local onde se encontra. Busca-se com isso e em conjunto com os antecedentes levantados, chegar às primeiras características ainda presentes nos Pavilhões e Centros de Exposições, tendo os exemplares da cidade de São Paulo como recorte principal desta pesquisa.

2. Terminologia utilizada:

Os vários significados encontrados para os termos mais aplicados ao tema central da pesquisa, tais como: 'exposição', 'evento', 'feira', 'estande' e,

principalmente, 'pavilhão', oferecem indícios para o entendimento do tema central: Pavilhões e Centros de Exposição.

Destafeita, inicialmente serão apresentadas sínteses de vários termos associados ao tema central, com seus diversos significados e sua origem etimológica:

Estande:

O termo designa espaço para exposições (CUNHA:2007), construções leves ou até mesmo mobiliário ou suporte vertical onde se expõe e/ou vendem produtos e serviços (HORN:2005; STEEL:2000; SUMMERS:2004), podendo ainda se referir a usos como: espaço para observação de um evento ou para jogos. Nas Feiras e Exposições o termo se refere à construção temporária, geralmente montada no interior dos pavilhões, cujo espaço é ocupado pelos expositores para exibir e/ou vender seus produtos e serviços aos visitantes durante o evento (HOUAISS:2001; SEGUIER:2004; BORBA:2004). Com etimologia derivada do inglês: stand, ou seja, 'ficar em pé', relacionado ao latim stare, ou seja, 'estar em pé', por referir-se a uma construção de rápida execução (HOUAISS:2001).

Evento:

Significa um acontecimento, um fato não corriqueiro e contínuo (CUNHA:2007; STEEL:2000). Algo importante ou marcante, festivo (HOUAISS:2001). Em relação aos Centros de Exposição, designa o uso que nele se realiza: as Feiras e Exposições.

Exposição:

Ato de expor, colocar à mostra (FERREIRA:1989). Espaço para expor. Conjunto de objetos organizados sob determinado tema ou categoria para a visitação de um determinado público (HOUAISS:2001; STEEL:2000). Pode ser artística ou

industrial, permanente ou temporária, como no caso daquelas que acontecem nos centros de exposição (LAWSON:2000). Permite forma reduzida: Expo, muito usada na titulação de eventos e locais onde se realizam. Exemplos: ExpoFlora'2008 (nome do evento) e Expo Transamérica (local para eventos). Pela própria etimologia da palavra, que vem de 'expor' (por a mostra, arriscar, contar), de raiz latina: expoer (CUNHA:2007), o termo é mais aplicado em eventos que possuem um caráter mais de divulgação de produtos e marcas do que com finalidade de gerar negócios in loco, ainda que ambas as ações possam acontecer simultaneamente.

Feira:

Atividade comercial, de venda, troca, mercado (SUMMER:2004). O termo tem origem medieval, com raiz latina (feria) e inicialmente estava relacionado a festas religiosas que eram promovidas por autoridades eclesiásticas. Entretanto, tais festas passaram a atrair mercadores e com o tempo as atividades comerciais tornaram-se mais importantes e mais marcantes que os ritos litúrgicos (CUNHA:2007; HOUAISS:2001). Possui duração temporária, podendo ser itinerante ou periódica (STEEL:2000). Hoje, nos centros de exposição, o termo está relacionado aos eventos onde a atividade comercial tem maior importância que a expositiva (FERREIRA:1989). Exemplo: Feira do Livro, Feira de Calçados etc.

Pavilhão:

Construção isolada, podendo ser única ou próxima a uma construção maior (BORBA:2004). Pode ser efêmera, no caso dos pavilhões em grandes exposições, ou permanentes, como parte principal dos centros de exposição (HORN:2005). Pode ainda designar bandeira, como símbolo de uma nação - pavilhão nacional (CUNHA:2007; FERREIRA:1989) ou ainda pequenas

construções abertas, como quiosques e abrigos (SEGUIER:2004; BURDEN:2006), além das aplicadas em jardins (FLEMING:1999). Vem do francês, pavillion e possui origem latina pavillion-onis, comum à da palavra borboleta em francês: papilio (CUNHA:2007; PUENTE:2000).

3. Etimologia:

Considerando como tema principal desse trabalho os pavilhões de exposições, sua etimologia torna-se reveladora:

Ao notar que tanto a palavra 'pavilhão' (*pavillion*) quanto 'borboleta' (*papillon*), em francês, possuem a mesma raiz latina: *papilio* (PUENTE:2000), uma pesquisa breve acerca do ciclo de vida das borboletas forneceu o elemento comum entre eles: a efemeridade de sua existência. Ocorre que, as borboletas atravessam uma metamorfose e, em boa parte das espécies, o tempo total decorrido das três fases iniciais (ovo, lagarta e pupa) é superior ao tempo de vida que ela possui quando atinge o estágio adulto - a borboleta como é comumente chamada. Ou seja, muito tempo e energia para uma vida curta: em algumas espécies, entre os estágios de ovo à pupa decorrem semanas, ou até meses, porém quando se tornam adultas, as borboletas chegam a ter poucos dias de vida (ver Fig. I.1 a I.4).

Assim como a borboleta, muitos pavilhões têm, desde o projeto, a efemeridade de sua existência como premissa. São construções que demandaram tempo e esforço para sua realização, ainda que para um uso temporário. E nem por isso perderam em importância, como disse PUENTE, referindo-se a eles:

“O fato pouco comum que edifícios tão pequenos e de tão curta vida tenham começado a fazer parte da iconografia da arquitetura moderna se deve ao mistério ao qual sempre estiveram imersos, mistério esse inerente às suas condições especiais de concepção: uma gestação curta, uma existência breve e um final súbito.” (PUENTE:2000)



Fonte (da esquerda para a direita, respectivamente): Figl.1: <http://www.ideariumperpetuo.com/borboletas.htm> em 210407 11:46

Fig.l.2, 3 e 4: (<http://www.fotosearch.com.br/fotos-imagens/borboleta>) em 210407 12:11

4. Os Nômades e as Primeiras Construções Efêmeras

Ainda que na iconografia da arquitetura moderna predominem as construções perenes ou para uso por um tempo indeterminado, feitas para durar (PUENTE:2000) e que na busca pela origem da arquitetura e das ordens clássicas, a idéia da cabana primitiva tenha sido abordada e especulada quase sempre em construções estáveis, como em Alberti e Laugier, outros teóricos como Quatremère de Quincy em “L’Architecture égyptienne”, propõem três possibilidades: a caverna, a tenda e a cabana de madeira (Ver Fig. I.5 a I.7). Desta feita, estão assim representados: o abrigo pronto, encontrado na natureza – a caverna, o abrigo estável, perene, porém construído pelo homem – a cabana e, finalmente, aquele abrigo efêmero, leve e de fácil transporte – a tenda (HEARN:2006).



Fig.I.5 (à esquerda) - Grupo de homens primitivos no interior de uma caverna: (http://apoiofraterno.files.wordpress.com/2008/02/homem_cavernas.jpg em 20/07/2008 15:18h).

Fig.I.6 (ao centro) - Mito da Cabana Primitiva, de Laugier (HEARN:2006 Pág.63)

Fig.I.7 (à direita) - Conjunto de tendas de povos nômades (PUENTE:2000 pág.11)

É nessa última que a presente pesquisa se concentra e onde se pode inferir a origem das construções efêmeras, que acompanharam o desenvolvimento do

homem desde os primeiros assentamentos. Os nômades, por viverem em constante mudança em busca de novas terras, ricas em água e alimentos, desenvolveram abrigos, tendas e construções leves de fácil transporte, que lhes permitiam o contínuo deslocamento. Ou seja, aparece aí uma ligação clara entre necessidade de deslocamento e o tipo de abrigo: leve e desmontável. Assim como os mercadores medievais e suas tendas e os estandes (efêmeros) nas feiras atuais (temporárias e periódicas). As tendas primitivas eram construções originalmente simples, com apenas um cômodo, encontradas em pesquisas arqueológicas nas diversas partes do planeta, montadas com todo o tipo de material à disposição no local (galhos, folhas, palha, cipó etc.), além de peles de animais provenientes da caça. E por utilizarem materiais existentes na natureza, as pessoas podiam abandoná-las sempre que o deslocamento se fizesse necessário ou, quando da incerteza de encontrar material em locais áridos ou desérticos, seu transporte se mostrava viável com o uso de animais, por utilizarem material leve (BENEVOLO:1999). O fato é que essas construções descartáveis ou transportáveis foram importantes e asseguraram não apenas a sobrevivência dos povos nômades, como também mais tarde serviram aos exércitos em deslocamento para a guerra, bem como, aos mercadores - viajantes errantes pelo mundo em busca de novos produtos, levando-os aos pontos de venda onde as feiras se desenvolveram.

Para o presente estudo foi considerada apenas a sua evolução na Europa, onde o caráter transitório aliado à evolução tecnológica e às transformações sociais que se seguiram com a revolução industrial foram determinantes na criação dos pavilhões de exposições. Como a abordagem histórica tem caráter investigativo apenas acerca dos usos e espaços pertinentes ao tema,

essas questões serão destacadas e abordadas em seu contexto de época, de modo a explicitar sua contribuição na produção dos espaços para exposições na atualidade.

5. Idade Média: As feiras e as rotas comerciais européias

Durante a idade média na Europa, sobretudo entre os séculos XII e XIV o comércio acontecia com intensidade nas rotas comerciais, inicialmente com predomínio fluvial e marítimo (mar mediterrâneo) e em poucas ligações terrestres (Ver Fig.I.8). O desenvolvimento dessa atividade fez surgir nos principais núcleos urbanos as feiras e mercados de rua e em estratégicos pontos de cruzamentos de vias fluviais e caminhos terrestres (nós), alguns assentamentos impulsionados por essa atividade (KOSTOF:2004).



Fig.I.8 Mapa das principais rotas comerciais da Europa na Idade Média (http://www.saberhistoria.hpg.ig.com.br/nova_pagina_153.htm em 08/06/2008)

Os mercadores traziam produtos dos mais diversos pontos do mundo conhecido da época e se estabeleciam provisoriamente nas principais ruas, dentro das cidades muradas, as cidadelas (Ver Fig.I.9). Com a expansão da atividade, criaram-se subúrbios no entorno das muralhas dos Burgos (denominação das cidadelas fortificadas na França) que foram, com o tempo, demandando a construção de novas muralhas, concêntricas à(s) existente (s).

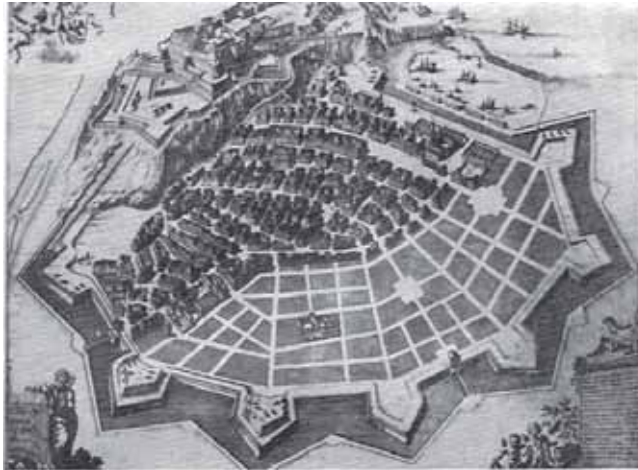


Fig.I.9 – Cidade de Nice, França (MUMFORD:1993)

Na Inglaterra, as “Town Cities” eram os pontos onde se estabeleciam os mercados e feiras (Ver Fig. I.10). Havia cerca de 760 delas no período do reinado Tudor e Stuart (indicar em que período), mais umas 50 no País de Gales. Separadas entre si por algumas poucas milhas de distância, serviam como ponto de distribuição e venda da produção agrícola. Cada cidade tinha sua feira oficial e os mercados aconteciam em dias fixos enquanto as feiras aconteciam periodicamente. Nesse primeiro período, as mercadorias eram expostas em tendas e barracas dispostas ao longo das ruas e praças (linear ou, em alguns casos, algo como “espinha de peixe” com o uso também de vias transversais), em geral agrupadas por produto/ atividade (KOSTOK:2004), o que sugere um zoneamento das feiras por tipo de produto ou serviço comercializado, critério ainda utilizado em muitas feiras e exposições atuais.



Fig.I.10 –Chipping Campden, Inglaterra: Uma típica “Town City” inglesa, onde foi construído um “Market hall” em 1627 na área central da via principal e outros prédios foram sendo agregados com o tempo. (KOSTOF:2004 Fig.75 Pág.93).

As feiras medievais tiveram seu auge na Europa em regiões como as de Champanhe, Flandres e em algumas cidades do mediterrâneo e tornaram-se importantes pontos de troca, constituindo um dos principais aspectos da economia da época. Cidades como Lubek na Alemanha, Bruges na Bélgica e Veneza na Itália, assim como a “Hansa” uma associação que reunia importantes pontos comerciais ao norte da Europa, passaram a dominar o comércio. A intensificação dos fluxos nas rotas comerciais promoveu a interiorização da Europa e influenciou o adensamento urbano das principais cidades, com a expansão das rotas e intensificação das atividades nas principais cidades (VARGAS:1992).

As Feiras Medievais eram as possibilidades de contato entre o homem do campo e o da cidade, entre o local e o estrangeiro, num período de tempo em que a dificuldade de comunicação era grande e a segurança escassa. Elas aconteciam periodicamente, no percurso terrestre das rotas estabelecidas, conforme a estação do ano, os principais produtos ofertados e a demanda local. Desta forma, eram classificadas em Feiras Frias (outono e inverno) e Feiras Quentes (primavera e verão). Muitas delas se originaram de peregrinações e festas religiosas (daí o uso da palavra feira, conforme descrito na terminologia), que atraíam pessoas e mercadores de diversas regiões e aconteciam no entorno das igrejas e abadias, em praças e ruas adjacentes. Com o tempo, as atividades comerciais passaram a ter maior importância que a litúrgica (RAU:1983) (Ver Fig. I.11).



Fig. I.11 – Bispo abençoa feira medieval em praça pública cercada por comerciantes
(http://www.saberhistoria.hpg.ig.com.br/nova_pagina_124.htm em 08/06/2008)

A importância econômica das feiras medievais foi reconhecida pelos reis e pelo clero, que disputavam seu o controle, estabelecendo normas e códigos de conduta, além de impostos aos mercadores estrangeiros por sua participação. Em contrapartida, os “donos” das Feiras (hoje, equivalente a “promotores” nas feiras e exposições) ofereciam proteção e salvo-conduto aos seus mercadores, como forma de incentivar a sua participação. Além disso, havia o pacto entre os reinos de não invasão ou ataque às cidades enquanto houvesse uma feira acontecendo – A “PAX da Feira”. Bandeiras e flâmulas eram utilizadas como sinalização do seu início e término (daí a origem de um dos usos atuais do termo pavilhão: uma bandeira, como símbolo de uma organização, cidade ou nação – o pavilhão nacional). Os comerciantes locais penduravam na fachada, em local visível, o produto que eles comercializavam em seus estabelecimentos, estrategicamente localizados nas ruas e praças onde se davam as feiras (RAU:1983).

As Feiras medievais e o comércio que ali se estabelecia demandavam locais de pouso e hospedagem para os viajantes, sendo esse tipo de atividade um dos precursores dos primeiros estabelecimentos hoteleiros, ainda que precariamente, absorvendo essa população flutuante excedente e temporária:

“O comércio é o responsável histórico pelas formas mais antigas de oferta hoteleira. As rotas comerciais da Antiguidade, na Ásia, na Europa e na África, geraram núcleos urbanos e centros de hospedagem para o atendimento aos viajantes” (ANDRADE, BRITO e JORGE:2007).

Socialmente, seu papel era o de catalisadora das relações entre o público local e o estrangeiro, atraindo o morador do campo para a cidade. Era a oportunidade dessas pessoas de vida isolada terem contato com outras culturas, com as novidades trazidas pelos mercadores e de interação com o mundo que ali se reunia.

Espacialmente, com o adensamento, a cidade se expande, o comércio local permanente se amplia, os armazéns e “Market Halls” são construídos para abrigar mercados especializados (Ver Fig. I.12 a I.14) e os limites então estabelecidos pelos muros dos Burgos tornam-se insuficientes para receber essa nova população e a cidade mais uma vez se expande, fora dos muros.



Fig. I.12 (à esquerda): Ypres, Cloth Hall, cerca de 1200 e posterior (PEVSNER:1997 Im.5.4 Pág. 236)

Fig. I.13 (ao centro): St. Pierre-sur-Dive Market Hall, Séc. XIII-XIV (PEVSNER:1997 Im. 5.5 Pág.237)

Fig. I.14 (à direita): Richelieu, Market Hall, cerca de 1630 (PEVSNER:1997 Im. 5.6 Pág. 237)

6. Século XV até meados do século XVIII: Do mercantilismo aos grandes Halls

Esse período foi marcado pelas grandes descobertas marítimas e da extensão do mundo tal qual o conhecemos hoje e a colonização de terras estrangeiras. Como consequência houve a expansão das fontes produtoras e dos mercados consumidores. Grandes impérios europeus como os de Portugal, Espanha, França e Inglaterra (dotadas de grande poderio e tecnologia naval), conquistaram

vários territórios ultramarinos na América, África, Ásia e Oceania, fazendo dos produtos originários de suas colônias uma de suas maiores fontes de riquezas e de comércio.

Com as grandes navegações, entrepostos e feitorias (no caso português) se estabeleceram como pontos intermediários de parada, armazenagem e distribuição de mercadorias, enquanto nas cidades, cada vez mais adensadas, a população e o comércio fora dos muros seguiam expandindo os limites do núcleo urbano. Os monopólios das grandes nações e seus jogos de poder atraíram artesãos e produtores de diversas partes para os seus domínios como estratégia de controle do mercado. A população dos burgos aumentou sensivelmente e uma casse de pessoas e mercadores extramuros, que viviam e comercializam na periferia, chamados burgueses, começaram a pressionar o poder local por mais segurança e menos impostos, fazendo surgir novas muralhas, de modo a promover a segurança da população e livrar o comércio dos saqueadores, trazendo assim o comércio para o interior dos muros (BRAUDEL:1996).

A partir do século XVI, com o comércio já estabelecido em locais fixos surgem os grandes mercados, os Halls na Inglaterra e Les Halles na França, como o de Paris, que ocupava uma área de 50.000m² de terreno (BRAUDEL: 1996).

Nesse período, pequenas construções quadradas e circulares, cobertas e inseridas em jardins ricamente elaborados, foram implantadas em parques e jardins palacianos e eram chamados de pavilhões, donde surgem os primeiros registros de uso desta palavra para designar um tipo de construção. Simples, abertas nas laterais, porém dotadas de apuro estético, funcionavam como abrigos de verão e permitiam uma visão privilegiada da paisagem por estarem levemente elevados em relação ao solo oferecendo maior visibilidade do entorno. É curioso e pode-se

até supor que tais construções, como abrigos elevados, permitiam a quem nele estivesse quase que um sobrevôo, como o faz uma borboleta, seria essa uma analogia pertinente para apropriação do termo a esse tipo de construção¹.

Com a consolidação de um comércio fixo e crescente nas cidades (em armazéns ou mercados especializados), concomitante ao declínio do sistema feudal, as feiras periódicas entraram em declínio, só retomando sua importância com a Revolução Industrial e o advento das Feiras de Negócios no século XX, estas derivadas das Exposições Industriais (segunda metade do século XVIII) e das Exposições Universais (a partir da segunda metade do século XIX). Até lá, o comércio se especializa, as vendas passam a ser diárias e acontecem em mercados cobertos (market hall), armazéns (galpões), como o mercado dos fios de Amiens e o do Trigo em Toulouse, ambas na França, do vinho, couros, calçados e peles das cidades alemãs de Kornhäuser, Peltzhauser e Schuhhauser entre outros.

7. Segunda metade do Século XVIII: Surgem as Exposições Industriais e O Grande Pavilhão de Exposições:

Com a Revolução Industrial, iniciada no século XVIII, a transformação do processo fabril inicia uma vertiginosa mudança nas cidades. Os artesãos são atraídos para as recentes fábricas e uma nova população de operários se agrupa junto aos antigos muros das cidadelas, em condições insalubres e precárias. Com o avanço da produção em série e não mais em matéria-prima ou produtos artesanais, mas em produtos industrializados, surge uma massa populacional consumidora, reforçando as engrenagens do sistema capitalista e dando início à “Sociedade de

1. Construções similares foram implantadas em parques e passeios públicos no Brasil do século XIX e começo do século XX, usados também para apresentações musicais, sendo denominadas de “coretos”.

Consumo”: Uma burguesia extravagante e disposta ao consumo - pessoas com poder de compra e ávidas por novidades. Elas acreditavam que a aquisição das novidades lhes proporcionava status e poder (BAUDRILLARD:2005).

A Inglaterra, com colônias estabelecidas nos cinco continentes, era o império dominante e junto com a França liderariam os avanços científicos e as transformações tecnológicas que seriam introduzidas no cotidiano da sociedade através da revolução industrial.

Esse novo processo produtivo, mecanizado, encontra barreira na mão-de-obra artesanal e na imagem de um futuro sóbrio que a substituição do homem pela máquina poderia trazer e resistência por parte dos produtores de manufaturados que se utilizavam dos métodos tradicionais de produção. Além disso, a população não possuía conhecimento o suficiente para alcançar os benefícios que a industrialização poderia lhes trazer em seu dia-a-dia. Esse clima de insegurança e desconfiança foi enfrentado por pensadores franceses como Voltaire, Diderot e Rousseau e através de ações com objetivos claros de levar a razão e a ciência, bem como, expor e demonstrar os benefícios que o processo fabril oferecia: As Exposições Industriais. A França, sob o regime do diretório, torna-se pioneira desse tipo de evento, realizando em 1798 sua primeira exposição industrial. Até 1849 foram realizadas onze exposições nacionais e serviram para que o governo francês pudesse auferir o progresso de sua indústria (PESAVENTO:1997).

A França e Inglaterra já buscavam novas formas de expor ao povo as novidades que esse novo mundo da indústria proporcionava. Isso se traduziu especialmente nas passagens e galerias francesas (Ver Fig. I.15), como recurso de ampliação das vias de passeio através da ocupação dos vazios no interior das

quadras, dinamizando o comércio e embelezando o percurso: Corredores ladeados por lojas e com coberturas de vidro ampliavam a malha urbana, oferecendo um novo atrativo ao público consumidor. Agregando conforto e criando um ambiente aconchegante, traziam para dentro a liberdade e a locomoção que a rua oferecia e projetava para fora, através das vitrinas, o que dentro dos estabelecimentos se produzia ou comercializava (PESAVENTO:1997).



Fig.I.15: Galeria Vivienne, em Paris 1823-1826 (GÖSSEL e LEUTHÄUSER:2005 Pág. 24).

Quanto às técnicas construtivas, vale dizer que nesse período o uso do ferro e do vidro era cada vez mais freqüente, influenciando intensamente a produção arquitetônica, sobretudo a Vitoriana, na Inglaterra. Foi nesse contexto que um arquiteto se destacou em particular: Joseph Paxton. Ele adquiriu o domínio do uso de ferro e vidro como matérias primas básicas para a construção, erguendo várias estufas em cidades do interior da Inglaterra, destinadas ao cultivo de plantas (Conservatory Halls) (Ver Fig. I.16 e I.17).



Fig. I.16 (à esquerda): Chatsworth, Inglaterra – Conservatory Hall 1837-40 (PEVSNER:1997 Im. 5.19 Pág. 241)

Fig. I.17 (à direita): Chatsworth/ Derbyshire, Inglaterra – Conservatory Hall 1836-41 (GÖSSEL e LEUTHÄUSER:2005 Pág. 25)

Sua experiência com esses materiais e esse tipo de construção foi fundamental para que o seu maior projeto: O Crystal Palace (Ver Fig. I.18) se tornasse realidade naquela que é considerada a primeira construção de grande porte no mundo erguida com elementos construtivos pré-fabricados em aço e vidro, montados no local (PEVSNER:1997).

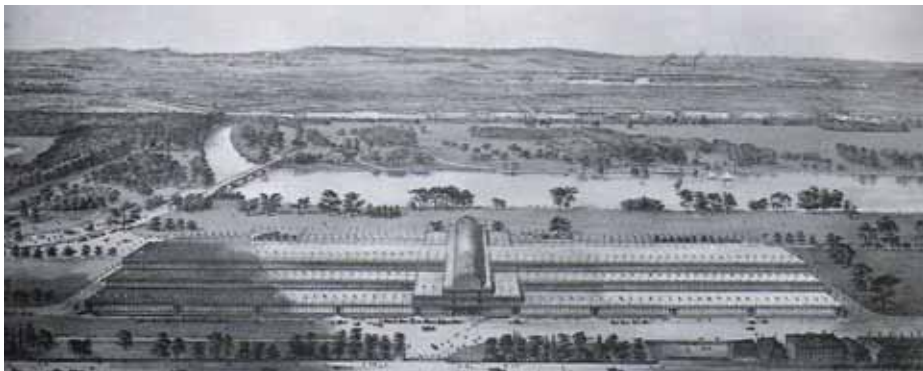


Fig. I.18: Crystal Palace, Londres, 1851 Vista aérea (Majesty Magazine:2007)

Apesar da experiência dos franceses com exposições industriais nacionais e da tentativa de alguns políticos e membros do governo em agregar a elas representações de outros países em uma grande exposição internacional na edição de 1849, o clima protecionista em relação à indústria francesa e o medo da concorrência impediram que isso se concretizasse. A Inglaterra, que possuía o maior império com um conjunto de colônias espalhadas pelos cinco continentes, dotada de um reconhecido poderio naval, além de possuir o maior parque industrial da época, concretiza essa idéia e realiza a primeira Exposição Universal, em Londres, em 1851, com a presença da Rainha Vitória e do Príncipe Albert, cuja atuação direta na organização da mostra foi decisiva para sua viabilização (PESAVENTO:1997)(Ver Fig. I.19).



Fig. I.19 (à esquerda): Vista do interior do eixo longitudinal do Crystal Palace no Hyde Park, em Londres, Inglaterra, em 1851. Fonte: “Dickson’s Comprehensive Pictures of the Great Exhibition” em GÖSSEL e LEUTHÄUSER:2005.

Fig. I.20 (à direita): Vista do interior do eixo longitudinal do Crystal Palace, agora com teto abobadado, montado em Sydenham, Inglaterra, 1854. Fonte: GÖSSEL e LEUTHÄUSER:2005.

Foram reunidos em um pavilhão de ferro e vidro com cerca de 560m de comprimento na nave maior e 285m na nave transversal, com 123m de largura e mais de 33m de altura na parte central da cobertura em abóbada. Um exemplar que muitos consideram como o marco da arquitetura pré-moderna. O Palácio de Cristal se estabelecia como modelo de espaço ideal para essas atividades, sendo considerado o primeiro grande pavilhão de exposições (PEVSNER:1997).



Fig. I.21: Crystal Palace, Primeiro estudo com somente um eixo (PEVSNER:1997 Im. 5.30 Pág. 244).

Sua planta em forma de cruz apresentava um esquema de circulação linear todo construído com peças de aço e vedações em vidro. O pavilhão possuía teto em abóbada de canhão apenas no eixo transversal, em sua primeira montagem no Hyde Park, em Londres(1851), pois, no primeiro estudo, Paxton não havia inserido o eixo transversal com a grande abóbada (Ver Fig. I.20). Ele foi remontado em 1854 com abóbodas nos dois eixos, em uma outra região de Londres e assim permaneceu até o incêndio que destruiu o pavilhão em 1936. Possuía mezaninos laterais por toda sua extensão, onde também havia exposição de objetos suspensos e fixados no forro, sobre pedestais ou ainda em vitrinas.

O traçado linear da disposição dos espaços expositivos sugere uma possível herança das feiras de rua, onde seqüências de tendas e barracas ocupavam as ruas (principal e suas transversais) por onde se estabelecia, bem como uma ligação com as galerias e passagens (ver Fig.I.21), tão comuns nesse período na França e na Inglaterra, sobretudo pelo uso do teto em ferro e vidro e ruas internas ladeadas pelos espaços expositivos, como se fossem vitrinas.



Fig. I.22: Galeria D'Orleans, Paris 1828-30 (PEVSNER:1997 pág.264)

Sobre a qualidade dos produtos industriais ali expostos e as diferenças entre o nível de desenvolvimento das nações ali presentes, muito foi comentado e as diferenças foram objeto de discussões e comparativos, principalmente sobre as duas archi-rivais - Inglaterra e França e uma potência industrial emergente -

Os Estados Unidos:

“A França é muito aristocrática na sua indústria: ela só sabe fazer boas coisas e só faz coisas para os ricos; sua indústria toca a arte e seus operários são artistas. [...] A aristocrática Inglaterra faz o contrário. Prepara produtos para o consumo popular. Ela trabalha para as classes mais baixas, ela as veste, as alimenta, as mobília aos mais baixos preços. [...] Ela nos bate nesse terreno e nós no nosso. Mas os Estados Unidos estão começando a aparecer no terreno inglês, aperfeiçoando suas máquinas”. (“Revue des Deux Mondes” em PESAVENTO:1997).

Segundo o historiador Werner Plum, na exposição de Londres, 1851, a França e a Alemanha apresentavam maior desenvolvimento quanto à capacitação técnico-científica, mesmo não obtendo o mesmo rendimento da indústria inglesa ao passo que esta alcançava os melhores resultados de produtividade. Ele fundamenta essa questão no nível de atuação dos governos: Enquanto na França e na

Alemanha o governo promove o aprimoramento técnico e investe na capacitação profissional como forma de atender as necessidades da indústria, na Inglaterra isso fica a cargo da iniciativa privada, mais centrada em aumento de produtividade e redução de custos. Essa diferenciação entre a Inglaterra e a França e sobre uma possível tendência dos franceses de procurarem uma “industrialização da arte” se torna evidente através dos espaços e construções produzidas, como na Exposição de Paris de 1855, onde os pavilhões franceses primam pelo uso de elementos decorativos, estatuária e adereços de referência clássica, utilizando-se de elementos da história e da mitologia para apresentar as novas conquistas da época, a exemplo da entrada do Palais de L’Industrie em forma de “arco do triunfo” (ver Fig. I.23 e I.24) (PESAVENTO:1997).



Fig. I.23 (à esquerda) e I.24 (à direita): Ilustrações da fachada principal e do interior do Palis de L’Industrie, pavilhão construído para a Exposição de Paris de 1855 (<http://images.bridgeman.co.uk/> em 14/02/2009 13:57h).

Entretanto, será o modelo de construção londrina para exposições, com poucos adereços e elementos alegóricos que será cada vez mais utilizado e adotado como padrão no século XX aos dias atuais, com raras exceções.

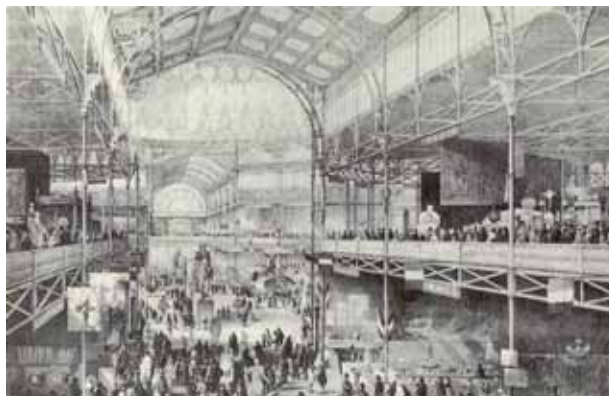


Fig. I.25: Crystal Palace de Nova York, 1853 (PEVSNER:1997 Im. 5.32 Pág. 246).



Fig. I.26 e I.27: Pavilhão para Exposição Industrial de Munich, Alemanha, 1853-1854 (GÖSSEL e LEUTHÄUSER:2005).

A exposição de Londres, com um público visitante de mais de seis milhões de pessoas, foi um imenso sucesso dando início a um ciclo de Grandes Exposições Universais em diversos países e o Palácio de Cristal se mostrou tão apropriado à função de local de exposições que inspira sua reprodução, literal (ainda que parcial) ou conceitual, às vezes como réplicas em aço e vidro com abóbodas ou cúpulas no teto, como o de Nova York, em 1853 (ver Fig. I.25), ou apenas copiando sua planta em cruz, como o de Fowke, em Munique, na Alemanha, em 1862 (ver Fig. I.26 e I.27). O fato é que a idéia de um evento que reunisse a produção cultural e industrial das nações num único espaço foi um sucesso. A existência de uma construção que abarcasse essa missão se mostrou plenamente viável, não apenas como demonstração de poder da nação sede, mas como possibilidade das nações expositores apresentarem e divulgarem suas conquistas para um público imenso que, por sua vez, encantado com o espetáculo da modernidade que ali se descortinava, repleto de novidades que viriam a transformar irremediavelmente o cotidiano das sociedades ocidentais na segunda metade do século XIX:

“Por meio das exposições, a burguesia encontrou um veículo adequado para a circulação não só de mercadorias, mas de idéias em escala internacional. Ou seja, as exposições não visavam apenas ao lucro imediato, advindo do incremento das vendas ou do estímulo à produção industrial pela comparação entre os potenciais das diferentes nações. As exposições foram também elementos de difusão/aceitação das imagens, ideais e crenças pertinentes ao ethos burguês” (PESAVENTO:1997).



Fig. I.28: Pavilhão Central, Exposição de Paris 1867 (PEVSNER:1997 Im.5.37 Pág.247).

Na exposição de 1867, em Paris, aparecem elementos isolados, fora do grande Pavilhão Central: São os pequenos pavilhões ou simplesmente: pavilhões das nações, que erguem seus próprios edifícios (Ver Fig. I.28). Em relação à planta da exposição em Londres, em 1851, ocorre uma mudança radical na circulação através dos diversos caminhos sinuosos e irregulares que circundam e que ligam o pavilhão central aos diversos pavilhões menores (Ver Fig. I.29). Essa é uma acepção da palavra 'pavilhão' que permanece em muitos dicionários, conforme descrito no item 2 deste capítulo: o de uma construção isolada, satélite a uma maior.



Fig. I.29: Rua do Cairo, Exposição Universal de 1878 (PESAVENTO:1997)

A circulação geral se torna mais dinâmica e mimetiza com os passeios públicos e o desenho espontâneo da parte mais antiga de uma cidade (que está à sua volta). O espaço de cada expositor deixa de ser apenas uma pequena parte do interior de uma única construção para tornar-se uma edificação própria, com forma e linguagem escolhida como representação daquele país. Algo que será adotado cada vez mais nas exposições seguintes e que surgem como embriões do que

virão a ser os “estandes”, dentro dos grandes pavilhões das Exposições Industriais e Feiras de Negócios no decorrer do século XX.

8. Séc XX: As Exposições Industriais Modernas, As Feiras de Negócios e Os Centros de Exposição:

Já nas primeiras décadas do século XX a participação das nações nas exposições universais agrega um outro papel: o de vitrina para novas estéticas na construção e como meio de divulgação das novas idéias e teorias dos arquitetos (CARVALHO:2008). A expansão das indústrias nas mais diversas áreas de produção passam a demandar meios eficazes de difusão de idéias e escoamento de produtos em larga escala para atingir novos mercados. Encontram mais uma vez nas exposições universais a inspiração para a regionalização e a criação de novas exposições que tendem a seguir um processo de contínua profissionalização na organização e produção de tais eventos.

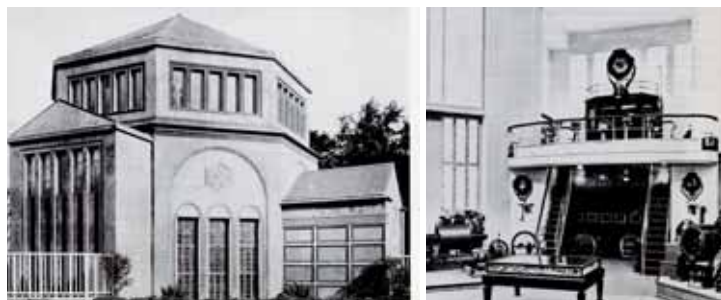


Fig. I.30 (à esquerda) e 31 (à direita): Pavilhão AEG na Exposição Alemã da Construção Naval, Berlim, 1908 (PUENTE:2000 Pág.22 e 23).

A participação cada vez mais ativa dos arquitetos na concepção dos pavilhões das representações de países (e agora também das indústrias) em tais eventos faz surgir parcerias entre elas e os arquitetos. Alguns nomes e marcas se destacam nesse momento, como a empresa AEG e o arquiteto Peter Behrens (ver fig. I.30 e I.31).



Fig. I.32: Estande Olivetti, Feira de Milão, 1935 projeto de Luigi Figini e Gio Ponti (COLLI e PERRONE:2003 Pág.24).

A empresa Olivetti, que através do diretor Adriano Olivetti fechou parcerias com artistas, arquitetos e projetistas com o propósito de impulsionar a imagem da sua empresa (Ver Fig. I.32) ou ainda a empresa Vitra e o arquiteto Mies Van der Rohe (Ver Fig.I.33).



Fig. I.33: Seção de Vidros na Exposição Deutsches Volk/ Deutsches Arbeit, 1934. Projeto do arquiteto Mies Van Der Rohe e Lilly Reich (COLLI e PERRONE:2005 Pág. 19).

Também organizações como a Deutsche Werkbund, da Alemanha, inspiradas no modelo americano de 'empresa-nação' (que representava as empresas e disseminava a imagem de sua origem americana) reunindo empresas e associações industriais, teve sua importância na reestruturação das participações das indústrias nos eventos, entendendo o poder das feiras e exposições como catalisadoras de um público consumidor e tendo nos espaços expositivos, um valioso agente de comunicação de massa, mais que um suporte para mostra de objetos. Desta feita, amplia-se o suporte do discurso para além dos produtos, atingindo a edificação, o mobiliário expositivo, o material publicitário – e aí se inclui o catálogo de produtos,

todos contribuindo e transmitindo uma mesma idéia e reafirmando o valor da indústria, ou melhor, da marca (COLLI e PERRONE: 2003).

Em resposta às expectativas da indústria em atingir um nível de comunicação elevado com o público, os arquitetos e organizadores procuravam a diversificação em sua forma de expor, recorrendo a recursos pouco convencionais para a época, como deslocar o foco do produto acabado para a matéria prima e o processo de produção, como o fez Lilly Reich na Feira Internacional de Frankfurt, em 1926:

“Más que exhibir el producto en su estado natural, decidíó exhibir la manufactura del material en bruto, algo que se convertió en un arquetipo de sus exposiciones futuras” (COLLI e PERRONE:2003).

É um período de gestação de novas formas de apropriação do espaço em exposições, são construções dentro de construções, que passam a ser denominadas de estandes.

Em 1927 o arquiteto Mies Van der Rohe faz o planejamento geral da exposição Weibenhofsiedlung, em Stuttgart, na Alemanha e nomeia Lilly Reich como sua colaboradora e responsável pela exposição *Die Wohnung* na Gewerbehalleplatz, no centro da cidade. É interessante notar através das imagens como se deu a ocupação do pavilhão nas exposições em questão: São blocos formando uma malha de ruas internas ao pavilhão, como uma trama urbana, subdivididos em pequenos lotes ocupados por pequenas construções: os estandes. Espaços contíguos, cada um para o uso de um expositor ou fábrica. Com um traçado rígido e ortogonal que lembra o da cidade de Mileto e de outras Cidades-Estado da Grécia antiga (Ver Fig. I.34 e I.35) e retomado pelos arquitetos modernos, essa é a configuração espacial predominante nos dias atuais em quase todas as Feiras de Negócios e Exposições Industriais.



Fig. 1.34 (à esquerda): Planta da Cidade de Mileto, projeto de Hipodamo, cerca de 479 a.C. (MORRIS:1992 Fig. 2.8 Pág.44).

Fig. 1.35 (à direita): Planta da Feira Escolar de 2006, Pavilhão de Exposições do Anhembi, São Paulo (Fonte: FRANCAL, promotora do evento).

As parcerias entre indústria e arquitetos se intensificam e estes se apropriam da missão a que foram confiados e passam a usar o evento também para apresentar as suas idéias acerca da arquitetura.



Fig. 1.36: Pavilhão Deutz, Exposição da Deutsche Werkbund, Colônia, Alemanha, 1914 (PUENTE:2000 Pág. 34).



Fig. 1.37 (à esquerda) e 1.38 (à direita): Pavilhão L'Esprit Nouveau, Exposição Internacional de Artes Decorativas, Paris, 1914 (PUENTE:2000 Pág. 48).

Para citar alguns: Walter Gropius com Adolf Meyer para a DEUTZ e sua “estética da máquina”, em Colônia, Alemanha, 1914(ver Fig. I.36); Le Corbusier com Pierre Jeanneret e o Pavilhão *L’Esprit Nouveau* e sua “célula habitável”, em Paris, 1925 (ver Fig. I.37 e I.38); o Pavilhão *Les Temps Modernes*, em Paris, 1937 com sua estrutura metálica leve, em forma de tenda, concebida para ser desmontada e transportada para outro local; o Pavilhão *Phillips-Poème Électronique* com Gerrit Th. Rietveld, em Bruxelas, 1958; Mies Van der Rohe em colaboração com Lilly Reich faz a “Sala de Vidro” para a Associação alemã para fabricação de vidro de Colônia, em Stuttgart, 1927 que lhe serviu de experimento para o Pavilhão da Alemanha de 1929, em Barcelona (ver Fig. I.39) entre outros (CARVALHO:2008).



Fig. I.39: Pavilhão Alemão, Exposição Internacional de Barcelona, 1929 (GEORGE-KOLB-MUSEUM e VERLAG:2006 Pág. 75).

Ao longo do século XX as Exposições Universais, hoje chamadas de Internacionais, foram perdendo sua importância como evento catalisador e divulgador de novos produtos e seu poder de sedução perante o público para as Exposições estritamente Industriais. Em compasso com a expansão do mercado e o aprimoramento da indústria em geral, as Exposições Industriais passam a focar um tipo de produto, serviço ou ramo de atividade, iniciando um ciclo de expansão (ramo de atividade) e segmentação (várias exposições ou feiras de negócios direcionadas a um tipo de produto ou serviço dentro de um mesmo ramo de atividade), modelo que permanece até os dias atuais. Além disso, incorporaram também a atividade de compra e venda, dando origem às Feiras Comerciais ou de Negócios.

As Feiras de Negócios e as Exposições Industriais passaram a utilizar somente o espaço coberto dos pavilhões que, em alguns casos, promoveram a expansão ou a construção de anexos aos pavilhões originalmente construídos para as Exposições Universais, como é o caso do Centro de Exposições de Bruxelas, na Bélgica. A construção de outros pavilhões passíveis de comunicação e interligação entre si passou a permitir a existência de mais de um evento simultâneo, no conjunto de pavilhões, agora chamado de Centro de Exposições. A busca por espaços mais amplos e o constante desenvolvimento tecnológico fez surgir espaços cada vez mais amplos com um mínimo ou nenhum número de colunas no meio do pavilhão, dando maior flexibilidade na formulação do desenho das feiras (ver Fig. I.40 e 41).



Fig. I.40 (à esquerda): Esquema preliminar de Centro de Exposições em Chicago, Estados Unidos, 1953, de Mies Van Der Rohe, com aeroporto acima (PUENTE:2006 Pág. 16 e 17).
 Fig. I.41 (à direita): Vista aérea do Pavilhão de Exposições do Anhembi, em São Paulo, com o aeroporto Campo de Marte à direita a via expressa da marginal do Rio Tietê. (Fonte: www.anhembi.com.br).

Com o aprimoramento técnico das feiras e exposições, outros tipos de eventos surgem em paralelo, voltados principalmente para um público técnico, especializado no assunto (massa crítica): Congressos e Convenções. Para abarcar essa nova demanda, foram criados os espaços anexos, isolados ou no interior dos pavilhões, para atender às necessidades desse tipo de reunião: os auditórios. Além disso, salas de conferências, menores, foram criadas e incorporadas ao complexo passando esse complexo a ser denominado de Centros de Convenções.

Os exemplares mais recentes de Centros de Exposição contam com um Centro de Convenções em anexo, de modo a aumentar o número e o tipo de eventos que o complexo pode oferecer, aumentando sua capacidade de atrair eventos e favorecendo sua operacionalidade. Encontram-se, em geral, implantados em cidades com grande acessibilidade, grandes aeroportos e hubs (do inglês, nós ou pontos de conexão de rotas), boa infra-estrutura hoteleira para atender aos visitantes ou turistas de eventos (população flutuante), centros administrativos ou parques industriais, centros de pesquisa tecnológica e/ou acadêmica e com boa infra-estrutura de serviços em geral². Cidades como Londres, Paris, Frankfurt, Chicago, Detroit, Milão, Hong Kong, entre outras, são consideradas pólos de Feiras e Exposições por sua importância econômica no cenário mundial e a infra-estrutura oferecida (LAWSON:2000).

9. São Paulo e As Feiras de Negócios e Exposições Industriais: Antecedentes e Os Primeiros Pavilhões de Exposições da Capital:

A Cidade de São Paulo é considerada por órgãos oficiais de turismo e de negócios como a Capital brasileira das Feiras de Negócios e Exposições Industriais³, por concentrar o maior número de eventos deste tipo e outros afins (como Congressos e Conferências), cuja importância para a economia da cidade e do país vem sendo cada vez mais reconhecida⁴. Sua consolidação como pólo industrial ao longo do século XX foi decisivo para que ela passasse a atrair e desenvolver uma verdadeira indústria de eventos. A Capital paulista desponta no cenário internacional como um

2. A existência desses atributos no local onde estão os Centros de Exposição será abordada no capítulo que trata da Dinâmica de funcionamento dos Pavilhões e Centros de Exposição.

3. EMBRATUR (Empresa Brasileira de Turismo); SPC&VB (São Paulo Convention & Visitors Bureau) e UBRAFE (União Brasileira dos Promotores de Feiras).

4. Esse contexto será abordado com mais detalhes no capítulo seguinte.

dos maiores centros de realização de eventos do gênero. Entretanto, para entender como ela atingiu esse estágio de desenvolvimento, cabe uma breve descrição da implantação das primeiras construções destinadas às exposições industriais, sua conformidade espacial e como isso teria favorecido a expansão de suas principais atividades: as Feiras de Negócios e Exposições Industriais.

Até meados do século XIX, a grande metrópole brasileira e capital do país era a cidade do Rio de Janeiro. A monarquia ainda era o regime de governo do Brasil e o imperador, D. Pedro II, homem culto, refinado e com especial curiosidade intelectual pelas ciências e pelos avanços tecnológicos. Esse perfil foi fundamental, pois acompanhando as notícias que chegavam da Europa acerca das Exposições Universais, desde a de Londres 1851, o imperador respondeu de maneira positiva à participação brasileira em tais eventos. Entretanto, foi a má repercussão da representação brasileira na Exposição de Paris em 1855, para onde teria levado apenas minerais, plantas e animais que o país entraria de fato na “corrida expositiva” do século XIX. Com o convite para participar da próxima Exposição Universal de 1862 em Londres o governo brasileiro decidiu fazer exposições regionais preparatórias para uma exposição nacional, onde seriam selecionados os produtos que seriam enviados a Londres. Sancionado pelo imperador em 1861, as exposições regionais foram levadas a cabo por pressões de políticos e personalidades influentes da época, como Machado de Assis, que muito ironizava a morosidade em executar tais eventos. Diversas exposições regionais foram realizadas nas diversas províncias brasileiras, sendo a primeira em novembro de 1861 e a exposição nacional realizada em dezembro do mesmo ano, na cidade do Rio de Janeiro, então distrito federal e sede da corte. Outras exposições preparatórias se sucederam sempre com vistas a uma melhor participação do país nas Exposições Universais, buscando assim

melhorar a imagem do país no exterior, divulgando nossos produtos de exportação com o objetivo de aumentar as exportações. Além disso, a delegação brasileira estava incumbida de produzir relatórios acerca das novidades e da repercussão da nossa participação no evento. Como foi dito anteriormente, a partir da exposição de 1867 os países foram “convidados” a construir seus próprios pavilhões de representação e o Brasil assim o fez, porém sem que se pensasse numa edificação que simbolizasse uma identidade ou cultura nacional. A arquitetura dos pavilhões do Brasil, por várias edições, apenas se utilizava de estilos diversos para produzir um efeito visual exótico, colorido, atraente e que, no máximo, combinava com nossas plantas, como o pavilhão mourisco na Exposição da Filadélfia em 1876 (ver Fig. I.42 e I.43) (PESAVENTO:1997).

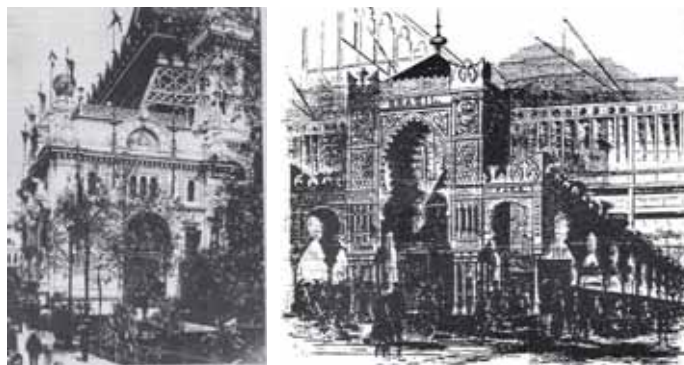


Fig. I.42 (à esquerda): Pavilhão brasileiro na Exposição Universal de Paris, 1889 (PESAVENTO:1997 pág.194).

Fig. I.43 (à direita): Fachada da divisão brasileira no prédio principal, em estilo “mourisco”. Exposição da Filadélfia, 1876 (PESAVENTO:1997 pág. 158)

Enquanto isso, São Paulo que começara o século XIX como um pequeno vilarejo, somente a partir da década de 70, com o avanço da cultura do café e o aumento da importância desse produto no comércio internacional, além da implantação da rede ferroviária para o escoamento da produção até o porto de Santos, passando pela capital da Província veria o progresso chegar de maneira intensa e acelerada. O aumento do comércio, da imigração e da população faria surgir em três décadas uma metrópole, que saltaria de uma população de 23.253

habitantes em 1874 para 239.820 habitantes em 1900 (EMPLASA:2001). A cidade que ocupava inicialmente a colina numa área descrita como triângulo formado pelos Conventos de São Francisco, do Carmo e do Mosteiro de São Bento vencia os limites dos vales à sua volta. Primeiro o do Anhagabaú, com a construção de vários viadutos e o loteamento de chácaras em direção ao que hoje é a Praça da República. Do outro lado, havia a Várzea do Carmo, uma extensa área alagadiça entrecortada pelo rio Tamanduateí. Foi para esse lado da cidade a proposta mais ousada: a de “sanear e embelezar” a área, com a realização de uma Exposição Continental, prevista para 1892, cujo planejamento ficou a cargo de um jovem arquiteto: Francisco de Paula Ramos de Azevedo e o projeto foi exposto na vitrina da Casa Garraux situada na rua 15 de novembro. Um anúncio no jornal “Correio Paulistano” de 24 de outubro de 1890 descrevia, em linhas gerais, a proposta apresentada pelo arquiteto e cuja compreensão de sua ocupação espacial pode ser auxiliada pela planta da região (ver Fig.I.44):

“A área da exposição ficará entre o aterrado da rua do Brás e o da Rua do Gasômetro. A entrada principal deverá ser do lado da rua 25 de Março, pouco além do atual portão que conduz à Ilha dos Amores.

O leito do rio Tamanduateí será transportado para o meio da várzea. Aí serão canalizadas as águas, formando como dissemos, uma vastíssima bacia que ficará fronteira ao pavilhão central do grande palácio, que dominará todo o plano e oferecerá vistosa perspectiva desde o portão de entrada.

Logo após a entrada haverá um pequeno jardim inglês e depois em forma de semicírculo, uma vasta praça, intitulada dos Estados Unidos do Brasil, contornada por vinte pavilhões consagrados a cada um dos Estados e tendo no centro o arco triunfal.

Atrás do palácio principal, levantar-se-á o das máquinas e aos lados, entre bancos de relva jardins e arvoredos diversos palacetes consagrados ao comércio, às artes, e à indústria”. (“Exposição Continental” – Correio Paulistano, em SEGAWA:2000).

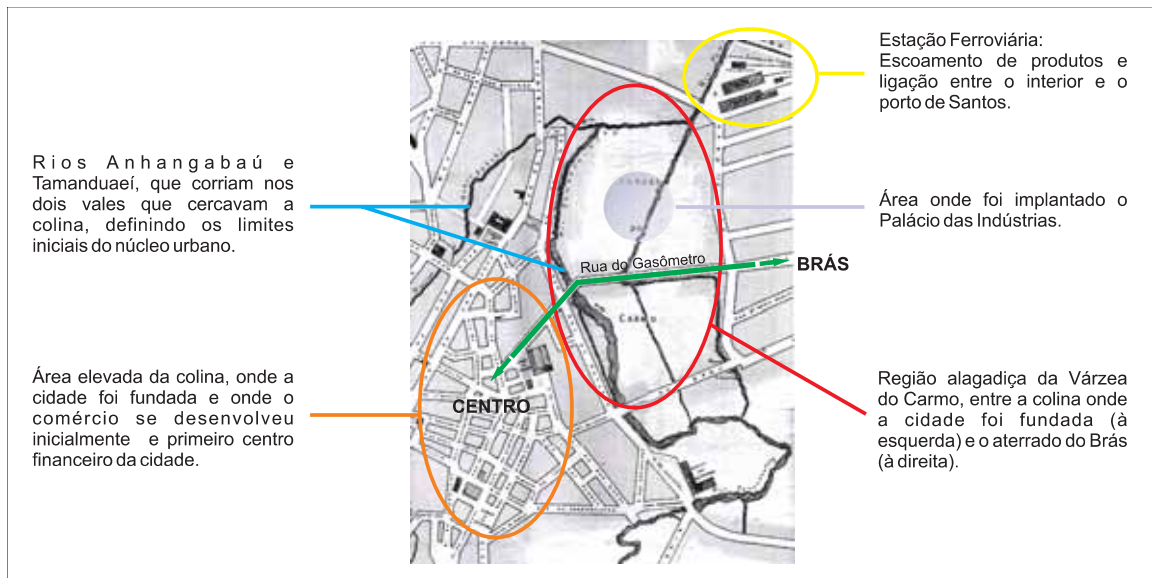


Fig. I.44: Equipamentos e detalhes da região onde foi implantado o Palácio das Indústrias sobre trecho do mapa da cidade de São Paulo publicado por Jules Martin em 1890. Fonte:SEGAWA:2004 pág.43.

Além disso, havia ainda, segundo SEGAWA, planos de construir um Boulevard ligando a várzea ao Ipiranga (Avenida do Ipiranga), arborizado e preferencialmente em linha reta, além de outras citações no mesmo artigo sobre outros atrativos e equipamentos instalados, tais como:

“...pavilhões próprios para restaurantes, café, etc.; nas extremidades em lugares adequados, avisadamente escolhidos, deverão levantar-se grandes hotéis, teatros, cafés-concertos, hipódromos, etc. [...] um lago de cerca de 100m de largura onde poderiam navegar “gôndolas venezianas” e rua que poderiam ser trilhadas por bondinhos, divertimentos diversos para crianças e adultos, tais como: ateliers fotográficos, buffets, confeitarias, cosmoramas, curiosidades, figuras de cera, [...] ...concertos, etc.”.

Sobre essa iniciativa, ainda segundo SEGAWA, existe apenas um registro de início dos trabalhos, em 26 de outubro de 1890, com o lançamento da pedra fundamental, não havendo encontrado nenhuma outra notícia acerca da efetiva realização do evento.

Ainda que não tenha sido efetivamente concretizado, esse plano geral da exposição apresenta itens importantes e que vão ao encontro das condições identificadas como fundamentais para garantir a boa operacionalidade de um pavilhão de exposições, assunto a ser tratado nos capítulos posteriores. Para o

momento, cabe ressaltar que tenha sido considerada a necessidade de possuir uma boa oferta hoteleira, bons acessos e infra-estrutura de cultura e lazer. Além disso, e não por acaso, essa área também possui acesso direto ao centro comercial e financeiro da cidade através da Rua do Brás que corta a várzea, ligando o Brás à Rua 25 de março e de lá se chega ao topo da colina. Sem contar o fato de que essa região era considerada ponto de chegada de produtos (por vias fluviais, estradas e ferrovias), onde se localizava um antigo mercado (ver Fig. I.45), na base da colina onde se assentava a cidade, que seria demolido e substituído por um outro mais moderno, nas proximidades do antigo local e que se mantém em atividade ainda hoje (DIEGOLI:1992).



Fig. I.45: Inundação da Várzea do Carmo com antigo mercado em primeiro plano, à esquerda. Óleo sobre tela, 1892, de Benedito Calixto, acervo do Museu Paulista da USP (DIEGOLI:1992 pág. 22 e 23).

Na primeira década do século XX, a prefeitura cede uma área aproximada de 52.000m² ao Governo do Estado, com a finalidade de ali ser construído o Palácio das Indústrias, devendo este assumir as despesas de implantação e construção e de ajardinamento das áreas não ocupadas pela edificação. Os limites dessa área são semelhantes ao da descrita como local daquela que seria a Exposição Continental de 1892 e chama a atenção por abrigar a mesma função – local para exposição agro-industrial. A escolha do mesmo escritório de arquitetura para ser o responsável pelo projeto e execução da obra, é possível encontrar elementos no atual Palácio das Indústrias descrito no plano da exposição continental: A

própria existência de um palácio como elemento central no meio da várzea, com um “pavilhão das máquinas” atrás do corpo principal (atual claustro), a entrada principal voltada para um portão de entrada junto à Rua do Brás que atravessava a área (hoje apenas uma passagem de pedestres) e um conjunto de caminhos e áreas ajardinadas, diferente na forma resultante, porém com o mesmo recurso dos caminhos curvos e áreas elípticas para os jardins. Isso pode ser um indício que o projeto do Palácio das Indústrias tenha sido levado adiante como adaptação do que não foi realizado em seu tempo.

O projeto do Palácio foi elaborado pelo arquiteto italiano Domiziano Rossi, ainda em 1910 e noticiado pelo jornal Correio Paulistano em 06 de dezembro como “O Renascimento de São Paulo – O Pavilhão de Exposições Agrícolas na Várzea do Carmo” (ESPÍRITO SANTO:1986). Ora, se o projeto fora iniciado, ou no mínimo encomendado, um ano antes de se ter o terreno disponível, pode-se questionar se a existência de um projeto anterior não seria um dos motivos da escolha da Várzea do Carmo e uma adequação ou reaproveitamento de conceitos gerais um modo de acelerar ou facilitar sua implantação? O título do anúncio é igualmente sugestivo (“O Renascimento...”) ainda que, nesse caso, haja também a apropriação do estilo em partes do projeto do palácio, que é definido como eclético com predomínio neorenascentista italiano, como classifica ESPIRITO SANTO. Uma análise mais detalhada permite questionar essa classificação, seja pela presença de elementos de inspiração medieval e neogótica, pelo excesso de elementos decorativos alegóricos, seja pela ausência do rigor e uso das ordens clássicas, que marcaram o renascimento italiano.



Fig. I.46 (à esquerda): Foto do Palácio das Indústrias de São Paulo, tirada em fevereiro de 2009, a partir da Rua Mercúrio (Fonte: Acervo do autor da pesquisa).

Fig. I.47 (à direita): Foto do Castello Mackenzie, em Gênova, Itália;
(Fonte: www.panoramio.com/photos/original/8406425.jpg em 15/02/2009 às 09:43h).

Embora a construção apresente elementos que reafirmem a inspiração para o projeto e até mesmo as construções históricas citadas como referências do autor na elaboração do projeto - o Castelo Mackenzie em Gênova (Ver Fig.I.47) e o Castelo de Milão, ambos italianos, dada à sua função e as expectativas imagéticas quanto à aparência do conjunto, sua relação com o contexto das Exposições Universais precedentes poderia elucidar algumas escolhas de projeto e talvez melhor justifiquem uma classificação estilística. A experiência pessoal do autor com pavilhões para Exposições Universais na Europa e do arquiteto Ramos de Azevedo, que recebeu título de “engenheiro e arquiteto” pela Universidade de Gand, na cidade homônima, na Bélgica - com menção honrosa, sendo seus trabalhos escolhidos para representar aquele país na Exposição Universal de Paris, em 1878 (ESPIRITO SANTO:1986).

Dito isto, seria necessária uma análise sobre essa edificação que considerasse a produção de espaços nesses eventos, como arcabouço de idéias que teriam influenciado no projeto do Palácio das Indústrias. Entretanto, o aprofundamento da análise dessa edificação em particular, ainda que valiosa ao entendimento de um exemplar da arquitetura paulista do início do século XX, exigiria um trabalho específico, que poderá vir a ser executado futuramente, mas que foge dos objetivos

atuais: deter-se nos elementos e características comuns entre os grandes Pavilhões e Centros de Exposição existentes na cidade de São Paulo. Eventualmente, serão citados exemplos de outros lugares do Brasil ou de outros países, quando apropriados para auxiliar na demonstração de conceitos.

Do ponto de vista da distribuição dos espaços no conjunto arquitetônico, o Palácio pode ser dividido em três partes: Corpo principal, Claustro e Galeria com anexos (Fig.1.48):



Fig. 1.48: Esquemático elaborado durante a pesquisa, sobre foto aérea do local.
Fonte: Catavento Cultural e Educacional.

O palácio está inserido em uma área transformada em parque desde sua implantação (o Parque D. Pedro II) e concebido com o propósito de abrigar exposições agrícolas e industriais sendo, portanto, a primeira edificação da cidade de São Paulo construída para abrigar esse tipo de evento.

As três partes possuem características diferenciadas quanto aos materiais de construção e acabamento, estilo e decoração, bem como, quanto à distribuição e articulação dos espaços, conforme plantas apresentadas (ver Fig.1.49 e 1.50).

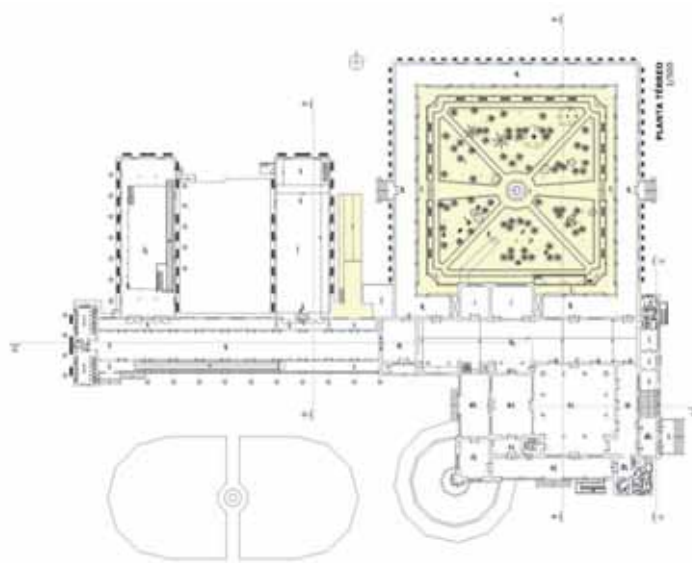


Fig. I.49 – Planta baixa pavimento térreo (Fonte: Catavento Cultural e Educacional).

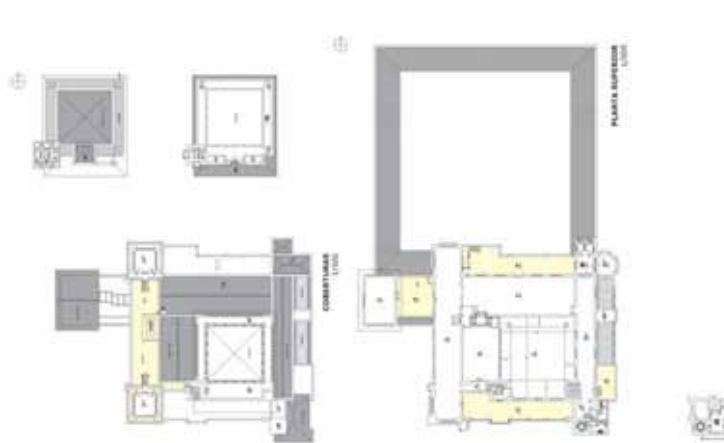


Fig. I.50 – Plantas baixas pavimento superior e mezanino; Planta de cobertura (Fonte: Catavento Cultural e Educacional).

Em linhas gerais, podem ser assim resumidos:

Corpo principal: Um conjunto imponente de salas com diversos tamanhos, interior com materiais refinados como piso de mármore, vitrais e forros de estuque decorado em alguns salões. São três pisos mais um porão, construído por necessidade das fundações sobre um terreno mole e úmido. No primeiro andar um grande salão com pé-direito duplo, teto adornado com um enorme lustre de ferro, galeria no mezanino e vitrais representando a indústria e a produção agrícola, é sem dúvida o mais impactante dos

espaços de todo o conjunto. Não à toa, veio a servir como plenário quando o prédio passou a ser a sede da Assembléia Legislativa do Estado.

Claustro: As paredes que fazem o fechamento externo formam uma área retangular e, ao centro, um jardim formado por quadras de jardins que também delineiam uma área retangular. Entre arcos apoiados em colunas com capitéis de inspiração clássica e a parede externa, uma galeria com piso rústico cimentado contorna o jardim. Nessa área, em diversas exposições foram expostos desde pequenos produtos (ver Fig. I.46) a automóveis. Corresponde ao que foi descrito sobre o projeto da Exposição Continental como sendo o “Pavilhão das Máquinas” na parte posterior do corpo principal.

Galeria e Anexos: Com aparência mais rústica, é composto por um conjunto de três galpões, com tijolos aparentes e cobertura em tesouras de madeira e telhas cerâmicas tradicional. A maior delas possui três naves longitudinais separadas por arcadas, com fachada sul envidraçada e na fachada norte se conecta com dois galpões anexos, menores, que eram usados como estábulo e cavalaria. O galpão principal (Galeria) ligava-se ao grande salão do corpo principal e ao claustro através de uma pequena sala, que servia como vestíbulo e possui uma entrada direta pelo jardim na parede sul, voltada ao parque. Essa Galeria, por ocasião da I Exposição de Automobilismo e Rodoviação, em 1923, serviu como salão de exposições de veículos (ver Fig.I.51).



Fig. I.51 - Galeria ocupada por veículos na I Exposição de Automobilismo e Rodoviação, 1923.
(Fonte: www.carroantigo.com em 15/02/2009 às 17:57).

A I Exposição Industrial da Cidade foi inaugurada em 30 de setembro de 1917 (ver Fig.I.52), quando o conjunto ainda estava inacabado, teve duração de trinta dias e público visitante de aproximadamente 80.000 pessoas. Foi organizada pela prefeitura da cidade, antes mesmo do estado, que estava construindo o palácio para tal finalidade. Ocupando todos os espaços disponíveis até então disponíveis, a exposição foi um sucesso de público. Em 30 de setembro de 1920 é inaugurada a III Exposição Industrial da Cidade⁵, com público visitante superior a 100.000 pessoas, cuja impressão foi assim descrita na imprensa:

“(...) percorrer a galeria e os salões do Palácio das Indústrias, observar, ainda rapidamente, as mostras ali reunidas, é sentir-se presa de admiração pelo esforço, pela inteligência, pela capacidade e pela assombrosa atividade da indústria paulista (...)” (Correio Paulista em 29 de setembro de 1920 em ESPIRITO SANTO:1986, pág.92)”.



Fig. I.52 – Vista interna do Claustro durante a I Exposição Industrial, em 1917 (DIEGOLI:1992 pág.37).

5. Segundo ESPIRITO SANTO, não existe registro da realização da segunda edição do evento, apenas relação de gastos, sem mencionar data nem local de realização.

No início do século XX um setor industrial começou a desenvolver-se em grande escala no país: o automobilístico. Até então privilégio da elite, com a autorização do presidente Washington Luis para que a Ford passasse a montar seus veículos no país, esse produto começou a atingir um público maior. Em 1923 a Associação Paulista de Boas Estradas (organização privada fundada em 1916) realiza a I Exposição de Automobilismo e Rodoviação do Brasil no Palácio das Indústrias. Em paralelo, acontecia também o III Congresso Paulista de Estradas de Rodagem, organizado pelo governo do estado. Com o sucesso dos eventos e aumento do mercado automobilista várias edições da Exposição de Automobilismo aconteceram: 1925, 1926 e 1927 sendo a de 1926 marcante pela entrada da General Motors Brasileira S/A, que se instalou no Ipiranga. Tal sucesso só foi interrompido em 1929, com a crise econômica mundial decorrente da quebra da Bolsa de Valores de Nova York, nos Estados Unidos. Essa indústria só voltaria a experimentar novo momento e crescimento no governo do presidente Juscelino Kubtschek na década de 50, pós ditadura (ESPIRITO SANTO:1986).

Com o aumento tanto do setor pecuarista quanto da produção industrial, agora empenhada sobretudo em atender a demanda local devido à dificuldade nas importações (assim como aconteceu durante o período da primeira Grande Guerra, na década de 10) as exposições agropecuárias foram transferidas para um parque na Avenida Água Branca em 1929, com espaços apropriados a esse tipo de evento.

Em 1937 aconteceu a Exposição Comemorativa do 50^o. Ano da Imigração Oficial no Estado de São Paulo, evento que ocupou todo o parque com diversos pavilhões (entre eles o das colônias japonesas e italianas), tendas, instalações de lazer como cinema, bar e restaurante, entre outras atrações (ver Fig.I.53).



Fig. I.53 – Estudo de Bruno Sercelli para a Exposição Comemorativa do Cinquentenário da Imigração Oficial do Estado de São Paulo, 1935 (DIEGOLI:1992 pág.38 e 39).

A última exposição do gênero aconteceu em 1947. O evento, porém, aconteceu do lado de fora do prédio, pois com o fim do Estado Novo o palácio passou a abrigar a sede da Assembléia Legislativa do Estado. Entretanto, nem por isso a exposição deixou a desejar, pelo contrário: seguindo o clima de reconstrução do pós guerra, de estímulo à retomada do crescimento e confraternização entre os povos, a Exposição Industrial, Agrícola e Comercial de São Paulo foi um sucesso, tendo recebido mais de um milhão de pessoas num período de três meses, ocupando toda a extensão do parque, com pavilhões somando 5.000m² de área construída, mais as atrações cobertas de lazer.

O jornal O Estado de São Paulo, em artigo de 12 de junho de 1947 noticiou o evento e fez observações que sinalizaram um aperfeiçoamento na organização e na infra-estrutura de exposições desse porte, um prenúncio do amadurecimento e profissionalização na realização das exposições:

“(…) pessoas habilitadas, ali mantidas pelas firmas expositoras, dão aos interessados todas as informações que lhes são pedidas (...) A cidade maravilhosa que surgiu da noite para o dia, a dois minutos do largo da Sé, nas margens do rio Tamanduateí – O mais belo, o mais acessível, o mais próximo dos logradouros desta Capital – Servido por todos os meios de transporte urbanos: bondes, ônibus, automóveis – Quem se encontra no centro da cidade não tem mais que descer a ladeira General Carneiro, ou a ladeira do Carmo – Lá se acham em pleno funcionamento restaurantes, confeitarias, ‘pizzerie’ e demais estabelecimentos próprios para receber as famílias (...)” (ESPIRITO SANTO:1986).

Sobre o conteúdo do trecho acima, cabe destacar a presença de “pessoas habilitadas a atender”, ou seja, pessoal contratado e treinado para o atendimento aos visitantes, parte fundamental da equipe de profissionais que trabalham durante um evento, seja junto à organização do evento seja junto aos expositores, demonstrando produtos, hoje conhecidos como recepcionistas.

O segundo ponto a destacar é a mimese sugerida entre o espaço da exposição e a cidade, sua rápida montagem, reafirmando a intenção de se reproduzir o espaço urbano: seu traçado, suas construções, marcos e atrativos, conteúdo já abordado anteriormente neste capítulo e também citado por PUENTE.

O terceiro ponto é a preocupação com a acessibilidade ao evento, através dos diversos meios possíveis na época e atingindo as diferentes classes sociais, demonstrando o quão importante é esse item para garantir o fluxo de pessoas ao local de um evento, sobretudo quando se pretende atrair elevado número, o transporte de massa é imprescindível.

Por fim, aliar os objetivos principais de um grande evento deste tipo (demonstração de produtos e/ou geração de negócios) a atividades de lazer capazes de atraírem por si só o fluxo, agregando conforto e produzindo ambientes agradáveis de estar e permanecer, como parques, bares e restaurantes. Ainda hoje é um recurso utilizado nas exposições e até mesmo nas feiras de negócios, onde os expositores possuem serviço de bufê e áreas de estar para dar mais conforto, gerar uma relação de proximidade com o visitante/ cliente, facilitando o fechamento de negócios, mesmo após o encerramento do evento⁶.

6. Ainda que haja o contato direto entre fornecedor e cliente, os negócios nem sempre são fechados durante o evento, até por imposição dos seus organizadores, servindo apenas para demonstração dos produtos e serviços oferecidos, divulgação e posicionamento da marca no mercado e prospecção de novos clientes para futuros contatos.

O Palácio das Indústrias seguiu no decorrer do século XX abrigando diversos órgãos públicos, estaduais e municipais, sofrendo modificações internas e agregando anexos e ampliações sem o devido respeito à arquitetura original, sofrendo contínua degradação até ser interditado para restauro em 1992, para sediar a prefeitura da cidade de São Paulo, que ali permaneceu até o início desta década.

Atualmente o Palácio prepara-se para retomar parte de suas atividades originais, tendo passado por um novo restauro desde 2007, passando a funcionar novamente como local para exposições, não mais dedicado à agricultura e à indústria, mas como um espaço público de cultura, lazer e divulgação dos progressos empreendidos pelo homem nas diversas áreas das ciências. Trata-se de uma iniciativa do governador do estado José Serra, tendo o Estado como seu promotor através das Secretarias de estado da Educação e da Cultura. Sua inauguração está prevista para março do corrente ano devendo chamar-se: CATAVENTO CULTURAL E EDUCACIONAL.

A partir de 1954, com a inauguração do Parque do Ibirapuera, por ocasião das comemorações do IV Centenário da Capital Paulista, e a construção de vários pavilhões: da das Nações, das Indústrias e dos Estados, interligados por uma marquise, começam a ser realizadas exposições, inicialmente de artes com a Bienal ainda no final de 1953. A partir de 1957, o Pavilhão da Indústria Ciccillo Matarazzo passou a ser utilizado como sede da Bienal de Artes e também como local para grandes exposições e feiras industriais, surgindo nesse mesmo ano a I Feira Nacional de Indústrias Têxteis (FENIT), dando início a um período de realização de feiras de negócios com organização e participação de grande repercussão. Esse novo espaço, arrojado mesmo para os padrões internacionais da época, possui uma

estrutura mais complexa para atender às exposições industriais modernas e que será detalhado nos capítulos seguintes em conjunto com os demais exemplares de Pavilhões e Centros de Exposição de grande porte da Capital, que foram sendo implantados, são eles:

- Pavilhão de Exposições do Anhembi, 1970
- Expo Center Norte, 1993
- ITM Expo, final da década de 1990.
- Centro de Exposições Imigrantes, 1999
- Expo Transamérica, 2001

10. Considerações finais sobre o capítulo:

A origem e o processo de desenvolvimento das feiras e exposições ao longo do tempo e suas manifestações no espaço são fundamentais para compreender o surgimento dos pavilhões de exposições, como os conhecemos hoje.

No início, as feiras medievais itinerantes ocupavam as principais vias e suas ruas adjacentes, nas cidades localizadas em pontos estratégicos, protegidas, numa conformidade linear compatível com seu caráter itinerante, que migrava de cidade em cidade dentro de um percurso correspondente às rotas comerciais. Com o tempo, elas continuaram a ocupar lugares importantes e estratégicos, porém, foram adquirindo outras conformidades espaciais, em malhas ortogonais ou caminhos sinuosos, diante das transformações na sociedade promovidas pela revolução industrial e pelo surgimento de uma cultura de massa.

No decorrer do século XX aos dias atuais a acessibilidade ao local do evento continua ser um fator importante a ser considerado, sobretudo nas Feiras Comerciais ou de Negócios, em que as transações comerciais se sobressaem

à mostra de produtos, mais característico das Exposições Industriais. Por atraírem um fluxo de pessoas (visitantes e expositores) também demandam a existência de pontos de hospedagem, o que colaborou para o surgimento dos hotéis e das redes hoteleiras. Ou seja, os locais de hospedagem e os pavilhões possuem um vínculo entre si, relacionado à população flutuante existente durante o período de realização desses eventos.

A figura do promotor ou a pessoa que detém o controle sobre a feira/exposição também é anterior aos pavilhões e remete aos reis e alto clero, que estabelecia as normas de conduta, a organização dos feirantes/expositores e a cobrança de taxas e tributos. Algo muito similar ao que existe na atualidade e que será retomado posteriormente, no capítulo sobre a Dinâmica de funcionamento dos Centros de Exposição.

No Brasil as exposições industriais iniciaram por pressão que o desenvolvimento industrial das nações européias e dos Estados Unidos apresentava no século XIX e sua repercussão perante um Brasil de predominância agrícola e escravocrata. A cultura e a curiosidade intelectual do imperador D. Pedro II foram fundamentais para que em 1855 o Brasil tomasse parte no grupo de países participantes das grandes Exposições Universais e em 1862 instituindo a realização de exposições regionais e nacionais como preparativos para futuras participações brasileiras nas edições internacionais contribuiu para impulsionar a produção industrial brasileira e o estabelecimento de exposições industriais regulares.

São Paulo que iniciara o século XIX como um pequeno vilarejo chegava ao século XX como a nova metrópole do país. A riqueza proveniente do café e a recente indústria que se instalara na Capital, o alto fluxo de imigrantes após a abolição do

trabalho escravo, mais os planos de modernização da cidade empreendidos nesse período de virada de século fez surgir o primeiro edifício para abrigar tais eventos: o Palácio das Indústrias. Apesar de tratar-se de um momento de consolidação da indústria em uma cidade ainda sem tradição na realização desse tipo de evento, o local, a infra-estrutura e as instalações apresentavam as condições apropriadas para o pleno funcionamento e operação das exposições.

Questões abordadas nos antecedentes europeus como fluxo e cruzamento ou nós de rotas de circulação de pessoas e mercadorias, acessibilidade ao local do evento através da disponibilização dos mais diversos meios de transporte possível, inclusive de massa, a infra-estrutura física adequada, locais para hospedagem de visitantes e a disponibilização de atrativos culturais e de lazer, além da preocupação com a imagem que o local e o evento teriam já se fazia parte desde o início, confirmando a relação entre elas e os pavilhões de exposições e seu principal uso: as exposições industriais.

A permanência (ou não) dessas relações, mesmo com as mudanças na sociedade e no sistema de produção industrial e de comercialização no decorrer do século XX, intensificadas com a revolução tecnológica (sobretudo na telefonia, informática e internet) e a globalização, nas últimas duas décadas, será analisada a seguir, através dos pavilhões e Centros de Exposições da Capital e de outras cidades.

CAPÍTULO II
OPERACIONALIDADE DOS CEX:
Relações com outros equipamentos urbanos, O Lote e Os Usos.

1. Introdução:

Este capítulo aborda a viabilidade operacional e sustentabilidade da localização como requisitos fundamentais ao uso contínuo que se pretende fazer da edificação capaz de gerar o resultado esperado enquanto empreendimento. São tratados aqui como sendo os condicionantes da escolha do lote que possuem relação direta com a atividade projetual e que irão delinear alguns parâmetros a serem seguidos na implantação da edificação no lote e as relações desta com o seu entorno e região. Isto não exclui ou desconsidera que as questões de ordem fundiária, da disponibilidade de grandes terrenos e dos interesses imobiliários envolvidos, políticos ou econômico-financeiros exerçam influência no processo de definição do local onde será implantado o Centro de Exposições. Entretanto, foram priorizados os condicionantes relacionados com o uso e operação desse tipo de equipamento que devem ser considerados, desde os estudos de viabilidade técnica ao estudo preliminar do projeto da edificação.

A escolha do local não depende apenas da existência e características do terreno, mas da capacidade de recepção deste gênero de equipamento pela cidade ou região (nos vários níveis: regional, nacional e Internacional) e em conformidade com o alcance que se pretende dar às atividades realizadas em tais equipamentos – os eventos. Quando bem planejados e devidamente implementados, eles podem trazer para a cidade crescimento econômico, através do aumento das atividades comerciais direta e indiretamente ligadas às suas atividades principais: Feiras e Exposições. Além do incremento de uma atividade econômica diretamente ligada a esse tipo de equipamento urbano: o Turismo de Negócios ou Turismo de

Convenções. Tendo São Paulo como área de recorte do objeto de estudo, uma breve listagem do que essas atividades promovem na cidade são suficientes para entender a dimensão de sua importância:

Segundo a SPV&TB¹, São Paulo é a capital sul-americana de feiras de negócios, realizando 90 mil eventos por ano, que geram:

- Cerca de 500 mil empregos diretos e indiretos;
- 120 das 160 grandes feiras do Brasil;
- R\$ 8 bilhões em viagens, hospedagem e transporte terrestre e aéreo;
- Movimenta 29 mil empresas expositoras;
- 75% do mercado brasileiro de feiras de negócios;
- R\$ 2,4 bilhões de receita ao ano;
- R\$ 700 milhões em locação de área para exposição;
- R\$ 700 milhões em serviços;
- Circulam pelos eventos 4,3 milhões de pessoas, entre profissionais e compradores, sendo 45 mil compradores estrangeiros;

Em seguida, faz um estudo das relações espaciais estabelecidas entre os Pavilhões e Centros de Exposições com o seu entorno e imediações, procurando entender a lógica de sua implantação e os vínculos com outros equipamentos urbanos.

1. São Paulo Visitors and Travel Bureau.

Ao final pretende-se esclarecer que um equipamento deste tipo não se constitui uma atividade autônoma, mas parte de um sistema, uma verdadeira indústria de eventos e onde os pavilhões são o locus das plantas produtivas da fábrica de eventos.

2. Os Centros de Exposição e o mercado de eventos: importância da atividade e o posicionamento da cidade de São Paulo no país e no mundo:

Nas últimas décadas, com o avanço da globalização², os Pavilhões e Centros de Exposição têm se multiplicado, alcançando presença em todos os continentes e nas cidades economicamente mais importantes. Com um posicionamento estratégico, entre o mercado consumidor, o setor produtivo e o transporte de mercadorias sua localização sugere uma “escolha” ou “resultado” semelhante em relação aos locais onde os antigos mercados de troca se estabeleciam. É interessante notar que embora estejam dentro de áreas urbanas, os Centros de Exposição onde se realizam as feiras de negócios possuem um caráter “extraterritorial”, na medida em que não apresentam uma comunicação direta, aberta e de fluxo constante e livre entre as principais atividades desenvolvidas no seu interior e a vida urbana. Em certa medida, se assemelham aos *shoppings centers*, como espaços privados de uso público, porém, com acesso restrito e pré-definido. Entretanto a eles também se difere por não representar um local de conhecida variedade de produtos ou serviços oferecidos e à disposição a qualquer dia. Isso se deve à diversificação dos segmentos produtivos que ali se alternam, não conseguindo com isso imprimir à

2. Aqui definido pelas características de universalização dos processos produtivos, separação entre planta produtiva, áreas de criação e centros de decisão, num mercado integrado e de alcance mundial propiciado pelo avanço da tecnologia nas áreas de comunicação e informática.

edificação uma mesma identidade quanto ao tipo de mercado que ali se desenvolve. Aliado a isso, o público desejado e permitido se difere conforme o propósito do evento em questão: Troca e difusão de conhecimentos técnicos e tecnológicos entre os agentes envolvidos nesses avanços; divulgação da marca, produto ou serviço e vendas para o mercado atacadista e distribuidor em larga escala; ou posicionamento de marca, lançamento de produto, pesquisa de mercado e vendas para o mercado varejista ou para o público em geral. As Feiras de Negócios e Exposições visam o consumo, direto ou indireto, portanto estão vinculadas aos mercados consumidores, aos setores produtivos e centros de tecnologia e desenvolvimento de produtos. Seja qual for a escala de alcance, do regional ao internacional, atraem empresas e técnicos de outros lugares, que expõem, vêem e trocam informações com um público em geral direcionado, que converge para esse local tendo em comum o interesse pelo segmento da indústria que o evento representa.

Como locais de reunião de “agentes do consumo” se configuram como pólo de crescimento, do mercado, das fontes produtivas e da indústria de eventos, que amplia sua estrutura na medida em que os eventos crescem e se multiplicam gerando novas especialidades, num contínuo processo de expansão e especialização. Dentro desse processo, a cidade de São Paulo se posiciona como a segunda cidade que concentra o maior número de eventos no país e a primeira em número de Feiras e Exposições na América do Sul³. Com isso, o Brasil vem crescendo em importância neste setor em escala global, alcançando o posto de oitavo país em organização de eventos no mundo (ver tabela II.1). Os setores que possuem maior quantidade desse tipo de evento, em ordem decrescente: médico, científico, tecnológico, industrial e educacional.

3. SPV&TB.

Para o país isso se traduz em receita anual com o setor de eventos da ordem de R\$37 bilhões, cerca de 3,1% do PIB. Uma soma considerável e que vem atraindo o interesse de municípios e órgãos governamentais. :

| Rank | Country | # Meetings |
|------|-------------------|------------|
| 1 | U.S.A. | 467 |
| 2 | Germany | 429 |
| 3 | Spain | 303 |
| 4 | United Kingdom | 281 |
| 5 | France | 255 |
| 6 | Italy | 250 |
| 7 | Japan | 215 |
| 8 | Brazil | 209 |
| 9 | Austria | 204 |
| 10 | Canada | 197 |
| 11 | Netherlands | 195 |
| 12 | China-P.R. | 195 |
| 13 | Australia | 194 |
| 14 | Switzerland | 175 |
| 15 | Portugal | 153 |
| 16 | Sweden | 137 |
| 17 | Belgium | 124 |
| 18 | Finland | 122 |
| 19 | Singapore | 120 |
| 20 | Republic of Korea | 120 |

Tabela II.1: Table 1: ICCA country and city ranking measured by number of meetings organised in 2007. Fonte: <http://www.iccaworld.com/npps/story.cfm?ID=1577>.

As Feiras e Exposições, como principal uso dos Centros de Exposições, são uma parte importante desse total movimentado pelo setor de eventos sendo o Brasil o segundo maior país das Américas em realização de feiras de negócios de 2008, conforme noticiado pela UBRAFE⁴:

“Com um calendário que neste ano chegou a 176 grandes feiras de negócios em mais de 20 cidades, o Brasil é líder na atividade de promoção comercial em toda a América Latina. As 34 mil empresas participantes, das quais 5,5 mil estrangeiras, atraíram um público de mais de 5,2 milhões de visitantes profissionais em 2,25 milhões m² de área de exposição”.

A cidade de São Paulo tem consolidado sua liderança realizando aproximadamente 75% das feiras de negócios do país, segundo o mesmo órgão. Recebeu cerca de 6,5 milhões de visitantes, sendo 1,36 milhões de estrangeiros

4. União Brasileira dos Promotores de Feiras.

anuais e empregou, em 2004, cerca de 12mil profissionais temporários nessa atividade. A cidade oferece o maior parque expositivo brasileiro, com área total entorno de 230.000m², distribuídos nos cinco maiores Centros de Exposições.

3. Relações de complementaridade dos CEX com outros equipamento e estruturas urbanas:

Os Centros de Exposição são locais onde se realizam atividades que atraem pessoas de diversos lugares, inclusive de outros países. De início essa característica gera necessidade de uma boa infra-estrutura relacionada aos diversos meios de transporte e acessibilidade a esses locais. Por atraírem pessoas de outras cidades necessitam de lugares para hospedá-los durante o período de sua estada e estando nela, os atrativos de cultura e lazer motivos a mais de sua vinda, reforçando o poder de atração dos eventos e da cidade sede. Da realização de uma variedade de eventos de negócios, sobretudo na quantidade e freqüência que ocorrem, surge a necessidade de uma infra-estrutura para o planejamento, organização e produção dessas atividades. As empresas de eventos com diversas funções se multiplicam segundo a demanda por eventos e constituem um importante item na viabilização dessas atividades. Toda essa infra-estrutura também existe em função do principal objetivo de um Centro de Exposições e de seus principais usos - as Feiras de Negócios e Exposições Industriais - a geração de negócios e o intercâmbio científico-tecnológico, imediato ou posterior ao evento. Desta forma, a importância dos Centros de Negócios e Centros de Pesquisa e Ensino se justifica por serem agentes diretos de tais objetivos.

Ou seja, os Centros de Exposições constituem tão somente palco de ações a serem desempenhadas por diversos agentes que necessitam de diversos recursos

para realizá-las. Dito isto, foram agrupados itens de atividades em seis categorias que compõem um conjunto considerado de “Infra-estrutura Externa” aos Centros de Exposições (ver tabela II.2), são eles:

AC – Acessibilidade;

EV – Empresas de Eventos;

HT – Acomodação;

CN – Centros de Negócios;

CL – Compras, Cultura e Lazer;

CP – Centros de Ensino e Pesquisa:

| Categoria | Atividade/ Equipamento | Ítem |
|------------------------------|---|-------------|
| ACESSIBILIDADE | Aeroportos | AC.1 |
| | Terminais de transportes coletivos interestaduais e intermunicipais | AC.2 |
| | Sistemas de transporte coletivos intramunicipal (metrô, ônibus e trem) | AC.3 |
| | Terminais para o transporte de Cargas | AC.4 |
| | Rodovias | AC.5 |
| | Malha Viária local | AC.6 |
| ACOMODAÇÃO | Rede hoteleira de diversos tipos: econômico, flat, executivo e de luxo. | HT.1 |
| COMPRAS, CULTURA E LAZER | Shopping Centers | CL.1 |
| | Áreas de comércio especializado | CL.2 |
| | Comércio e serviços de luxo | CL.3 |
| | Teatros e Casas de shows | CL.4 |
| | Museus e Centros Culturais | CL.5 |
| | Pontos turísticos | CL.6 |
| | Parques e Centros de Lazer | CL.7 |
| EMPRESAS DE EVENTOS | Promotoras e Organizadoras de eventos | EV.1 |
| | Agências de eventos | EV.2 |
| | Agências de publicidade e marketing | EV.3 |
| | Montadoras e Empresas de cenografia | EV.4 |
| | Locadoras de bens móveis para eventos | EV.5 |
| | Prestadoras de serviços diversos para eventos | EV.6 |
| CENTROS DE NEGÓCIOS | Centros empresariais (condomínios) | CN.1 |
| | Áreas ou eixos da cidade considerados centros financeiros e/ou empresarias | CN.2 |
| CENTROS DE ENSINO E PESQUISA | Centros de desenvolvimento científico e tecnológico ligados às empresas ou associações do setor produtivo | CP.1 |
| | Universidades e Centros de Pesquisa científica e tecnológica ligados a instituições de ensino | CP.2 |

TABELA II.2: Equipamentos e infra-estrutura complementares para implantação de um Centro de Exposições. Elaborado pelo Autor deste trabalho

3.1 Diagrama de relações entre equipamentos urbanos relacionados com o mercado de eventos:

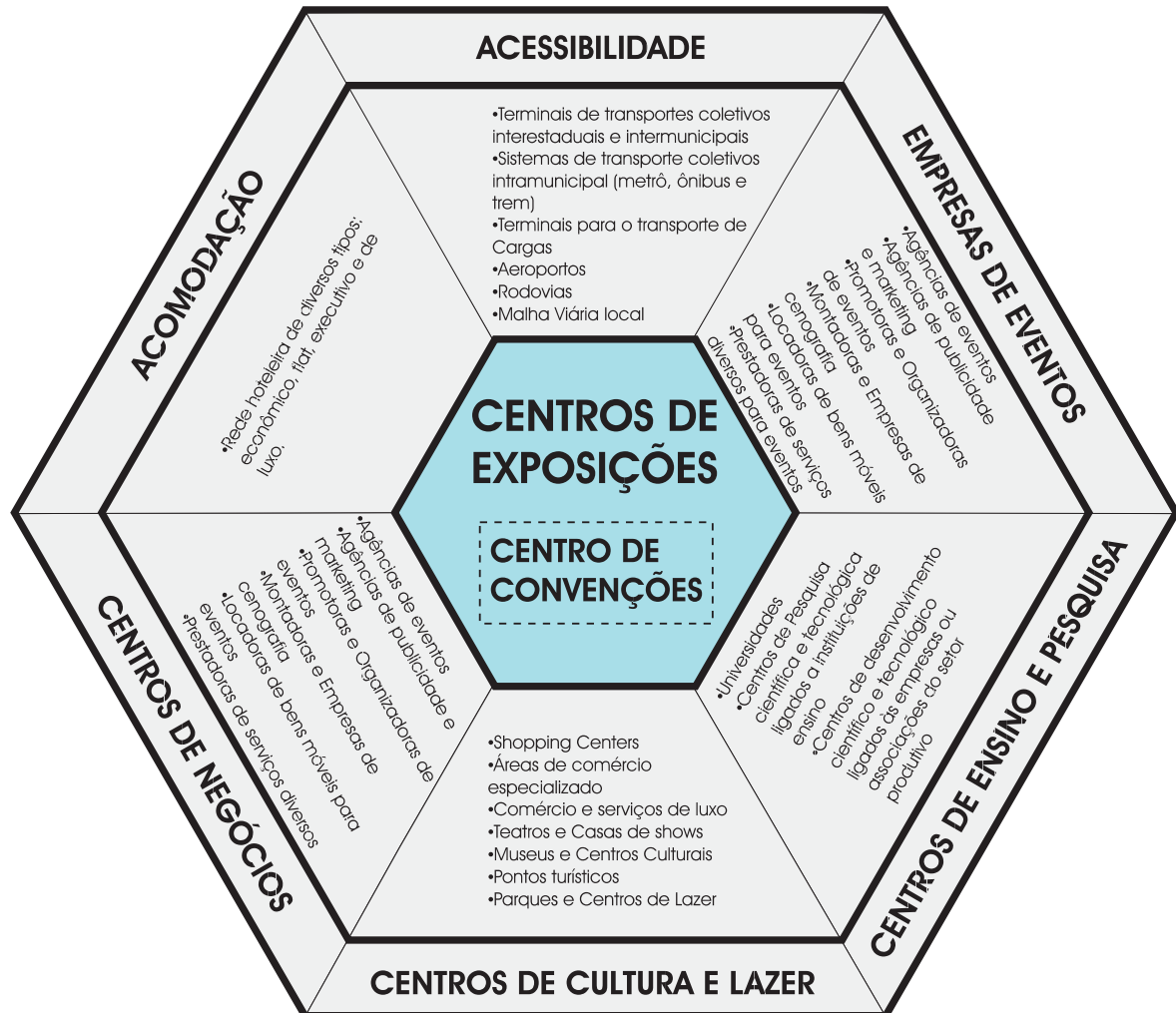


Fig. II.1: Diagrama de Infra-estrutura Externa ao Centro de Exposições.
Fonte: Elaborado pelo autor deste trabalho.

3.2 Análise dos Centros de Exposição e sua relação com relação à infra-estrutura externa e localização na cidade de SP:

A partir das Categorias acima propostas serão apresentadas as considerações acerca de cada uma delas analisadas em relação à cidade de São Paulo e os Centros de Exposições estudados, tendo como base o mapa abaixo.

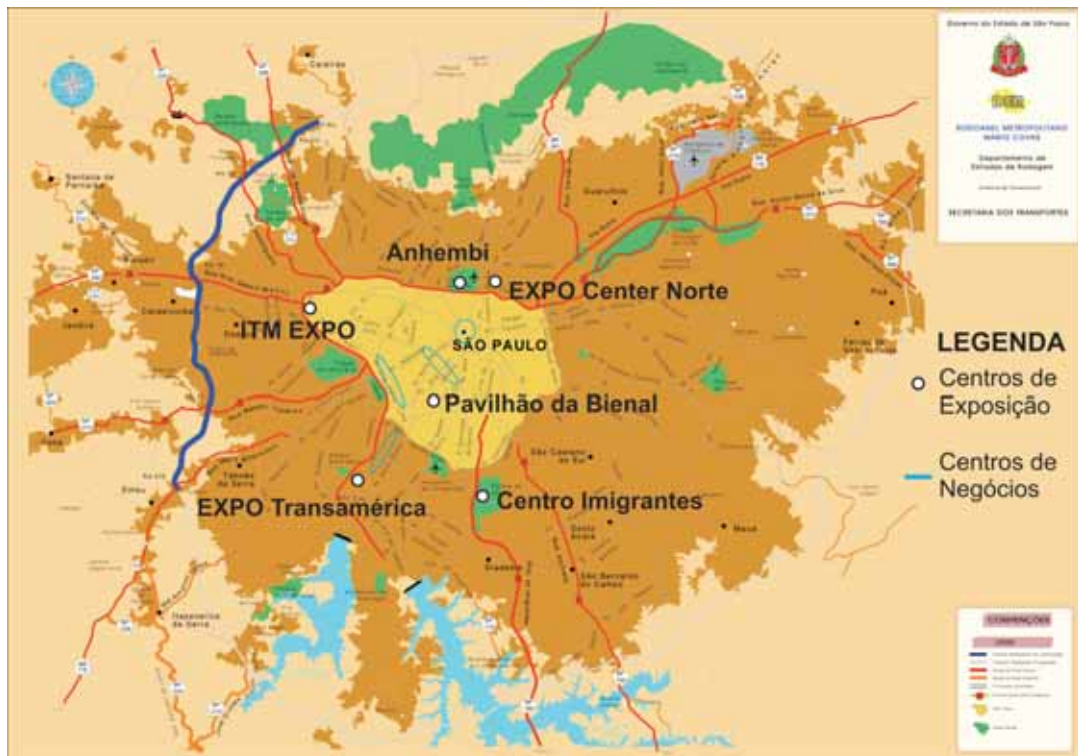


Fig. II.2: Mapa da cidade de São Paulo e parte da RMSP com representação gráfica dos maiores Centros de Exposições, estudados neste trabalho. Fonte: Mapa base Prefeitura Municipal de São Paulo. Adaptado pelo autor deste trabalho.

AC – ACESSIBILIDADE:

Reúne os diversos equipamentos e meios de acesso dos participantes até a cidade e local do evento. Para um evento de escala global, é importante a presença de um aeroporto do tipo hub, que serve como nó ou ponto de conexão com diversos destinos internacionais. Desta forma o mesmo vale para eventos nacionais e regionais. A relação entre aeroportos e Centros de Exposições tem sido cada vez mais acentuada e reconhecida, como demonstra o quadro abaixo:



Fig.II.3: Quadro de atividades relacionadas com os aeroportos em maior ou menor grau.
Fonte: Quadro base:GÜLLER:2002. Adaptado pelo autor deste trabalho.

A cidade de São Paulo conta com dois aeroportos do tipo *hub*: o Aeroporto Internacional de Cumbica e o Aeroporto de Congonhas.

HT – ACOMODAÇÃO:

Para acomodar essa “população flutuante” que os eventos atraem, uma rede hoteleira diversificada e distribuída nas proximidades das demais categorias citadas supre essa necessidade. Essa movimentação que relaciona as diversas categorias envolvidas em cada evento em particular proporcionam o desenvolvimento do turismo de negócios ou de convenções. Este setor representa 27,9% do total do setor de turismo no país e registrou um crescimento entre 1999 e 2000 entorno de 31,6% e de 110% na década⁵.

A partir dos três mapas abaixo é possível observar como o desenvolvimento da rede hoteleira acompanhou o crescimento do parque expositivo e a implantação de novos Centros de Exposição.

5. SPV&TB – Guia São Paulo de 2006.

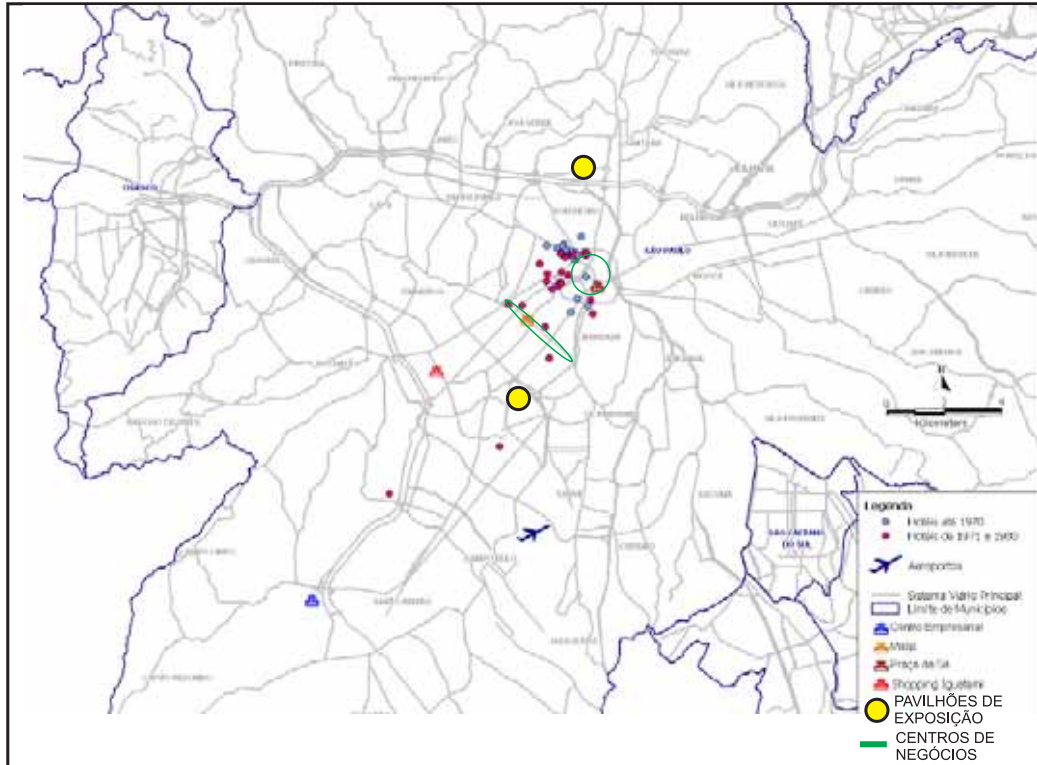


Fig.II.4: Mapa de distribuição dos hotéis em São Paulo até 1970 e de 1971 a 1980.
Fonte: mapa base SPOLON:2006. Adaptado pelo autor deste trabalho.

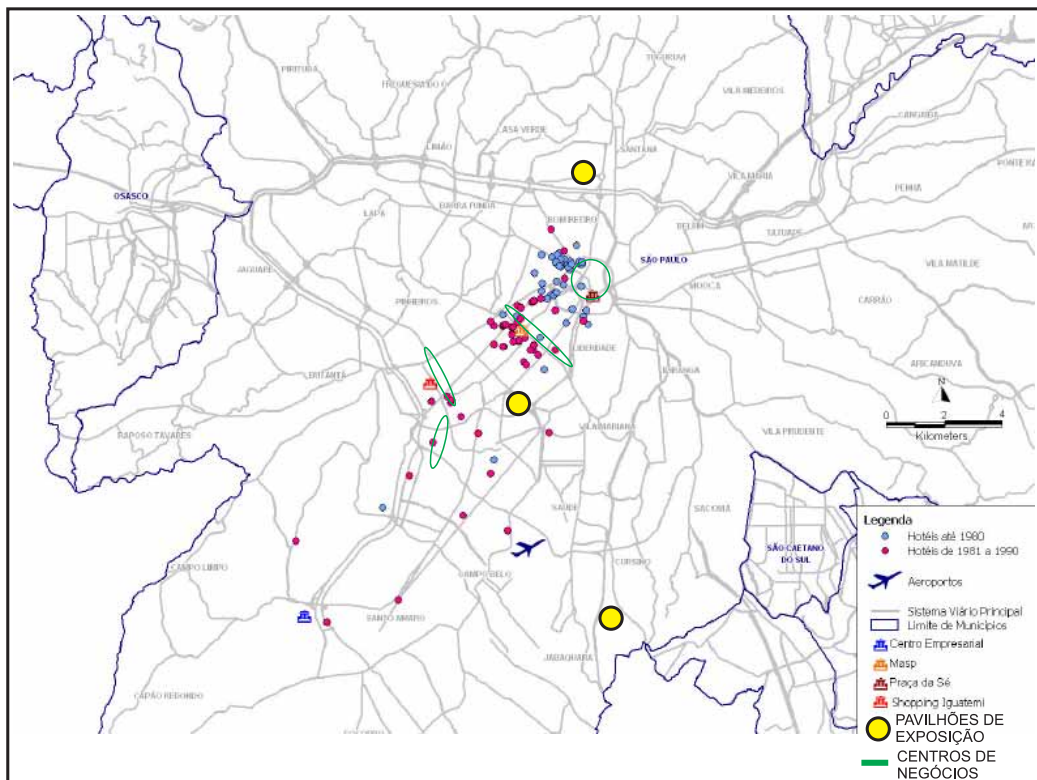


Fig.II.5: Mapa de distribuição dos hotéis em São Paulo até 1980 e de 1981 a 1990.
Fonte: Mapa base SPOLON:2006. Adaptado pelo autor deste trabalho.

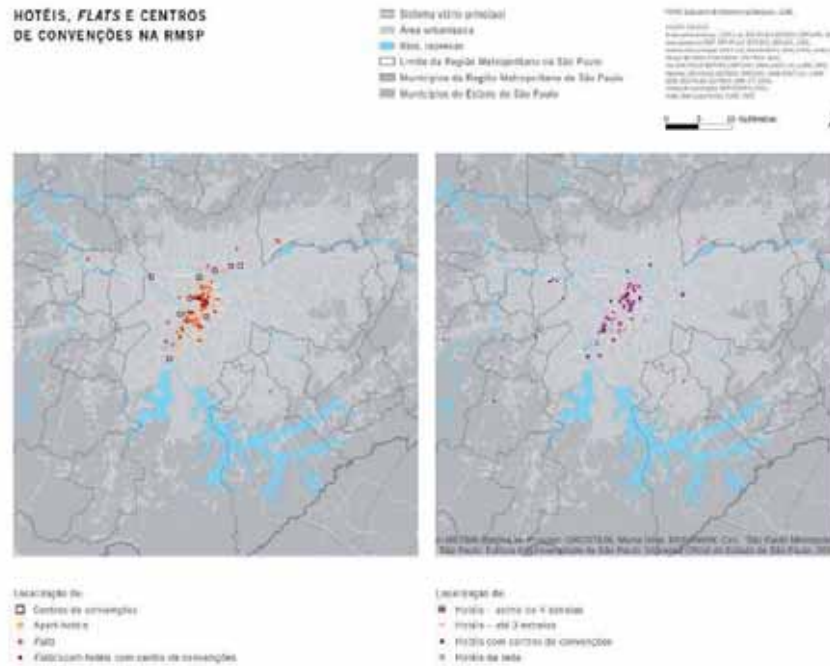


Fig. II.6: Mapas com representação gráfica dos Flats, Hotéis e Centros de Convenções⁶ na RMSP. Fonte: SPOLON:2006. Adaptado pelo autor deste trabalho.

CL – COMPRAS, CULTURA E LAZER:

Os centros de Compras, de Cultura e Lazer ajudam a atrair eventos para cidade sede uma vez que, parte dos participantes aproveita sua estada para conhecer e desfrutar dos atrativos que ela tem a oferecer. Isso faz com que ele seja incentivado a estender sua permanência na cidade. Diversas empresas ligadas ao turismo (associações, hotéis, órgãos oficiais) promovem a cidade divulgando seus atrativos e criando programas especialmente voltados para esse público⁷.

EV – EMPRESAS DE EVENTOS:

As empresas de evento são responsáveis pelo planejamento e realização dos eventos, bem como oferecem todo o suporte ao expositor para garantir sua participação nos eventos, seja na produção de espaços ou no fornecimento de equipes de trabalho especializadas em eventos, nas diversas modalidades. Como

6. Os Centros de Convenções representados no mapa correspondem aos Centros de Exposições estudados neste trabalho.

7. A SPV&TB tem um programa deste tipo, que induz o participante de eventos a ficar mais um dia em São Paulo, organizando e sugerindo passeios diversificados.

atendem a todos os eventos e estes estão dispersos na cidade, sobretudo no percurso das avenidas marginais, limite do chamado centro expandido da cidade.

CN – CENTROS DE NEGÓCIOS:

Como pode ser observado nos mapas II.2, II.4 e II.5, os maiores e mais importantes centros de negócios estão distribuídos dentro da área conhecida como centro expandido da cidade de São Paulo. Desde o centro antigo (região da Rua Boa Vista e Rua 15 de novembro), passando pela Avenida Paulista, Avenida Brig. Faria Lima até a Avenida Luis Carlos Berrini, conforme o passar das últimas décadas em conformidade com a expansão da rede hoteleira e os espaços expositivos.

CP – CENTROS DE ENSINO E PESQUISA:

Universidades e Centros de Pesquisa ligados à empresas privadas ou a estabelecimentos de ensino são pólos de desenvolvimento tecnológico e como tal, exercem importância como fonte de público especializado, sobretudo nos eventos mais técnicos, além de colaborar com a indústria no lançamento de novos produtos, lançados durante as exposições ou apenas apresentados para medir sua aceitação por parte do público em geral.

4 O LOCAL DE IMPLANTAÇÃO DO CEX: Análise do entorno nos estudos de caso em São Paulo:

Foi efetuado um levantamento e registro fotográfico dos principais aspectos relevantes relacionados à implantação da edificação no lote e suas relações com o seu entorno. Questões como o impacto urbano de um equipamento como esse na malha viária, sendo este um Pólo de Atração de Fluxos e Pólo Gerador de Tráfego (PGT) e fonte de emissão e propagação de ruídos serviram de parâmetro na análise dos exemplares estudados.

PAVILHÃO DE EXPOSIÇÕES DO ANHEMBI:

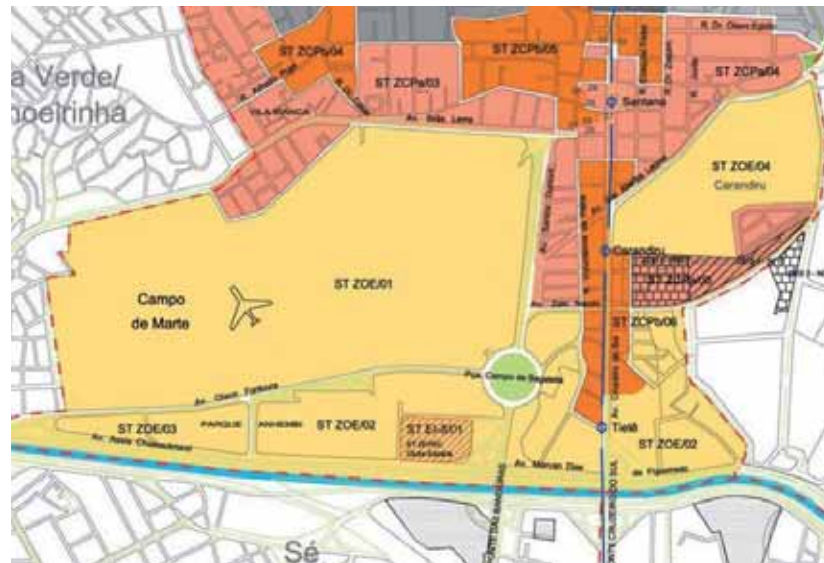


Fig. II.7: Planta de zoneamento da região onde o Centro de Exposições está inserido.
Fonte: www.prefeitura.sp.gov.br

O Anhembi está numa área de uso especial (ZOE – em amarelo alaranjado), próximo a áreas de centralidade polar a (na cor salmão) e b (na cor laranja), onde passa a linha norte-sul do metrô, na Avenida Cruzeiro do Sul. Está, em certa medida, isolado, porém próximo de áreas onde existe comércio de rua, centros de compras e edificações de uso residencial.



Fig.II.8: Planta com a localização do transporte público da região. Fonte: www.prefeitura.sp.gov.br

A região conta com boa infra-estrutura para o transporte público, com linha de metrô (em azul marinho), corredores de ônibus (em vermelho) e vias consideradas de trânsito livre (em azul claro). Nos círculos em vermelho, estações de transferência de linhas de ônibus e, próximo à estação Tietê de metrô, com previsão de implantação de terminal intermodal para 2012 (triângulo em verde) e um novo terminal rodoviário para 2012 (círculo em verde).

Além disso, a região conta com vias expressas (marginal Tietê e Avenida Olavo Fontoura), com acesso fácil ao aeroporto de Cumbica pela marginal do rio Tietê, ao centro da cidade e ao aeroporto de Congonhas pela ponte Cruzeiro do Sul, bem como, às regiões oeste e sul, pela ponte da Casa Verde e marginal do rio Tietê sentido rio Pinheiros.

Considerações sobre o local:

O Anhembi possui uma implantação bem isolada das áreas residenciais, exceto pela vila militar da aeronáutica, próximo da saída do parque de estacionamento, enfrente à Praça Santos Dumont. Os vários portões de acesso de veículos existentes permitem a setorização, em áreas de carga e descarga/docas e veículos de passeio, com grande permeabilidade durante a montagem dos eventos. A presença de outras estruturas de apoio anexas Centro de Exposições, tais como: hotel, centro de convenções, restaurantes e lanchonetes de apoio aos montadores etc. suprem a ausência de pequenos comércios e acomodações nas proximidades do Centro.



Fig. II.9: Foto da entrada principal de veículos durante os eventos: Acesso fácil e sem restrição de ingresso à via interna até os guichês de estacionamento, com vistas a minimizar o congestionamento na entrada, junto à Avenida Olavo Fontoura. Fonte: Acervo do autor deste trabalho.



Fig. II.10: Foto da via de circulação interna e acesso aos guichês do estacionamento para visitantes: várias pistas e vários pontos de atendimento no acesso de veículos. Implantação típica dos pedágios em rodovias. Em momentos de pico, o atendimento manual gera acúmulo de veículos que se estende até a Av. Olavo Fontoura. Fonte: Acervo do autor deste trabalho.



Fig. II.12: Foto da Marginal do Tietê, com acesso portão de serviço: Pequeno recuo do portão em relação à via local, de alto tráfego. Fonte: Acervo do autor deste trabalho.



Fig. II.13: Foto de um dos vários portões distribuídos ao longo do perímetro do lote, aumentam a permeabilidade do Centro e as possibilidades de acesso, caso sejam utilizados nos eventos. Fonte: Acervo do autor deste trabalho.



Fig. II.14: Foto da Avenida Olavo Fontoura, com galpões com atividades relacionadas ao aeroporto Campo de Marte enfrente ao Parque Anhembi. Fonte: Acervo do autor deste trabalho.



Fig. II.15: Foto da Entrada principal do Centro: pavilhão oeste recente, com elemento marcante na arquitetura do pavilhão, funcionando como ponto focal e torre sinalizadora. Fonte: Acervo do autor deste trabalho.



Entrada principal do Centro: pavilhão oeste recente, com elemento marcante na arquitetura do pavilhão, funcionando como ponto focal e torre sinalizadora.



Fig. II.16: Foto do comércio instalado em lanchonetes padronizadas: estrutura de apoio aos profissionais envolvidos na montagem dos eventos e com acesso também para a Avenida Olavo Fontoura. Fonte: Acervo do autor deste trabalho.



Fig. II.17: Foto do portal de entrada de pedestres ao Parque Anhembi, com hotel Holliday Inn ao fundo: A sua presença sugere vínculos com antigos portões das cidadelas medievais, como entrada a uma cidade efêmera duplamente murada (pavilhões e no perímetro do lote). Fonte: Acervo do autor deste trabalho.



Fig. II.18: Foto do pátio de estacionamento para veículos de passeio dos visitantes durante a feira e para caminhões durante o período de montagem e desmontagem: Arborização confere atmosfera de parque ao lugar e é usado aos domingos como feira de carros usados, aberta ao público. geral. Fonte: Acervo do autor deste trabalho.

EXPO CENTER NORTE:

Situado na zona norte da cidade, no bairro da Vila Guilherme e próximo da marginal do rio Tietê, com fácil acesso ao aeroporto de Cumbica, pela marginal Tietê e ao aeroporto de Congonhas pela Ponte Cruzeiro do Sul. Embora próximo de vias estruturais do bairro, a Rua José Bernardo, onde está posicionada a entrada principal dos pavilhões azul, branco, vermelho e verde, apresenta-se estreita e insuficiente para atender a demanda local, como pode ser visto nas fotos apresentadas a seguir. As demais ruas do seu entorno também apresentam o mesmo problema, ainda que não tenham a mesma função de via estrutural (Ver Fig. II.20)..



Fig.II.19: Planta baixa com o zoneamento da região onde o pavilhão está implantado.
Fonte: www.prefeitura.sp.gov.br

O Complexo Expo Center Norte está inserido numa Zona de Centralidade polar a (MG ZCPa/04 na cor salmão) e próxima a zonas de centralidade polar b (em laranja), de uso misto (em cinza) e predominantemente industrial (em roxo). O Centro de Exposições tem nas proximidades dois grandes centros de compras: O Lar Center e o Shopping Center Norte. Existe ainda um pequeno comércio local de varejo, na área em laranja.



Fig. II.20: Planta baixa com o mapa do transporte público da região. Fonte: www.prefeitura.sp.gov.br

Existe um corredor de ônibus na Avenida Ataliba Leonel e vias de trânsito livre na região (em azul claro). Há previsão de implantação de mais um corredor de ônibus (passa rápido), ao lado dos pavilhões (em vermelho tracejado). Está próximo do Terminal Rodoviário e estação de metrô do Tietê (quadrado branco e preto) e previsão de implantação de um terminal de ônibus (círculo verde) para 2012, bem como um terminal intermodal na estação Tietê do metrô (triângulo verde).

Considerações sobre o local:

O conjunto formado pelos pavilhões azul, branco, vermelho e verde, integrados e alocados no mesmo lote, é responsável pela sobrecarga de trânsito nas vias à sua volta, sobretudo a Rua José Bernardo Pinto. A situação tende a se agravar, com a construção da Arena Center Norte, um Centro de Convenções, na esquina da Rua José Bernardo Pinto com a Avenida Otto Baumgart. Fica claro que o problema de tráfego existe com a presença de diversos cavaletes e fitas isoladoras de área ao longo das vias locais que circundam o referido lote. Com relação ao ruído, a proximidade do conjunto com um condomínio residencial pode indicar possibilidades de problemas com tal vizinhança, por ruído excessivo durante o período de montagem e desmontagem dos eventos.



Fig. II.21: Foto da Rua José Bernardo Pinto: Principal via de chegada aos pavilhões, essa via é a mais exigida, no que se refere ao tráfego, principalmente nos momentos de pico. Fonte: Acervo do autor deste trabalho.



Fig. II.22: Foto da Rua José Bernardo Pinto: Entrada principal dos pavilhões azul, branco e vermelho. Com a construção do pavilhão branco ao centro, o número de vagas de estacionamento diminuiu. Fonte: Acervo do autor deste trabalho.



Fig. II.23: Foto da Rua José Bernardo Pinto: Travessia de pedestre e principal acesso aos pavilhões azul, branco e vermelho.

Enfrente a essa área existe um grande estacionamento de veículos para os visitantes. Fonte: Acervo do autor deste trabalho.



Fig. II.24: Foto da Rua Cel. Marques Ribeiro esquina com Rua José Bernardo Pinto: Condomínio residencial enfrente ao pavilhão vermelho. Fonte: Acervo do autor deste trabalho.



Fig. II.25: Foto da Rua José Bernardo Pinto esquina com Rua Cel. Marques Ribeiro: Via estrutural com presença de pequeno comércio de varejo. Fonte: Acervo do autor deste trabalho.



Fig. II.26: Foto da Rua Cel. Marques Ribeiro: Portão de acesso às docas do pavilhão vermelho. Essa mesma solução se repetirá nas demais ruas contíguas ao lote. Fonte: Acervo do autor deste trabalho.



Fig. II.27: Foto da entrada principal do pavilhão verde, na Rua Cel. Marques Ribeiro: portão recuado em relação a via local, minimiza congestionamentos quando há fila de veículos para entrar no local. Fonte: Acervo do autor deste trabalho.



Fig. II.28: Foto da Rua Galatéia, sentido Rua José Bernardo Pinto: Vários cavaletes e fitas de isolamento à esquerda, ao longo da via, instalados para impedir que veículos estacionem no local. Uma medida paliativa para a questão do trânsito nos horários de pico. Fonte: Acervo do autor deste trabalho.



Fig. II.29: Foto da esquina da Avenida Otto Baungart com a Rua José Bernardo Pinto: Nesse local será construído um Centro de Convenções e Eventos, com conseqüente aumento do tráfego de veículos na região. Fonte: Acervo do autor deste trabalho.



Fig. II.30: Foto da entrada principal do pavilhão amarelo: O único não integrado aos demais e o único pavilhão com acesso direto para a via local. Entrada do estacionamento à esquerda e direita do edifício. Fonte: Acervo do autor deste trabalho.



Fig. II.31: Foto da Avenida Zaki Narchi esquina com Avenida Otto Baumgart, com pavilhão amarelo ao fundo: A cor marcante sinaliza o pavilhão à distância. Fonte: Acervo do autor deste trabalho.



Fig. II.32: Foto da Rua José Bernardo Pinto: Entrada principal dos pavilhões azul, branco e vermelho. Com a construção do pavilhão branco ao centro, o número de vagas de estacionamento diminuiu. Fonte: Acervo do autor deste trabalho.

CENTRO DE EXPOSIÇÕES IMIGRANTES:

Situado junto à Rodovia Imigrantes, distante cerca de 1.200m da Avenida dos Bandeirantes e a 850m do Terminal Jabaquara, a 3Km do Aeroporto Nacional de Congonhas e a cerca de 10Km do centro da cidade e 25Km do Aeroporto Internacional de Guarulhos.

Outro aspecto importante em sua localização se deve ao fato de estar em uma região fronteira entre São Paulo, a região do ABCD e o acesso a Santos/ São Vicente. Cabe observar que está afastado de áreas residenciais e é circundado por área de proteção ambiental..



Fig. II.33: Mapa de localização do Centro de Exposições Imigrantes.
Fonte: www.centroimigrantes.com.br



Fig. II.34: Trecho do mapa com o zoneamento da região onde o Centro Imigrantes está implantado.
Fonte: Mapa base www.prefeitura.sp.gov.br, adaptado pelo autor deste trabalho.



Fig. II.35: Mapa do transporte público da região entorno do Centro Imigrantes.
Fonte: Mapa base www.prefeitura.sp.gov.br, adaptado pelo autor deste trabalho.

O ITM Expo não possui estação de metrô na região (previsto para 2012 – em lilás tracejado) e apresenta duas estações de trem na região: Ceasa e Vila Leopoldina. Existe um corredor de ônibus (linha em vermelho) na Avenida Julião Machado com estação de transferência enfrente ao Ceasa, na mesma avenida (círculos em vermelho). Existe ainda uma previsão de corredor metropolitano na região para 2012 (em amarelo tracejado).

A sua localização próxima de vias expressas das duas marginais favorece a sua ligação com as zonas norte e leste pela marginal do rio Tietê e sul pela marginal do rio Pinheiros. A Avenida Julião Machado faz a ligação com o bairro de Pinheiros e o eixo da Avenida Faria Lima. Acesso ao aeroporto de Cumbica pela Avenida marginal ao rio Tietê. Para o aeroporto de Congonhas é preciso atravessar um trecho de marginais e cruzar a cidade.

Considerações sobre o local:

O ITM Expo possui uma implantação que não parece causar problemas ao entorno, por tráfego de veículos, desde a montagem até a desmontagem. Quanto a emissão de ruído durante a montagem e desmontagem pode oferecer algum problema, pela existência de residências nas proximidades. Os vários acessos existentes conferem grande permeabilidade, mas rampas instaladas para facilitar o acesso de carga aos pisos superiores são de circulação difícil e podem gerar fila de caminhões. Não possui Centros de compras e Rede hoteleira nos arredores, apenas um comércio de varejo pequeno junto à estação de trem Vila Leopoldina. Os pequenos restaurantes existentes, ainda que com estrutura precária, procura atender à demanda do pessoal envolvido na montagem do evento.



Fig. II.38: Foto do acesso ao Centro pela Avenida Engenheiro Roberto Zuccolo, a partir da Avenida Julião Machado sentido Pinheiros: Predominância de empresas instaladas em galpões. Fonte: Acervo do autor deste trabalho.



Fig. II.39: Avenida Cardeal Santiago L. Copello com vista para o Centro ao fundo: Via típica do entorno, com galpões industriais. Fonte: Acervo do autor deste trabalho.



Fig. II.40: Rua Rodrigo Daunt, ao fundo do Centro: Presença de residências de baixa renda próximo ao acesso de cargas.

NOTA: A rampa de acesso para caminhões ao piso de exposições foi construída para função de docas, para minimizar problemas com acesso de cargas aos pavimentos superiores. Fonte: Acervo do autor deste trabalho.



Fig. II.41: Foto de detalhe do conjunto de casas de moradores com baixa renda, na Rua Rodrigo Daunt, ao fundo do Centro. Fonte: Acervo do autor deste trabalho.



Fig. II.42: Foto da Rua Prudêncio de Jesus: Acesso de serviço e rampa de acesso para carga e descarga ao último piso do Centro. Fonte: Acervo do autor deste trabalho.



Fig. II. 43: Foto da Via de circulação interna de caminhões, paralela à Rua Prudêncio de Jesus, para acessar rampa de carga e descarga no último piso do Centro. Fonte: Acervo do autor deste trabalho.



Fig. II.44: Foto da Rua Padre Emílio Miotti: Rampa para carga e descarga com acesso ao primeiro piso de exposições. Também construída para minimizar problemas com o acesso de cargas aos locais de exposição. Fonte: Acervo do autor deste trabalho.



Fig. II.45: Foto da Rua Padre Emílio Motti: Casas típicas localizadas enfrente ao Centro. É interessante notar a presença de pequenos restaurantes para atender aos profissionais envolvidos na montagem dos eventos. Fonte: Acervo do autor deste trabalho.



Fig. II.46: Foto da Rua Padre Emílio Motti: Portão de acesso às docas existentes desde a construção do edifício. Fonte: Acervo do autor deste trabalho.



Fig. II.47: Foto da Avenida marginal do Rio Pinheiros sentido Tietê: Acesso ao Centro com sinalização deficiente. Fonte: Acervo do autor deste trabalho.



Fig. II.48: Foto da Avenida Engenheiro Roberto Zuccolo sentido Avenida Julião Machado: Acesso principal de veículos para os visitantes. Fonte: Acervo do autor deste trabalho.



Fig. II.49: Foto da Avenida Engenheiro Roberto Zuccolo: Entrada Principal. Elemento arquitetônico marcante na fachada. Fonte: Acervo do autor deste trabalho.

EXPO TRANSAMÉRICA:

Localizado no bairro de Santo Amaro, ao lado da ponte Transamérica e próximo ao Hotel Transamérica, ao Credicard Hall, Teatro Alfa e Centros Empresariais. Ao fundo e em um dos lados, faz divisa com condomínios de edifícios residenciais multifamiliares e casas com uso predominantemente residencial, com até dois pavimentos. Situado na Avenida Dr. Mário Vilas Boas Rodrigues, a poucos metros da ponte Transamérica e Avenida Nações Unidas, principal ligação expressa com as demais regiões da cidade, além dos aeroportos de Cumbica e Congonhas. A poucos metros ao fundo do lote, a Avenida João Dias constitui outra ligação importante com a Avenida Santo Amaro até o centro da cidade (Ver Fig. II.50).

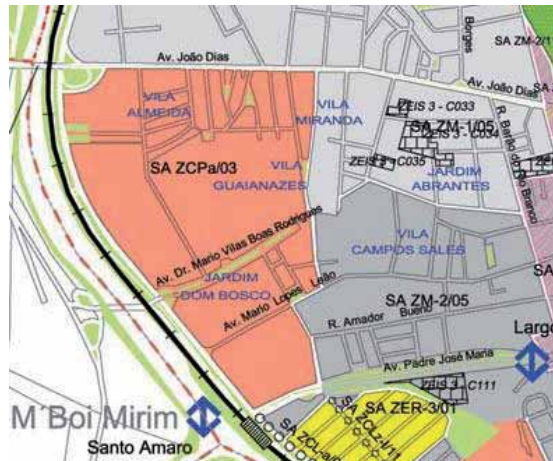


Fig. II.50: Planta baixa com o zoneamento da região onde o Expo Transamérica está implantado. Fonte: www.prefeitura.sp.gov.br

O Expo Transamérica ocupa um lote de cerca de 100.000 m² numa Zona de Centralidade Polar (AS ZCPa/03, na cor salmão) cercada por zonas de uso misto de alta densidade (ao norte e a leste, em cinza) e uma Zona de Centralidade Linear (ao sul, série de quadrados brancos).

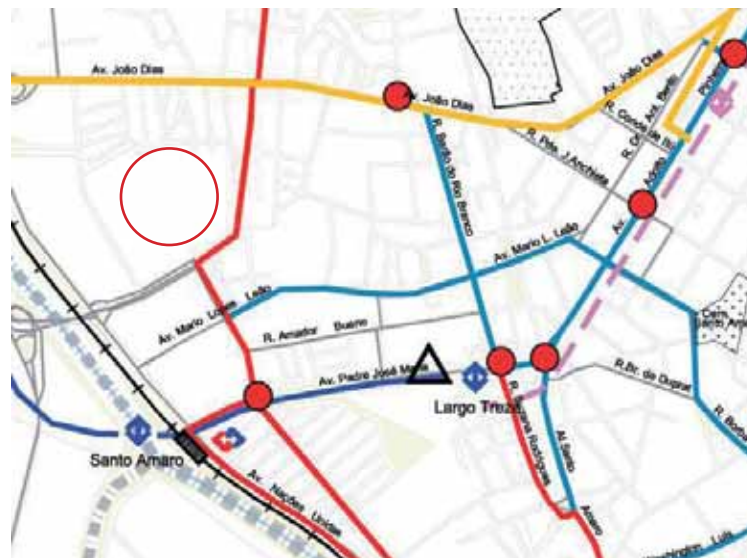


Fig. II.51: Planta baixa com o mapa do transporte público da região do Expo Transamérica. Fonte: www.prefeitura.sp.gov.br

O Centro de Exposições (círculo vermelho) conta com um corredor de ônibus nas via local (linhas em vermelho), com estação de transferência na Avenida Pe José Maria. Conta com estação de metrô e trem na região, além do Terminal de ônibus Santo Amaro.

NOTA: Embora indicado no mapa da prefeitura, a área em destaque amarelo, não é um corredor de ônibus, pois nesse local existe um condomínio residencial multifamiliar.

Considerações sobre o local:

O EXPO Transamérica apresenta uma implantação que parece não apresentar maiores problemas para o tráfego local, pelo acesso recuado ao pavilhão e extenso pátio de estacionamento localizado à frente do pavilhão. Ainda assim, como a Avenida localizada enfrente ao acesso principal apresenta tráfego intenso, podendo sofrer impacto em certos horários, quando houver grande volume de veículos chegando ou saído do Centro de Exposições. Ao analisar o entorno constatamos o grande número de casas situadas junto ao muro de divisa com o Centro de Exposições, que podem sofrer impacto pela emissão de ruídos durante o período de montagem e desmontagem do evento. Essa hipótese encontra respaldo pela existência de avisos fixados nos muros, pedindo silêncio, conforme fotos apresentadas. Além disso, os vários acessos diretos às docas, pelas ruas ao fundo do lote, foram eliminadas.



Fig. II.52: Foto da cobertura dos portões automáticos de acesso ao estacionamento pago. Usa o mesmo sistema eletrônico usado na maioria dos estacionamentos de shopping centers da cidade. Fonte: Acervo do autor deste trabalho.



Fig. II.53: Foto do painel sinalizador e Portão de acesso às docas. Ao fundo e à direita, atrás dos muros, um condomínio residencial. Fonte: Acervo do autor deste trabalho.



Fig. II.54: Foto com vista parcial do condomínio residencial localizado junto ao lote do Centro de Exposições. Fonte: Acervo do autor deste trabalho.



Fig. II.55: Foto de detalhe encontrado: Um cartaz fixado no muro com a frase:
 “Silêncio, não buzine”.
 Ao fundo, prédio residencial.
 Sinal de problemas com propagação de ruídos gerados no local. Fonte: Acervo do autor deste trabalho.



Fig. II.56: Foto de outro cartaz, desta vez com a frase:
 “Silêncio, não grite”.
 Ao fundo, o mesmo prédio residencial da foto acima. Fonte: Acervo do autor deste trabalho.



Fig. II.57: Foto da via de circulação lateral, com acesso às docas.
 Atrás do muro, vê-se o conjunto de prédios residenciais próximo ao lote. Fonte: Acervo do autor deste trabalho.



Fig. II.58: Foto das docas, atrás do pavilhão. A seqüência de construções vistas a partir da direita são casas localizadas junto ao muro, na divisa do lote. Fonte: Acervo do autor deste trabalho.



Fig. II.59: Foto da Rua Álvares Lobo, com pavilhão visto à esquerda. Fonte: Acervo do autor deste trabalho.



Fig. II.60: Foto da esquina da Rua Tertuliano Branco vista a partir da Rua José G. Sobrinho, com casas entre o acesso bloqueado ao terreno do pavilhão, na área de docas. No lugar do portão, foi construído um muro de alvenaria. Possível sinal de problemas com o trânsito de caminhões no passado. Fonte: Acervo do autor deste trabalho.



Fig. II.61: Foto da Rua José G. Sobrinho, vista da esquina com a Rua Tertuliano Branco: Conjunto de casas típicas da região. Fonte: Acervo do autor deste trabalho.



Fig. II.62: Foto da Avenida João Dias a partir da ponte João Dias sentido Santo Amaro: Rua de tráfego intenso e comércio variado, na região próxima ao EXPO Transamérica. Fonte: Acervo do autor deste trabalho.



Fig. II.63: Foto do Centro Empresarial, localizado próximo à ponte Transamérica, do outro lado do rio Pinheiros em relação ao Hotel Transamérica.



Fig. II.64: Foto do final da Rua Tertuliano Branco com a Rua Padre Ibrahim, olhando para parte do fundo e lateral do Centro de exposições. Em primeiro plano, à esquerda uma residência. Fonte: Acervo do autor deste trabalho.



Fig. II.65: Foto da Rua Bento Branco de A. Filho sentido ponte Transamérica: sede de empresas, casas de espetáculos, teatro e escola profissionalizante. Fonte: Acervo do autor deste trabalho.

4.1 Características gerais levantadas, acerca da implantação dos grandes centros de exposições na cidade de São Paulo:

- Todos os grandes Centros estão localizados junto ou bem próximos a grandes eixos viários da cidade;
- Quase todos estão na proximidade de acesso a rodovias intermunicipais;
- A maioria está numa região onde se encontram terminais rodoviários e ferroviários (municipais, intermunicipais ou interestaduais);
- Existência de hotéis na proximidade e, em alguns casos na própria área do Centro de Exposições, anexo ou vinculado a ele;
- Fácil acesso aos centros financeiros da cidade;

- Distribuição dos Centros de Exposições no perímetro do centro expandido da cidade, justificando a dispersão espacial das empresas ligadas a esse setor;
- De 1973 a 1993 não houve acréscimo de Centros de Exposições de grande porte na cidade de São Paulo;
- De 1993 a 2001 houve acréscimo de Quatro novos Centros de exposições de grande porte, onde a área total para exposições, na cidade, passa de 68mil m² para 230mil m², representando um aumento de 338% na área total disponível.
- Esse período de expansão do parque expositivo da cidade coincide com o período pós-estabilização do real e do controle da inflação, da implantação de novas grandes indústrias automotivas e diversos outros setores com capital estrangeiro;
- Corresponde também ao aumento do número de eventos anuais realizados na cidade e o conseqüente aumento do parque hoteleiro;
- A consolidação das novas centralidades: Faria Lima – Berrini/Marginal Pinheiros e de novos Centros de Comércio na zona sul da cidade, bem como o aumento do número de grandes edifícios de escritórios;

5. Considerações Finais:

Podemos inferir que existe uma relação entre a presença de Grandes Centros de Exposição com a atividade de turismo de negócios e o crescimento do mercado hoteleiro nos últimos quinze anos. Podemos ainda, pensar no papel dos Centros de Exposições como Pólos de Crescimento, por estimular a criação de diversas empresas especializadas para suprir a demanda do mercado de eventos, resultando em impacto positivo na economia e no desenvolvimento do setor de eventos na cidade.

Os grandes pavilhões e centros de exposição se constituem complexas estruturas capazes de gerar, em seu interior, cidades efêmeras e territórios independentes, com capacidade de atrair fluxos específicos de alcance internacional, assumindo papel de “Pólo Atrator de Fluxos” e de “Pólo Gerador de Tráfego”. Com referência à questão dos pólos geradores de tráfego, no que podemos observar, esses Centros podem gerar impacto no seu entorno e alteram a dinâmica do trânsito na região, sobretudo nos dias de evento em horários de alto fluxo.

Existe ainda um aspecto importante quanto ao seu impacto que é a questão da geração e propagação de ruídos, sobretudo durante o período de montagem e desmontagem dos eventos. Ocorre que, tais atividades são exercidas em parte do lado de fora dos pavilhões e quando essas áreas se localizam perto de residências e edifícios residenciais multifamiliares, as probabilidades dos ruídos produzidos alcançarem as habitações do entorno são maiores. Por isso, é importante que a alocação das áreas de docas no lote, seja definida também em relação ao tipo de uso presente no entorno, utilizando-se dos recursos arquitetônicos disponíveis para impedir ou minimizar o seu impacto.

CAPÍTULO III
PROGRAMA E MORFOLOGIA:
Principais características dos Pavilhões e Centros de Exposições

1. Introdução:

No presente capítulo são apresentadas as partes que compõem os Pavilhões e Centros de Exposições com seus respectivos ambientes, procurando analisar a lógica da composição do conjunto e sua configuração espacial.

Durante a pesquisa foram realizadas visitas técnicas em alguns dos Centros de Exposições de grande porte¹ da Capital Paulista com registro fotográfico do edifício e o seu entorno, além do acompanhamento de alguns eventos em todas as suas etapas. Posteriormente, foram levantadas plantas e imagens dos diversos exemplares desta tipologia na Capital e em outros locais, com o propósito de permitir uma análise comparativa mais abrangente das soluções adotadas. Isso permitiu extrair os ambientes e espaços em comum que possibilitasse a formulação do seu programa, contendo as funções essenciais e necessidades atuais à tipologia. A análise da circulação interna e da interligação entre os diversos grupos de ambientes ou zonas, considerando o modo como são utilizados nos eventos permitiu que se chegasse a um fluxograma. Ambos foram concebidos com o intuito de servir como ferramentas ou parâmetros auxiliares na reflexão sobre este tipo de equipamento urbano.

2. Pavilhão de exposições, Centros de Exposição e Centros de Convenções: Definições e principais características que os distinguem entre si:

É importante inicialmente diferenciar as exposições dos congressos ou convenções, quanto às necessidades espaciais para sua realização:

1. Com área total destinada a exposição e eventos superiores a 20.000m². Com área total destinada a exposição e eventos superiores a 20.000m².

A) EXPOSIÇÕES:

As exposições como já apresentado anteriormente, são mostras onde ocorre a reunião de expositores com finalidade primordial de expor algo (produto ou serviço) para um público visitante (especialmente convidado ou vindo por livre iniciativa). Essa reunião demanda um espaço amplo o suficiente e em geral coberto, que abrigue a quantidade de expositores e produtos expostos, com uma planta livre que permita flexibilidade de arranjo físico e boa circulação – o pavilhão. Embora seja conhecido como “pavilhão de exposições”, são também utilizados para a realização de feiras de negócios, shows, competições esportivas e outras atividades que necessitem de um espaço com esses atributos. Quando existe mais de um pavilhão, interligáveis direta ou indiretamente, tem-se o Centro de Exposições – Centros de Exposições (LAWSON:2000). Em resumo, podemos assim definir os dois locais para realização de feiras e exposições:

Pavilhão: 1- É o espaço onde acontecem as feiras e exposições propriamente ditas, sendo o principal ambiente de um edifício ou complexo destinado a abrigar tais eventos. 2- Parte de um conjunto de ambientes que formam o centro de exposições.

Centro de Exposição: É um conjunto que reúne vários pavilhões e outros ambientes destinados à realização de Feiras, Exposições e outras atividades, com estrutura capaz de realizar dois ou mais eventos simultaneamente. Seus pavilhões possuem cada um, acessos independentes, tanto de visitantes e expositores, quanto de carga/descarga e serviços. Em geral possuem interligação com os outros pavilhões para permitir o aumento de área contínua de exposição em um mesmo evento.

Dito isto, é possível apresentar graficamente as diferenças entre Pavilhão de Exposições e Centros de Exposição:

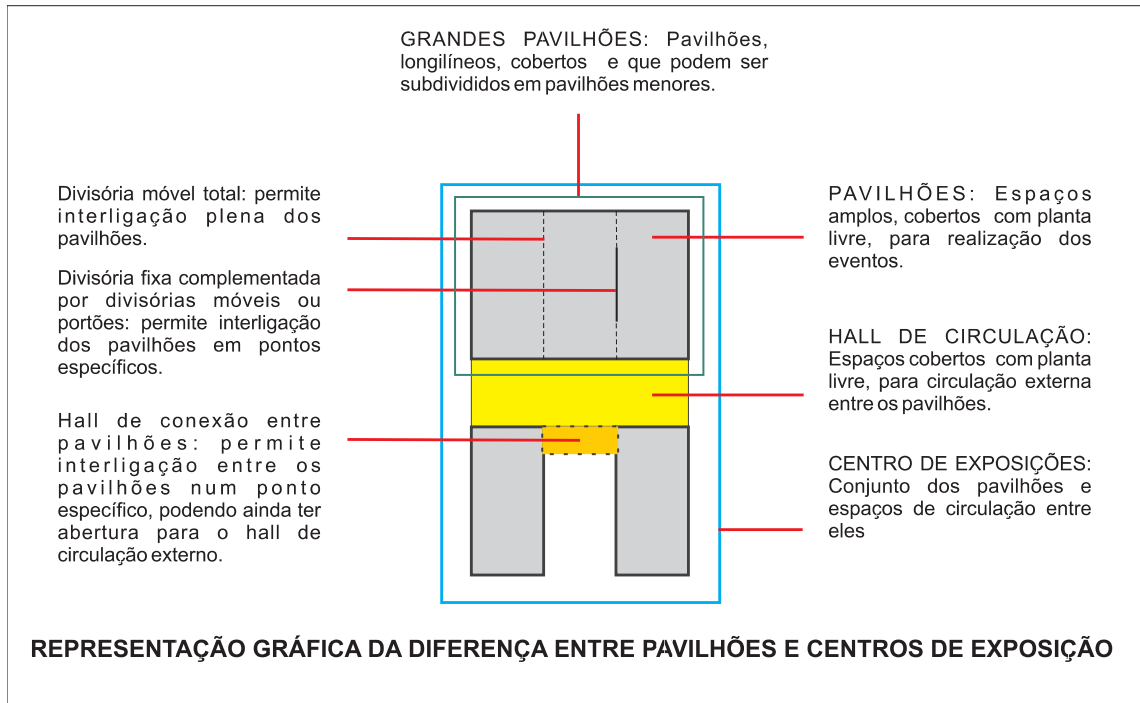


Fig. III.1: Diferença entre Pavilhão e Centro de Exposição: Representação gráfica esquemática.
Fonte: Elaborado pelo autor

B) CONGRESSOS E CONVENÇÕES:

Os Congressos e Convenções, por sua vez, são reuniões de pessoas que convergem àquele lugar com vista a debater ou tomar conhecimento sobre uma área de conhecimento com um ou mais temas/ assuntos. Eles podem ser apresentados sequencialmente em um espaço único, ou simultaneamente, sendo cada tema abordado em um espaço separado. Em ambos os casos as pessoas estão distribuídas no lugar de modo a convergirem para o mesmo ponto focal, onde o tema/ assunto será exposto/ debatido. Para a abertura e encerramento do evento, bem como grandes plenárias são previstos os auditórios: eles são maiores e em geral com capacidade para reunir (sempre que possível) todos os participantes previstos para o evento. Para os diversos subtemas ou assuntos abordados simultaneamente

são previstas as salas para conferências, destinadas a abrigar grupos menores de pessoas, do mesmo evento. O conjunto formado pelo(s) auditório(s) com as salas de conferências constitui a zona das atividades-fim de um Centro de Convenções (LAWSON:2000). Em geral, os congressos e convenções são reuniões técnicas, voltadas para um público determinado e quanto à sua organização pode ocorrer de três formas:

- a- Isoladamente e sem ligação com outro evento;
- b- Como evento complementar de uma feira ou exposição;
- c- a-Ser o principal evento, mas cujo escopo de atividades previstas inclui uma feira ou exposição paralela, exigindo para isso um espaço para abrigar essas atividades complementares.

Os eventos descritos nos itens “a” e “c” podem ser realizados em construções planejadas para funcionarem apenas como Centro de Convenções independentes ou naqueles concebidos como um anexo ou parte complementar de uma edificação e função diversa das feiras e exposições (ainda que complementar em alguns casos). Tais como: hotéis, associações de classe, hospitais etc. Exemplos em São Paulo Capital: Hotel Renaissance, FECOMERCIO – Federação do Comércio e o Centro de Convenções Rebouças - este ligado ao hospital das clínicas, todos nesta Capital. Em São Paulo é relevante a existência de muitos hotéis com tais Centros, tendo em vista a elevada quantidade de congressos, convenções, simpósios e eventos do gênero realizados nesta cidade².

2. Segundo a SP Turismo são cerca de 90.000 eventos anuais e 75% das maiores Feiras e Exposições realizadas no país.

Quanto ao item “c”, tendo os congressos como a principal atividade, realizados nos auditórios e salas para conferências que podem ser justapostas com divisórias móveis entre elas formando um ou mais blocos de salas conjugadas. Entretanto, por demandarem espaços adicionais para pequenas feiras ou exposições, reuniões comemorativas e confraternizações que exijam ambientes amplos, são previstas além dessas, outras salas maiores – Salões para Eventos, também interligáveis entre si. Esse bloco de salões é esquematicamente similar ao “grande pavilhão” (ver Fig. III.1 acima), só que em menor escala, podendo formar também um ou mais blocos com diversos salões interligáveis. Desta forma, quando unidos eles formam um único Grande Salão ou *Ballroom*³, capaz de atender a pequenas exposições, ou seja, flexibilidade para usos diversos conforme as necessidades de cada evento.

Os congressos descritos no item “b”, em geral, são realizados no Centro de Convenções existente dentro do Centro de Exposições e isso facilita a participação das pessoas em ambas as atividades: feiras ou exposições e os congressos, convenções ou reuniões do gênero. Exceto quando se tratar de um evento paralelo, planejado para aproveitar o público-alvo de um evento maior, com maior poder de atração de visitantes. Nesse caso seriam realizados em locais diferentes. Neste capítulo serão detalhados apenas os Centros de Convenções existentes nos Centros de Exposições.

Com tantos eventos acontecendo na cidade, é frequente a existência de congressos paralelos e complementares às feiras e exposições⁴, por isso muitos dos Centros de Exposição mais recentes pesquisados têm sido planejados com um Centro de Conferências em anexo para atender essa demanda. É desejável que

3. A tradução deste termo seria salão para bailes ou ocasiões formais (STEEL:2000). Entretanto, o termo foi apropriado nos CC para designar grandes salões para eventos.

4. Segundo a SP Turismo, é realizado um evento a cada 6 minutos na cidade de São Paulo.

ambos constituam uma única massa edificada, de tal forma que ambos os Centros possam ter atividades simultâneas interligadas ou independentes (inclusive não relacionadas entre si), sem que haja algum prejuízo operacional em cada uma delas. Como exemplos em São Paulo, têm-se o EXPO Transamérica e o Expo Center Norte onde os Centros de Convenções foram inseridos no interior do corpo principal da edificação. Existem soluções que conciliam a união das duas atividades em uma mesma edificação, porém com massas edificadas distintas e reconhecíveis, como é o caso do EXPO Minas em Belo Horizonte, Minas Gerais (ver Fig. 31 a 40). Ambos os Centros podem também constituir construções separadas dentro do mesmo lote, interligáveis por caminhos ou passagens, como é o caso do Parque Anhembi (ver Fig. III.2). Qualquer que seja a solução adotada existe um ponto importante a ser considerado quando da distribuição das diversas zonas e espaços no lote: a planta geral deve permitir o pleno funcionamento do maior número de eventos simultâneos que o complexo comportar.

Existem ainda, outros espaços para atender outros tipos de eventos ou atividades e que por vezes são agrupados com esses Centros, formando um Complexo ou Parque para Eventos em geral, tais como: arenas, espaço ao ar livre para usos diversos, espaços para desfiles, shows, eventos esportivos etc. Em São Paulo, o exemplo que apresenta a maior diversidade de espaços para abrigar eventos de variados tipos, porte e público é o Parque Anhembi. Ele é Composto pela Arena Skol Anhembi, o Pólo Cultural e Esportivo Grande Otelo (Sambódromo), o Palácio das Convenções, o Pavilhão de Exposições do Anhembi, além do Hotel de Convenções Holliday Inn (Fig. III.2, já citado acima). Neste capítulo será estudado apenas o Pavilhão de Exposições do Anhembi, por ser o único Centro de Exposições de grande porte e funcionar independente das demais estruturas.



Fig. III.2: Vista aérea do complexo Parque Anhembi com seus componentes.
 Fonte: Foto base - São Paulo Turismo. Adaptado pelo autor deste trabalho.

3. Pavilhões e Centros de Exposição da Cidade de São Paulo:

Na Cidade de São Paulo foram identificados sete grandes Centros de Exposição com áreas locais para feiras e exposições superiores a 20.000m² e constitui o principal grupo a ser utilizado para análise da tipologia em estudo (ver Fig. III.3).

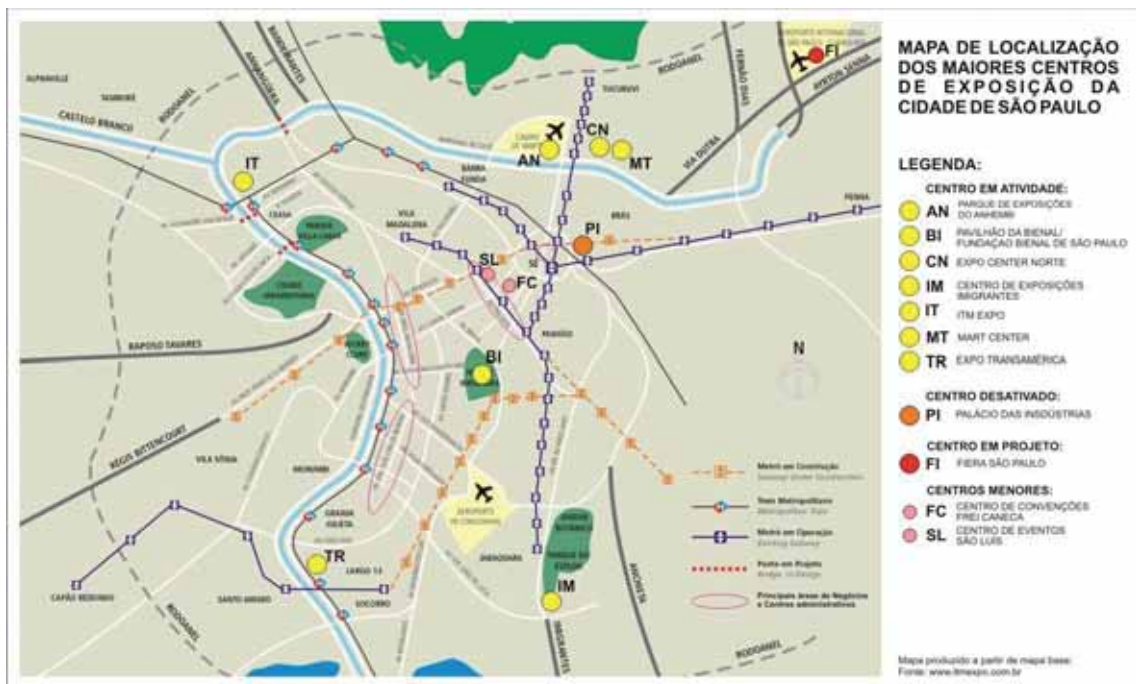


Fig.III.3: Mapa de localização dos maiores CEX em São Paulo.
 Fonte mapa base: www.itmexpo.com.br adaptado por Kleber Santos Carvalho.

3.1 Pavilhão de Exposições Ciccillo Matarazzo (Pavilhão da Bienal):

Foi inaugurado em 1953, para a II Bienal e Grande Exposição comemorativa do IV Centenário da Cidade de São Paulo, com projeto do arquiteto Oscar Niemeyer. Parte integrante de um conjunto de três pavilhões interligados por uma imensa marquise, o Pavilhão Ciccillo Matarazzo (em homenagem ao fundador da Bienal), hoje conhecido como Pavilhão da Bienal, por abrigar a sede da Fundação Bienal de São Paulo, tem abrigado diversos eventos, entre Feiras e Exposições.



Fig. III.4: Vista aérea do parque com Pavilhão Ciccillo Matarazzo ao fundo.
Fonte: Fundação Bienal de São Paulo.

O Pavilhão possui quatro pavimentos e um mezanino, com três entradas para eventos e uma para carga e descarga/ serviços. Ele pode ser compartimentado horizontalmente, já que apresenta um acesso por rampas externas, diretamente ao terceiro e quarto pisos. Implantado dentro do Parque Ibirapuera, próximo à Avenida Pedro Álvares Cabral, possui vários bolsões de estacionamento à sua volta, para atender as demandas deste e dos demais edifícios que compõem o complexo, como a sede do MAM, sob a marquise, a Oca entre outros.

Para ver plantas, cortes, elevações e detalhes do edifício ver Anexo I.



Fig. III.5: Vista do mezanino com o vazio central e estrutura de rampas de acesso aos 1º. E 2º. Pisos.
Fonte: Fundação Bienal de São Paulo.

Tabela das áreas locáveis do Pavilhão:

| PAVILHÃO | Porão das Artes |
|-------------------------------------|---------------------------------------|
| Térreo: 4.482m ² | Área climatizada |
| Mezanino: 1.176m ² | Auditório para 286 pessoas |
| 1º. Pavimento: 3.119m ² | Foyer de 728,4m ² |
| 2º. Pavimento: 11.313m ² | Galeria anexa de 206m ² |
| 3º. Pavimento: 5.063m ² | Auditório pequeno de 68m ² |
| ÁREA TOTAL: 25.153m ² | Copa de apoio |

Tabela III.1: Áreas locáveis do Pavilhão da Bienal.

Fonte: <http://bienalsaopaulo.globo.com/>

3.2 Pavilhão de Exposições Do Anhembi:



Fig.III.6: Vista aérea do Pavilhão de Exposições do Anhembi a partir da entrada do conjunto composto pelo pavilhão oeste (menor, à direita) e o pavilhão norte-sul (maior, à esquerda).

Fonte: São Paulo Turismo.

Localizado na zona norte da cidade e inaugurado em 1970, com o Salão do Automóvel (que até então vinha sendo realizado no Pavilhão Ciccillo Matarazzo), é um dos principais espaços para realização de Feiras e Exposições da Capital. Situado entre a via expressa da marginal do rio Tietê e o aeroporto Campo de

Marte, conta com um pátio de estacionamento com capacidade para 7.500 vagas ou 13.000 rotativas e uma área expositiva de 68.600m², em dois pavilhões contíguos e integrados. O maior e mais antigo deles pode ser subdividido em duas partes: norte e sul⁵. O menor está interligado diretamente ao maior por uma de suas laterais e não apresenta compartimentação horizontal ou divisória móvel entre os dois pavilhões (ver Fig. III.8). Da mesma forma como ocorre no interior do pavilhão norte-sul: trata-se apenas de uma possibilidade, condicionada à montagem de uma divisória no local⁶ (ver Fig. III.9). Os demais equipamentos com atividades complementares como o Palácio das Convenções, Auditório Elis Regina e o Hotel Holliday Inn possuem caminhos para pedestres entre eles e o Pavilhão de Exposições do Anhembi, embora sejam independentes. Talvez por isso essa ligação seja descoberta, sem proteção contra as intempéries, o que não resulta nem prático nem confortável aos seus usuários.

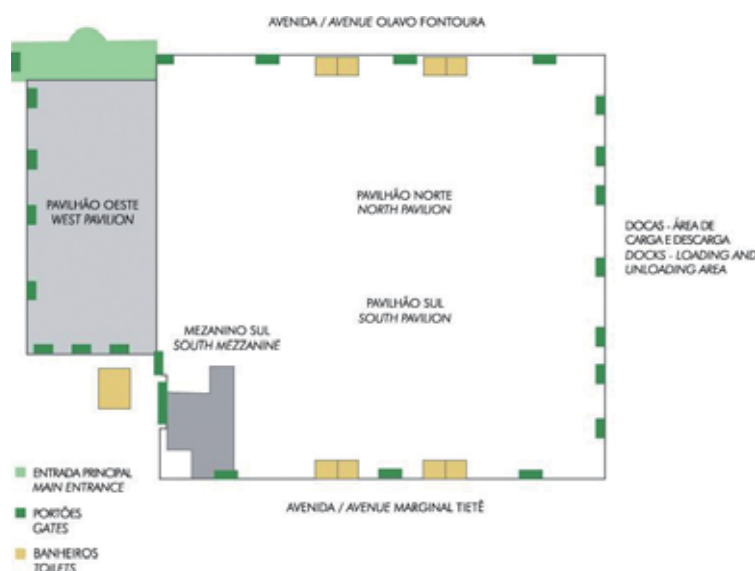


Fig.III.7: Planta simplificada dos dois pavilhões com indicação dos principais portões de acesso à edificação, sanitários e docas.

Fonte:<http://www.anhembi.com.br/anhembi/bin/view/Pavilhao/EspacoPlanta>.

5. Fonte: São Paulo Turismo.

6. Fonte: Visita técnica ao local em outubro de 2006.



Fig.III.8: Vista da interligação entre os pavilhões norte-sul (à esquerda na foto) e oeste (à direita na foto). Fonte: Foto tirada em 10/10/2006 pelo autor deste trabalho, durante a montagem do Salão do Automóvel.



Fig III.9, à esquerda: Foto do interior do pavilhão norte-sul.

Fig III.10, à direita: Foto do interior do pavilhões oeste.

Fonte: www.anhembicom.br.

| | | ÁREA | CAPACIDADE* |
|---------------------------------|-----------------|-------------------------------|----------------------|
| ENTRADA (PAVILHÃO OESTE) | | | |
| Saguão de Entrada | Térreo | 1862,00 m ² | 4785 pessoas |
| (não faz parte da locação) | Mezanino | 1735,00 m ² | |
| | Subtotal | 3597,00 m² | |
| TÉRREO | | | |
| | Pavilhão Oeste | 11248,31 m ² | |
| | Pavilhão Norte | 28151,94 m ² | 5225 pessoas |
| | Pavilhão Sul | 26404,23 m ² | 5225 pessoas |
| | Subtotal | 65804,48 m² | |
| MEZANINO (PAVILHÃO SUL) | | | |
| | 1º mezanino | 1437,87 m ² | 1260 pessoas |
| | 2º mezanino | 1708,35 m ² | 1260 pessoas |
| | Subtotal | 3146,22 m² | |
| TOTAL | | 72547,70 m² | 17755 pessoas |
| ÁREA LOCÁVEL / CAPACIDADE | | | |

* Para Feiras.

. Para outros tipos de eventos, a capacidade deverá ser analisada caso a caso e possuir alvará específico.

Tabela III.2: Tabela de áreas locáveis do Pavilhão de Exposições do Anhembi.

Fonte: Manual de Normas Técnicas 2008 – São Paulo Turismo.

| | | ÁREA |
|--------------------------------|-----------------|------------------------------|
| TÉRREO | Serviços | 718,67 m ² |
| | Concessionários | 508,01 m ² |
| | Sanitários | 1450,00 m ² |
| | Circulação | 579,66 m ² |
| | Subtotal | 3256,34 m² |
| MEZANINO (PAVILHÃO SUL) | Concessionários | 1050,00 m ² |
| | Circulação | 428,70 m ² |
| | Subtotal | 1478,70 m² |
| TOTAL | | 4735,04 m² |

Tabela III.3: Áreas de outros ambientes do Pavilhão de Exposições do Anhembi.
 Fonte: Manual de Normas Técnicas 2008 – São Paulo Turismo.

3.3 EXPO Center Norte:



Fig.III.11: Vista aérea do Centro de Exposições. Fonte: www.expoцентernorte.com.br



Fig.III.12: Mapa da região com implantação do CEX identificados pela cor homônima ao nome dos pavilhões: Amarelo, azul, branco, vermelho e verde. Fonte: www.expoцентernorte.com.br

O EXPO Center Norte é parte de um complexo de empreendimentos comerciais e iniciou suas atividades em 1993, inicialmente com dois pavilhões (azul e vermelho) que foram adaptados para essa função. Ao longo dos anos outros pavilhões foram construídos integrados, formando hoje um conjunto de cinco pavilhões com uma área total para exposições de aproximadamente 62.000 m².⁷

Situado na zona norte da cidade, no bairro da Vila Guilherme e próximo da marginal do rio Tietê, com fácil acesso ao aeroporto de Cumbica, pela marginal Tietê e ao aeroporto de Congonhas pela ponte cruzeiro do Sul.



Fig. III.13: Mapa de distribuição dos pavilhões no Centro de Exposições.
Fonte: www.expoцентernorte.com.br

7. UBRAFE – Principais Feiras de Negócios de 2006.

| | ÁREA (m ²) Area (m ²) | | | CARGA DO PISO (kg/m ²) Floor Loading (kg/m ²) | | PÉ-DIREITO (m) Ceiling height (m) | CARGA ELÉTRICA Power Supply | PORTA DE SERVIÇO (largura x altura) Freight/ service entrance (width x height) |
|--|--|-----------------------|-------------|--|-----------------------|--------------------------------------|--------------------------------|---|
| | Térreo Ground Floor | Mezanino Mezzanine | Total Total | Térreo Ground Floor | Mezanino Mezzanine | | | |
| PAVILHÃO AZUL Blue Pavilion | 14.185 | 2.010 | 16.195 | 3.500 | 350 | 7,5 | 380 V TRIFÁSICO | 7,5m x 7m |
| PAVILHÃO VERMELHO Red Pavilion | 10.717 | 2.010 | 12.727 | 3.500 | 350 | 7,5 | | 7,5m x 7m |
| PAVILHÃO VERDE Green Pavilion | 8.100 | - | 8.100 | 3.500 | - | 7,5 | 220 V MONOFÁSICO | 7,5m x 7m |
| PAVILHÃO AMARELO Yellow Pavilion | 7.986 | 689 | 8.675 | 3.500 | 350 | 7,5 | | 7,5m x 5,4m |
| PAVILHÃO BRANCO I White Pavilion I | 5.268 | - | 5.268 | 3.500 | - | 7,5 | 380 V three-phase | 9,5m x 7m |
| PAVILHÃO BRANCO II White Pavilion II | 8.060 | - | 8.060 | 3.500 | - | 7,5 | | 9,5m x 7,3m |
| TOTAL PAVILHÕES BRANCO I e II Total for White Pavilions I and II | 13.328 | - | 13.328 | | | | 220 V single-phase | |
| AUDITÓRIOS PAVILHÃO BRANCO I White Pavilion I Auditoriums | 1.969 | - | 1.969 | - | - | 3,10 a 3,60 | | 220 V |
| AUDITÓRIOS PAVILHÃO AMARELO Yellow Pavilion Auditoriums | 1.442 | - | 1.442 | - | - | 4,50 | 220 V | - |
| TOTAL | 57.727 | 4.709 | 62.436 | | | | | |

Tabela III.4: Tabela de áreas locáveis do Expo Center Norte. Fonte: www.expoцентernorte.com.br

Notas:

- Todas as salas possuem ar-condicionado
- Acessos individuais e independentes a todas as salas.
- Através de partições móveis, as salas podem ser configuradas em diversos tamanhos, como um grande salão até vários auditórios menores.

Fonte: www.expoцентernorte.com.br.

Características gerais do Centro de Exposições:



Fig. III.14: Auditórios brancos – Planta de distribuição e Tabela de áreas.
Fonte: www.expoцентernorte.com.br

AUDITÓRIOS PAVILHÃO BRANCO White Pavilion Auditoriums

| CAPACIDADES APROXIMADAS Approximate Capacities | ÁREA (m²) Area (m²) | AUDITÓRIO Auditorium | "U" MESA ÚNICA Single "U"- shaped table | ESCOLAR/ ESPINHA DE PEIXE Schoolroom/ herringbone | MESAS REDONDAS Round tables | MESAS REDONDAS C/ BUFFET Round tables and buffet service |
|---|------------------------|-------------------------|---|--|--------------------------------|---|
| AUDITÓRIO 1 Auditorium 1 | 237 | 300 | 60 | 150 | 200 | 180 |
| AUDITÓRIO 2 Auditorium 2 | 237 | 300 | 60 | 150 | 200 | 180 |
| AUDITÓRIO 3 Auditorium 3 | 185 | 235 | 50 | 120 | 160 | 140 |
| AUDITÓRIO 4 Auditorium 4 | 185 | 235 | 50 | 120 | 160 | 140 |
| AUDITÓRIO 5 Auditorium 5 | 177 | 230 | 45 | 110 | 150 | 135 |
| AUDITÓRIOS 1 a 5 (TOTAL) Auditoriums 1 to 5 (Total) | 1.021 | 1.300 | 265 | 650 | 870 | 775 |
| AUDITÓRIO 6 Auditorium 6 | 184 | 235 | 50 | 120 | 160 | 140 |
| AUDITÓRIO 7 Auditorium 7 | 360 | 455 | 95 | 230 | 305 | 265 |
| AUDITÓRIOS 6 e 7 (TOTAL) Auditoriums 6 and 7 (Total) | 544 | 690 | 145 | 350 | 465 | 405 |
| AUDITÓRIO 8 Auditorium 8 | 174 | 230 | 45 | 110 | 150 | 135 |
| AUDITÓRIO 9 Auditorium 9 | 230 | 290 | 58 | 145 | 190 | 175 |
| TOTAL GERAL | 1.969 | 2.510 | 513 | 1.255 | 1.675 | 1.490 |

Tabela III.5 : Fonte: www.expoцентernorte.com.br



Fig. III.15 - Auditórios Amarelos – Planta de distribuição. Fonte: www.expoцентernorte.com.br

AUDITÓRIOS PAVILHÃO AMARELO Yellow Pavilion Auditoriums

| CAPACIDADES APROXIMADAS Approximate Capacities | ÁREA (m ²) Area (m ²) | AUDITÓRIO Auditorium | "U" MESA ÚNICA Single "U"- shaped table | ESCOLAR/ ESPINHA DE PEIXE Schoolroom/ herringbone | MESAS REDONDAS Round tables | MESAS REDONDAS C/ BUFFET Round tables and buffet service |
|--|--|-------------------------|---|--|--------------------------------|---|
| AUDITÓRIO A Auditorium A | 230 | 290 | 50 | 145 | 190 | 175 |
| AUDITÓRIO B Auditorium B | 230 | 290 | 50 | 145 | 190 | 175 |
| AUDITÓRIOS A e B Auditoriums A and B | 460 | 580 | 116 | 290 | 380 | 350 |
| AUDITÓRIO C Auditorium C | 180 | 230 | 45 | 115 | 155 | 135 |
| AUDITÓRIO D Auditorium D | 180 | 230 | 45 | 115 | 155 | 135 |
| AUDITÓRIOS C e D Auditoriums C and D | 360 | 460 | 90 | 230 | 310 | 270 |
| TOTAL GERAL | 820 | 1.040 | 206 | 520 | 690 | 620 |

ÁREAS ADJUNTAS AOS AUDITÓRIOS DO PAVILHÃO AMARELO
 Areas adjoining the Yellow Pavilion Auditoriums

| | | | | | | | |
|-----------------------------------|------------------------------------|-----------------------------------|------------------------------------|----------------------|----------------------------------|-------|-----------------------------------|
| SALA DE APOIO 1 Support Room 1 | ÁREA / area 19,5 m ² | SALA DE APOIO 2 Support Room 2 | ÁREA / area 19,5 m ² | SALA VIP VIP Room | ÁREA / area 30 m ² | LOBBY | ÁREA / area 553 m ² |
|-----------------------------------|------------------------------------|-----------------------------------|------------------------------------|----------------------|----------------------------------|-------|-----------------------------------|

Tabela III.6: Fonte: www.expocenternorte.com.br

- Ar-condicionado em todos os pavilhões.
- Sistema de sonorização ambiental.
- Sistema de combate a incêndios.
- Posto interno de telefonia, manutenção e locações de linhas.
- Serviços de Multilink, possibilitando o uso de voz, dados e imagens.
- Discagem Direta Ramal (DDR).
- Serviço de Internet de banda larga Speedy Business da Telefônica.
- Linha Dedicada de Dados (SLDD).
- Serviços para comunicação de dados.
- Rede IP.
- Plataformas técnicas suspensas, dispensando o uso de pisos tablados.
- Geradores de emergência.
- Serviço gratuito de vans, exclusivo para hóspedes do Novotel, para transporte entre os empreendimentos da Cidade Center Norte: Shopping Center Norte, Shopping Lar Center, Expo Center Norte e Novotel São Paulo Center Norte.

Fonte: www.expocenternorte.com.br.

3.4 EXPO Transamérica:



Fig. III.16: Vista aérea do Expo Transamérica com sua configuração original, em 2001.
Fonte: www.transamericaexpo.com.br.

Foto aérea do local após ampliação. Em primeiro plano, à esquerda, o acesso principal de visitantes e à direita, o acesso de serviço. Ao fundo e na lateral direita, quadras ocupadas por residências e prédios de apartamentos, na divisa com o lote do pavilhão, junto às docas dos pavilhões.



Fig. III.17: Vista aérea com a configuração atual. Fonte: SP&VB – Press Kit, junho de 2006.

Foto do local/ Vista aérea com conjunto residencial popular em primeiro plano à direita e planta de implantação no lote, já com pavilhão anexo:



Fig. III.18, à esquerda: Vista externa do Hall da marquise contínua de desembarque e Hall de entrada e distribuição em “L” que atende a todos os pavilhões compartimentados.

Fig. III.19, ao centro vista aérea do Centro de Exposições com o seu entorno predominantemente residencial.

Fig. III.20, à direita: Planta de implantação dos pavilhões no lote. As áreas em verde na parte superior corresponde ao estacionamento de caminhões para carga e descarga e as saídas para o alto são portões hoje bloqueados por atravessarem área residencial.

(Fonte:www.transamericaexpo.com.br).

O EXPO Transamérica, inaugurado em 2001, ocupa uma edificação construída para a função de centro de exposições, com 28.000 m² de área para exposições, centro e convenções para até 4.000 pessoas e um estacionamento com capacidade para 2.500 veículos.

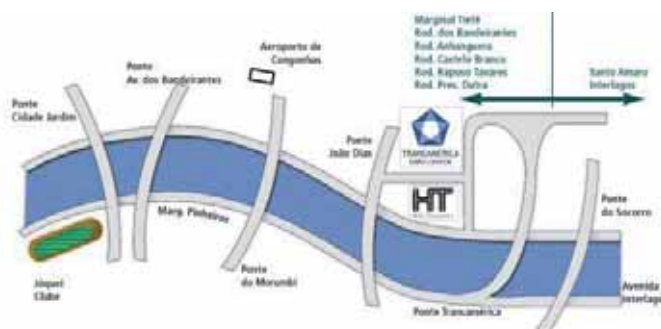


Fig. III.21: Mapa de principais acessos nas proximidades do Centro de Exposições Expo Transamérica.
Fonte: www.transamericaexpo.com.br.

Localizado na Avenida Dr. Mário Vilas Boas Rodrigues no bairro de Santo Amaro, a poucos metros da ponte Transamérica e Avenida Nações Unidas, principal ligação expressa com as demais regiões da cidade, além dos aeroportos de Cumbica e Congonhas. O Expo Transamérica é um empreendimento ligado ao Hotel de mesmo nome, localizado nas proximidades. A região onde está conta com

importantes equipamentos culturais como o Teatro Alfa e o Credicard Hall. Vale ressaltar que a edificação possui climatização eficiente e rede de fibras ópticas desde sua inauguração.

Infra-estrutura:

- Área total ocupada de 100.000 m².
- 33.000 m² de área construída, 28.000 m² de área para exposições, divididos em 5 pavilhões interligados (2 de 4.000 m², 2 de 6.000 m² e 1 de 8.000 m²) e um mezanino de 2.000 m² com 9 salas de auditório componíveis.
- Estacionamento para 2.000 veículos.
- Entrada independente para cada pavilhão e para o mezanino.
- Mínimo de 2 acessos de carga e descarga em cada pavilhão.
- Foyer com 3.000 m² com áreas de apoio para credenciamento, ambulatório médico, guarda-volumes, central de informações entre outros.
- Possibilidade de realização de 5 eventos simultâneos.
- Ar-condicionado central.
- Pé-direito livre de 8 m.
- Número mínimo de colunas por pavilhão (2 a 3 colunas).
- Carga no piso de 2 t/m².
- Três cafeterias La Basque em três dos cinco pavilhões.
- 25 km de fibra ótica.
- Total flexibilidade de instalação elétrica e hidráulica. 260 pontos de hidráulica (água e deságua) distribuídos pelo piso e 4.500 KVA's de energia instalada (distribuição aérea).

Auditórios:

- 2.000 m² de área total.
- Localizados no mezanino.
- Entrada independente dos pavilhões.
- Nove salas componíveis.
- Controle individual de iluminação e ar-condicionado.
- Piso acarpetado e pé-direito de 3,50 m.
- Infra-estrutura de sanitários e áreas para coffee breaks.
- Piso acarpetado e pé-direito de 3,50 m.

Telecomunicações:

- 25 km de fibra ótica.
- 2.000 pontos de dados e voz e 49 racks.
- Cabeamento estruturado e rede lógica de dados e voz, padrão Avaya CAT 6.
- No break Siemens e geradores Stemac exclusivos para os recursos de informática.
- Tráfego de dados com a possibilidade de constituição de VLANS entre expositores.
- Acesso à internet sob demanda.
- Tronco digital / analógico e ISDN.

3.5 ITM EXPO:



Fig. III.22: Foto do local: Fachada frontal do ITM Expo com estacionamento à frente, na Avenida Engenheiro Roberto Zucollo. Fonte: Acervo do autor deste trabalho.

O ITM Expo ocupa uma edificação inicialmente construída para acomodar a função de centro de compras atacadista da área têxtil. Reformado e adaptado para a nova função, vem funcionando como Centro de Exposições desde o final da década de 90 e conta com um espaço para exposições de aproximadamente 27.000 m² e 14 auditórios modulares. Situado no bairro Vila Leopoldina e inserido

em meio a grandes quadras ocupadas por galpões industriais, está muito próximo da avenida marginal do Rio Pinheiros e tem a estação de trem Vila Leopoldina da CPTM nas proximidades.

3.6 CENTRO DE EXPOSIÇÕES IMIGRANTES:



Fig. III.23: Vista aérea do Centro de Exposições Imigrantes na foto maior e fotos de eventos em detalhe, nas fotos menores. Fonte: www.centroimigrantes.com.br.



Fig. III.24: Vista aérea do Centro de Exposições Imigrantes a partir de sua entrada e pátio de estacionamento. Fonte: www.centroimigrantes.com.br.

O local funcionou como Centro de Eventos Agropecuários até 1999 quando, após passar por uma intensa reforma e reestruturação das instalações, passou a abrigar Feiras e Exposições. Em 2000, com a conclusão da segunda fase das reformas, inaugurou o Grande Auditório, a construção do Centro de Convenções, uma área multiuso, com salas de som e iluminação, e ar-condicionado.

Em 2001, uma terceira fase de reformas marcou a consolidação do Centro de Exposições Imigrantes como local para receber convenções, feiras, exposições, shows, leilões, enfim, vários tipos de eventos.

Situado junto à Rodovia Imigrantes, distante cerca de 1.200m da Avenida dos Bandeirantes e a 850m do Terminal Jabaquara, a 3Km do Aeroporto Nacional de Congonhas e a cerca de 10Km do centro da cidade e 25Km do Aeroporto Internacional de Guarulhos.

Outro aspecto importante em sua localização se deve ao fato de estar em uma região fronteiriça entre São Paulo, a região do ABCD e o acesso a Santos/ São Vicente. Cabe observar que está afastado de áreas residenciais e é circundado por área de proteção ambiental.



Fig. III.25: Mapa de localização do Centro de Exposições Imigrantes.
Fonte: www.centroimigrantes.com.br



Fig. III.26: Perspectiva ilustrativa com distribuição das principais partes do Centro de Exposições Imigrantes. Fonte: www.centroimigrantes.com.br

LEGENDA dos itens indicados na ilustração acima (Fig. III.26):

1. Portaria 1: acesso de visitantes
2. Portaria 2: veículos de visitantes e expositores
3. Showroom: área livre descoberta com 6.305m², permitindo a exposição de equipamentos, veículos de grande porte, embarcações e maquinaria pesada
4. Arquibancada da arena: parcialmente coberta, com capacidade para 5.500 pessoas.
5. Arena: totalmente pavimentada, com 18.700m² de área utilizável.
6. Choperia: anexa à Arena, com 1.560m², local ideal par a instalação de restaurante ou lanchonete durante eventos.
7. Portaria 3: veículos de visitantes e expositores, veículos de carga, equipamentos e serviços.
- E. Pátios de estacionamento: com capacidade para até 5.500 veículos.

Grande Auditório:

Tem capacidade para 900 pessoas, ar-condicionado e acústica perfeita. Equipado com cabines de tradução simultânea, sonorização e projeção. Duas salas de apoio, cozinha para serviços de bufê e toalete com depósito.

Hall do Auditório:

Tem 680m² de área, ideal para montagem de mostras, exposições complementares, credenciamento e secretaria.

Restaurante:

Tem capacidade para 500 pessoas, incluindo bar e cozinha profissional equipada.

Imagens de eventos:



Em sentido horário a partir do alto à esquerda, Fig. III.27, Fig.III.28, Fig.III.29 e Fig.III.30:
Fotos de eventos realizados nos pavilhões e áreas externas do Centro de Exposições Imigrantes.
Fonte: www.centroimigrantes.com.br

3.7 Pavilhões e Centros de Exposição fora do Estado de São Paulo:

Como complemento às análises, foram selecionados três exemplares, sendo um brasileiro – o EXPO Minas e dois europeus: FIERA Milano, em Milão, na Itália e o EXCEL London, em Londres, Inglaterra.

O critério de escolha desses exemplares foi o acesso às informações que possibilitassem a análise de tais Centros, sob os diversos aspectos estudados neste trabalho além de particularidades tais como: O EXPO Minas tem uma implantação na cidade de Belo Horizonte e uma relação com o território análoga aos de São

Paulo. O *Fiera Milano* por sua escala e modernidade de suas instalações e tratar-se de um grupo que estuda implantação de uma unidade na RMSP. O EXCEL *London* localizado na cidade que abrigara o primeiro grande pavilhão – *Crystal Palace* (abordado no capítulo I) e possuir características bem expressivas acerca do que foi tratado no capítulo II.

3.7.1 EXPO MINAS – Cidade de Belo Horizonte, MG:



Fig. III.31: EXPO Minas – Foto aérea da entrada. Fonte: Revista Finestra n.47 pág.68.



Fig. III.32: EXPO MINAS-Foto da fachada de um dos pavilhões com visão do hall de distribuição interna dos fluxos. Fonte: Revista PROJETO DESIGN n.317 pag49 foto3 jul/2006.

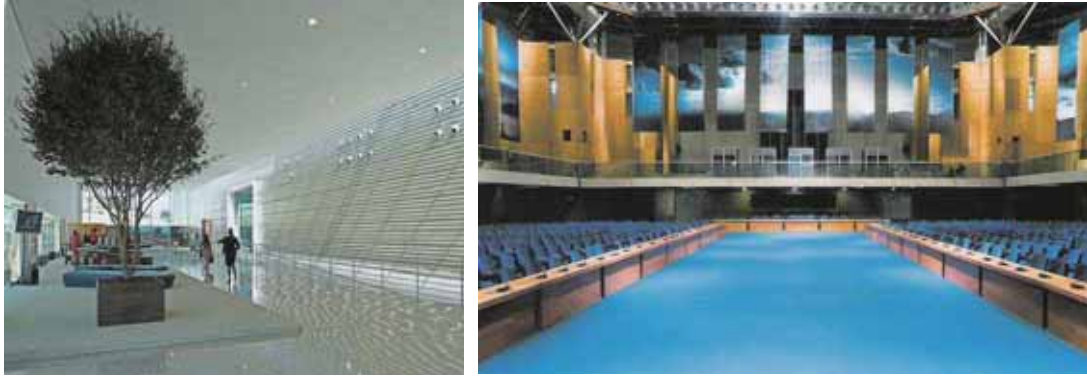


Fig. III.33, à esquerda: EXPO MINAS-Foto do interior do hall de distribuição de fluxos.
 Fonte: Revista PROJETO DESIGN 317 jul/2006 - pag50 foto1.
 Fig. III.34, à direita: EXPO MINAS-Foto do interior do auditório.
 Fonte: Revista PROJETO DESIGN 317 jul/2006 - pág.52 foto2.



Fig.III.35, à esquerda: EXPO MINAS - Foto ext do encontro de laterais de um dos blocos do complexo.
 Fonte: Revista PROJETO DESIGN 317 jul2006- pag48 foto1.
 Fig. III.36, à direita: EXPO MINAS-Foto interior de um pavilhão. Fonte: Revista FINESTRA47 pag70.

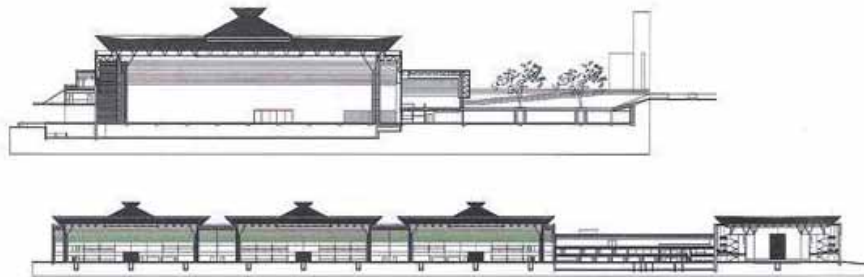


Fig. III.37: EXPO MINAS-Corte e Elevação. Fonte: Revista FINESTRA47 - pag70.

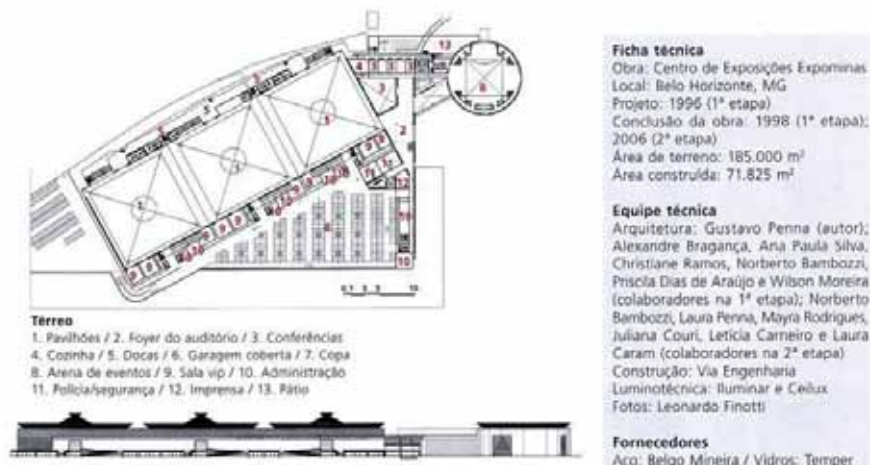


Fig. III.38: EXPO MINAS-Planta Térreo e um corte. Fonte: Revista FINESTRA47 - pag71.

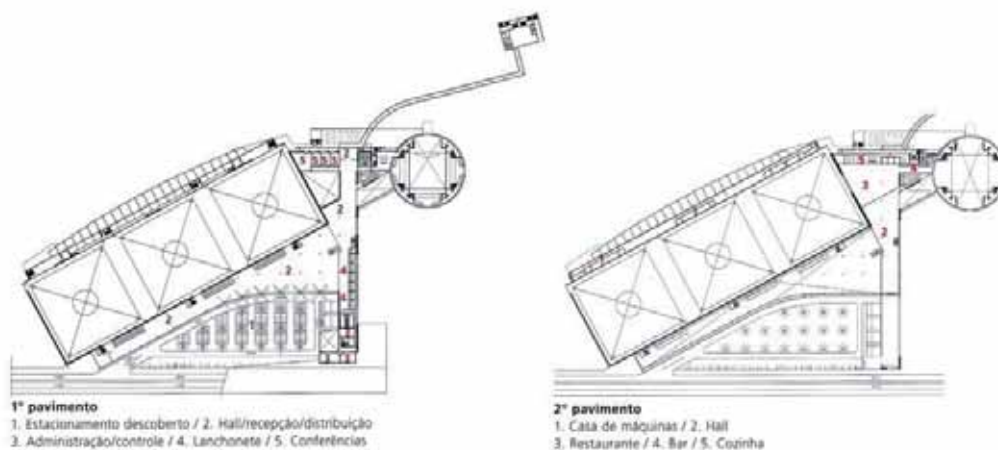


Fig. III.39, à esquerda: EXPO MINAS - Planta pavimento 1. Fonte: Revista FINESTRA 47 pag71
Fig. III.40, à direita: EXPO MINAS - Plantas pavimentos 2. Fonte: Revista FINESTRA 47 pag71..

3.7.2 - FIERA MILANO – Cidade de Milão, na Itália:



Fig.III.41: Vista aérea do Fiera Milano. Fonte: www.fieramilano.it .

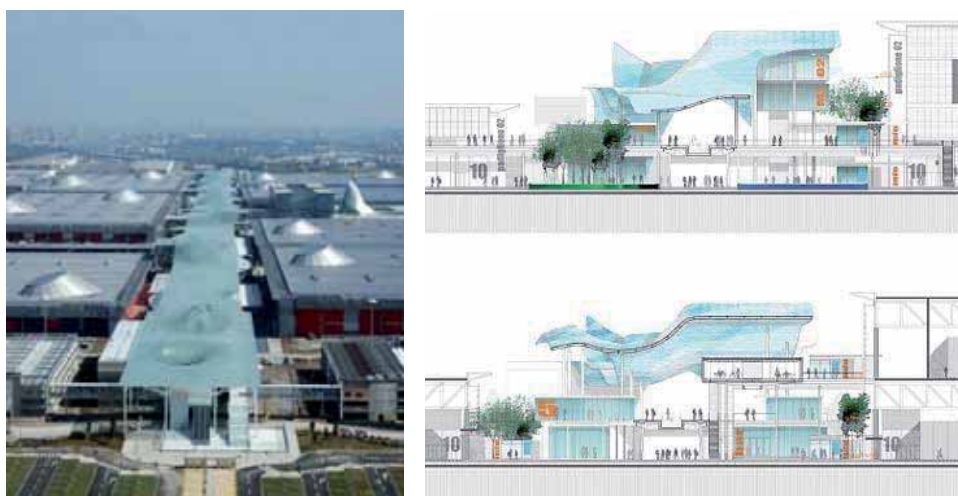


Fig.III.42, à esquerda: Vista aérea do eixo monumental de circulação do FIERA Milano.
Fonte: www.archiweb.cz – 30/05/2007 13:27h.

Fig. III.43, à direita – acima e abaixo: Corte ilustrativo do eixo monumental de circulação do FIERA Milano. Fonte: www.archiweb.cz – 30/05/2007 13:33h.

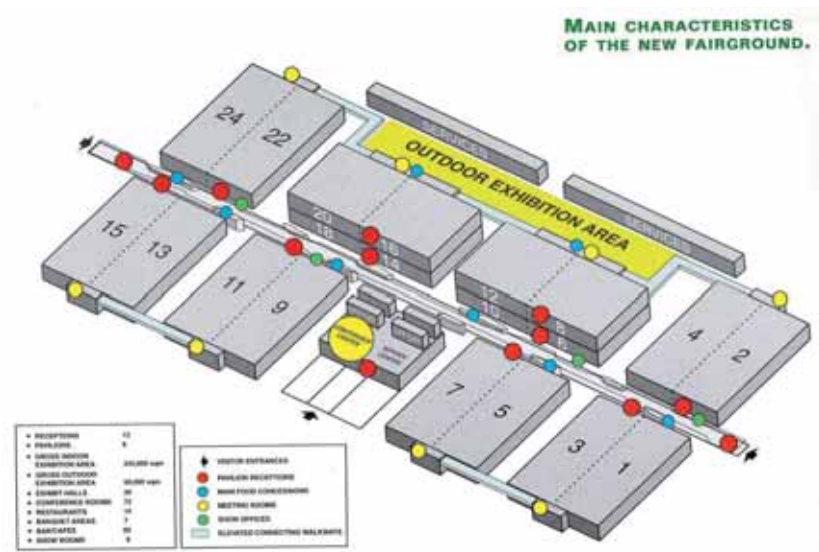


Fig. III.44: Isométrica com esquemático da articulação dos pavilhões e localização dos principais ambientes. Fonte: Encarte publicitário do local – FIERA MILANO. NOT A FAIR, THE FAIR. Pág. 10 s/ data.

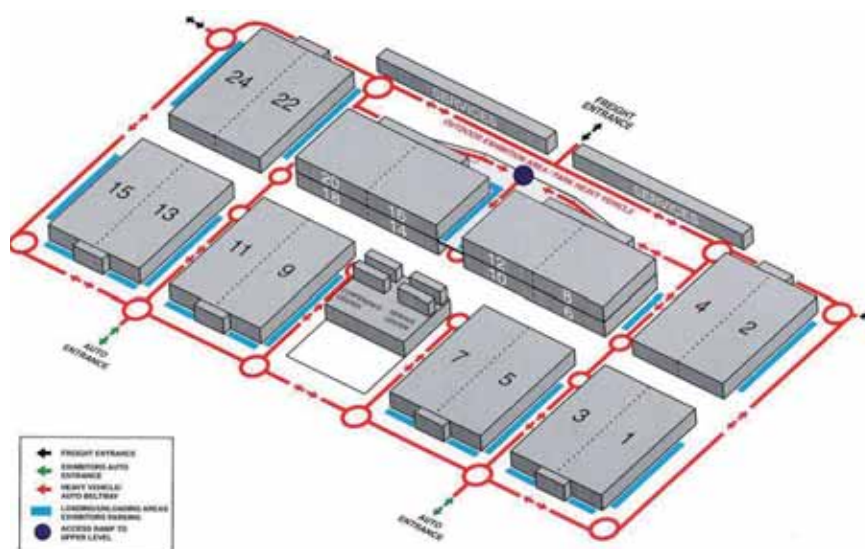


Fig. III.45: Isométrica com esquemático da articulação dos pavilhões, indicação do fluxo de veículos e principais acessos. Fonte: Encarte publicitário do local – FIERA MILANO. NOT A FAIR, THE FAIR. Pág. 10 s/ data.

3.7.3 EXCEL LONDON – Cidade de Londres, na Inglaterra:



Fig. III.46: Vista aérea do Centro de Exposições EXCEL London. Fonte: www.excel-london.co.uk.



Fig. III.47, à esquerda: Vista interna da Galeria – eixo central de circulação do Centro de Exposições EXCEL London. Fonte: www.excel-london.co.uk.

Fig. III.48, à direita: Vista externa da entrada principal do EXCEL London.

Fonte: www.excel-london.co.uk.



Fig. III.49, à esquerda: Vista interna de um dos pavilhões do Centro de Exposições EXCEL London. Fonte: www.excel-london.co.uk.

Fig. III.50, à direita: Vista interna de um dos pavilhões do EXCEL London com divisórias móveis para compartimentação vertical. Fonte: www.excel-london.co.uk

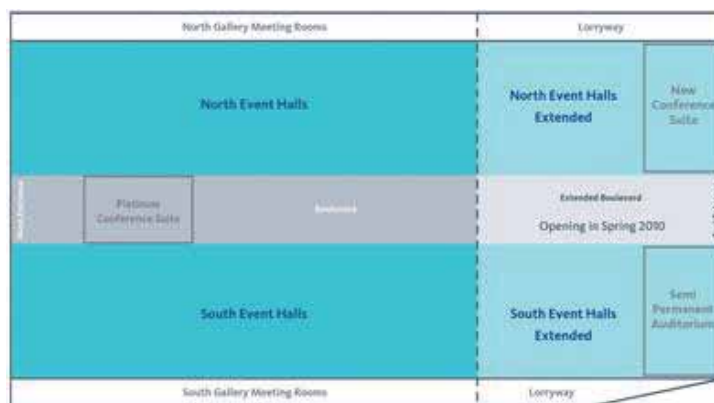


Fig. III.51: Mapa de distribuição dos pavilhões com área de expansão para 2010.

Fonte: www.excel-london.uk.

Características gerais do Centro de Exposições:

- 65.000m² de área total para exposições, dividida em dois grandes pavilhões: norte e sul;
- Pavilhões compartimentáveis em módulos de 2.000m² cada um;
- Pé-direito de 10m;
- Cabeamento e dutos embutidos no piso para suprimento de energia, água, dados.

Piso 1:

- 65,000m² column free space (divided into North and South Event Halls)
- Partitioned floor space with moveable walls
- 2,000m² hall modules
- 10m high ceilings
- Easy visitor access from 7,500m² central boulevard
- Capacity at any one time for 42,750 visitors
- 7.2m wide drive-in doorways
- 3 lane lorry way for build-up/breakdown access
- Floor weight loading = 18kN/m²
- Marshalling area for 1,200 vehicles
- Permanent cabling – including IT, electric, water, waste (serviced by underfloor service ducts)
- Maximum loading from the roof beams of between 6,000kg and 14,000kg per truss
- 400-1,100 delegates
- Level 1 - Glass fronted lobby entrance/reception area with excellent branding opportunities
- Level 2 - Lounge, bar, cloakroom, registration area; 3 syndicate rooms

- Level 3 - Main conference room; organiser and speaker preparation rooms

Note: The Platinum Conference Suite is available for exclusive hire.

4. Centros de Exposição - Definição das principais zonas ou agrupamento de áreas com atividades correlatas:

Após pesquisa de campo e análise das plantas dos principais Centros de Exposição da cidade de São Paulo - que foram confrontados com outros do Brasil e do exterior - foram levantadas as diversas áreas e ambientes em comum entre eles. Nesse processo uma pequena quantidade de ambientes ou espaços pode ser encontrada somente em alguns exemplares da Capital, mas foram igualmente agregados por fazer parte de diversos Centros de Exposições recentes⁸ no exterior (LAWSON:2000 e PETERSEN:2001). Para formular a lista ou “Programa de necessidades” considerou-se o uso efetivo desses ambientes e espaços, sua contribuição ao pleno funcionamento de um Centro de Exposição⁹ dotando este de uma estrutura ampla e versátil, capaz de atender às feiras e exposições dos diversos segmentos de produto ou serviço. Ou seja, de acordo com a sua área locável total¹⁰ e o perfil de eventos que ele pretende atingir, um ou outro ambiente se fará presente ou suprimido para melhor atender as particularidades daquele evento. Isso deve acontecer sem alterar em definitivo a estrutura física existente ou superdimensionar áreas que terão uso eventual ou variado, conforme o perfil do evento. Por isso em alguns dos ambientes listados a denominação “área” se refere, na realidade, ao espaço previsto para uma possível montagem do ambiente com a função descrita.

8. Em operação desde as últimas décadas.

9. Através de visita técnica aos maiores Centro de Exposições da Capital e entrevistas livres com equipe técnica de empresas de eventos, com larga experiência de trabalho nos exemplos estudados. Também foram consideradas as observações registradas durante acompanhamento das etapas de montagem, realização e desmontagem de eventos em outubro de 2006, agosto de 2007 e janeiro de 2008.

10. É o conjunto dos ambientes a serem locados pelos Centros de Exposições para as empresas organizadoras dos eventos, que passará a administrar e ocupar tais áreas com as atividades principais e secundárias dos seus respectivos eventos.

Isso se torna viável técnica e operacionalmente, em certa medida, devido à disponibilidade de sistemas de estruturas pré-fabricadas para construções temporárias locáveis (estandes), montadas num curto espaço de tempo e utilizados por um período pré-determinado – o de realização dos eventos. Além das diversas empresas que alugam bens móveis (móveis e equipamentos diversos) e outras que fornecem mão-de-obra temporária especializada, conforme visto no capítulo anterior.

4.1 Forma e Imagem: Flexibilidade a serviço das ações

O fato de haver em um Centro de Exposições ambientes mutáveis e outros definidos somente durante a apropriação dos espaços existentes, chama a atenção para algumas características dessa tipologia: parte da edificação não tem conformidade espacial definida ou estrutura fixa, devido à diversidade de usos. Em aparente contradição, os pavilhões de exposições estudados, em geral, possuem planta retangular e aparência externa correspondente, usam dessa rigidez formal para justamente produzir um interior flexível. Divisórias móveis para unir ou separar pavilhões aumentando ou diminuindo espaços, diversas possibilidades de acesso e infra-estrutura independente e adaptável aos requisitos do momento completam esse cabedal de recursos. Além disso, a forma retangular também vem se mostrando mais eficiente na formulação da planta da feira ou exposição, maximizando o uso do seu interior e resultando em maior rentabilidade para as empresas organizadoras, assunto a ser abordado no próximo capítulo. Os eventos têm suas particularidades e necessidades singulares, exigindo que o local onde eles, de fato, são realizados ofereça um amplo leque de possibilidades de uso. A capacidade dessas instalações se transmitem conforme as atividades assim

exigirem se revela um ponto importante a ser considerado ao se projetar um Centro de Exposições. Essa característica exige pensar a edificação como uma estrutura mais que flexível - fluida, uma “arquitetura líquida”, capaz de assumir a forma e configuração que do seu uso momentâneo, invertendo a rígida relação de subordinação conteúdo-contidente descrito por ZEVI¹¹. No caso dos Centros de Exposições, utilizando a metáfora do líquido apresentada por BAUMANN¹², temos uma edificação planejada para se moldar constantemente ao seu uso e ocupação, o oposto do que se faz nas construções tradicionais em geral.

O contínuo avanço tecnológico e o aumento dos fluxos de pessoas e de transações comerciais em nível global também têm levado alguns arquitetos a buscar soluções em arquitetura que correspondam a esse contexto de mudanças e muitas experiências têm sido feitas em nome de uma “arquitetura flexível”. Adaptável, mutável, transportável ou interativa: tudo isso trás implicações também à identidade do lugar e a percepção espacial e tem se explorado essas possibilidades cada vez mais (KRONENBURG:2007). Nos Centros de Exposições essas características podem atribuir valores diversos à imagem do local segundo o que nele se realiza. Considerando que a cada evento são diferentes categorias de objetos ou serviços que precisam afirmar sua importância e valor, a edificação, se assim o fizer, deixa de ter uma imagem própria e passa a assumir um “estado de imagem”, relacionado ao que nela contém ou ao que nela acontece:

“...For example, the building may need to establish different identities when it is open and when it is closed to the public, or it may need to change its image depending on the nature of the activity that is taking place inside.”
(KRONENBURG:2007 pág.160).

11. Ele definiu a arquitetura como um conjunto formado por um invólucro rígido, o continente, e seu interior útil e habitável, o conteúdo, que se molda ao que foi definido pelo primeiro. O conteúdo, segundo ele, é o que difere a arquitetura de uma escultura ou monumento (ZEVI:2000)

12. Ele utiliza o termo “vida líquida” para caracterizar o momento atual da sociedade em geral em que as pessoas se vêem tendo que estar sempre aptas a se adaptarem às constantes mudanças do mundo globalizado (BAUMAN:2007).

Conceber um Centro de Exposições é também equacionar o binômio local-global quando se trata de complexos com pretensões a abrigar eventos internacionais de grande porte e atratividade. Se por um lado a globalização tende a universalizar processos, no caso os eventos fatores locais são extremamente importantes, sejam eles: climáticos, sócio-culturais, econômicos ou mercadológicos, para citar alguns. O rebatimento espacial dessa dicotomia se traduz na divisão da edificação em duas macro-zonas:

- As que exigem o máximo de flexibilidade: pavilhões, salas de confe-rências, salões para atividades diversas relacionadas ao evento propriamente dito e demais espaços reservados para as atividades complementares de cada evento. É a zona do global, com ambientes mutáveis e de formas simples, volumetria conhecida e recorrente, como o paralelogramo. Exemplos: Pavilhão de Exposições Anhembi, os pavilhões do Expo Center Norte e do Expo Transamérica, do Fiera Milano em Milão, na Itália e do EXCEL London em Londres, Inglaterra entre tantos outros no mundo (CERVER:2005, LAWSON:2000 e PETERSEN:2001).
- As demais áreas do CEX: caracterizam-se por usos padronizados, que não mudam conforme o evento (sanitários e áreas de alimentação, por exemplo), áreas de circulação e administração do centro. É a zona do local. Aqui os vínculos com a cultura da cidade e região onde o complexo está inserido podem se sobressair. As formas são variadas e é onde se cria a identidade daquela construção. Em geral isso ocorre na arquitetura dos espaços de circulação e distribuição de fluxos, como no Foyer do Expo Transamérica, na recepção do novo pavilhão oeste do Anhembi e no monumental eixo de circulação do Fiera Milano, em Milão, Itália.

4.2 Programa de um Centro de Exposições: Entre os espaços e os ambientes.

Os diversos espaços e ambientes encontrados nos Centros de Exposições estudados durante a pesquisa foram agrupados por funções correlatas ou afins, em quatro zonas, conforme tabela III.1, estando assim definidas:

I - INFRA-ESTRUTURA:

É o conjunto de espaços onde são realizados os eventos propriamente ditos, agrega as diversas áreas de suporte e suprimentos básicos necessários à realização dos eventos:

- I-1. Atividade principal;
- I-2. Atividades complementares;
- I-3. Parque de estacionamento;
- I-4. Docas;
- I-5. Depósitos;
- I-6. Higiene e limpeza;
- I-7. Técnica e Suprimentos;
- I-8. Primeiros-socorros.

A - ADMINISTRAÇÃO:

Reúne as áreas destinadas à administração do prédio e do evento, separadamente:

- A-1 Administração do prédio;
- A-2. Administração dos eventos.

S - SERVIÇOS E ÁREAS DE APOIO:

São todos os serviços e espaços destinados a oferecer conforto e conveniência a todos aos visitantes, expositores e prestadores de serviço durante ciclo completo¹³ dos eventos:

- S-1. Áreas de descanso e alimentação;
- S-2. Área para bufê;
- S-3. Serviços de apoio aos eventos.

C – CIRCULAÇÃO:

Abrange todas as vias de circulação de pessoas e veículos, interna e externa ao conjunto edificado e dentro dos limites do lote:

- C-1. Área externa;
- C-2. Área interna.

13. O ciclo completo de um evento compreende a seqüência de etapas de montagem, realização e desmontagem do evento, cujas características serão abordadas no capítulo IV.

| PROGRAMA DE NECESSIDADES PARA UM CENTRO DE EXPOSIÇÕES | | | | |
|---|--|--|--|-------|
| ZONAS/FUNÇÕES | CATEGORIA | ESPAÇOS/ AMBIENTES | ÍTEM | |
| INFRA-ESTRUTURA INTERNA | ATIVIDADE PRINCIPAL | Pavilhões e demais áreas para exposição. | I-1.1 | |
| | ATIVIDADES COMPLEMENTARES | Auditórios | I-2.1 | |
| | | Salas para Conferência | I-2.2 | |
| | PARQUE ESTACIONAMENTO DE | | Área para organização do evento e funcionários do CEX. | I-3.1 |
| | | | Área para veículos de carga e caminhões. | I-3.2 |
| | | | Área para visitantes e expositores. | I-3.3 |
| | | | Área para táxis e veículos fretados. | I-3.4 |
| | | | Vaga delimitada para ambulância | I-3.5 |
| | | | Guichê para pagamento do estacionamento | I-3.6 |
| | DOCAS | Área para carga e descarga de material para os eventos. | I-4.1 | |
| | | Área para recolhimento do lixo gerado pelos eventos. | I-4.2 | |
| | DEPÓSITOS | | Guarda-volumes ou chapelaria | I-5.1 |
| | | | Depósitos maiores para uso nos eventos. | I-5.2 |
| | HIGIENE E LIMPEZA | | Sanitários para uso durante os eventos. | I-6.1 |
| | | | Sanitários para uso durante o período de montagem e desmontagem. | I-6.2 |
| | | | Sanitários para uso geral permanente. | I-6.3 |
| | | | Banheiro para prestadores de serviço | I-6.4 |
| | | | Sala para material e equipe de limpeza | I-6.5 |
| | TÉCNICA SUPRIMENTOS E | | Cabine de Força e sistema de abastecimento do CEX | I-7.1 |
| | | | Reservatório de água e sistema de abastecimento do CEX | I-7.2 |
| | | | Sala de Telefonia e sistema de abastecimento | I-7.3 |
| | | | Área para sistema de acesso à Internet | I-7.4 |
| | | | Áreas para suprimentos opcionais | I-7.5 |
| | | Sala para equipe de suprimentos. | I-7.6 | |
| PRIMEIROS-SOCORROS | | Ambulatório | I-8.1 | |
| ADMINISTRAÇÃO | ADM DO PRÉDIO | Área para serviços administrativos do prédio. | A-1.1 | |
| | | Área para fiscalização e controle do uso do prédio durante os eventos. | A-1.2 | |
| | | Área para controle e segurança do CEX. | A-1.3 | |
| | | Área para manutenção do CEX. | A-1.4 | |
| | ADM DOS EVENTOS | Depósito | A-1.5 | |
| | | Área para organizadora e promotora do evento. | A-2.1 | |
| | | Área para secretaria e atendimento durante o evento. | A-2.2 | |
| | | Área para segurança e controle de acesso durante o evento. | A-2.3 | |
| SERVIÇOS E ÁREAS DE APOIO | ÁREAS DE DESCANSO E ALIMENTAÇÃO | Área para convivência e descanso. | S-1.1 | |
| | | Restaurantes para uso permanente. | S-1.2 | |
| | | Lançonetes para uso nos eventos. | S-1.3 | |
| | | Lançonetes e restaurantes para uso durante os períodos de montagem e desmontagem dos eventos. | S-1.4 | |
| | ÁREA PARA BUFÊ | Cozinha industrial | S-2.1 | |
| | | Depósito/ Despensa | S-2.2 | |
| | | Área para recebimento de materiais e expurgo | S-2.3 | |
| | SERVIÇOS DE APOIO AOS EVENTOS | Postos de atendimento bancário e caixas eletrônicos | S-3.1 | |
| | | Lojas de conveniência e serviços diversos | S-3.2 | |
| | | Concessionárias de serviços públicos | S-3.3 | |
| | Áreas para empresas prestadoras de serviços para eventos | S-3.4 | | |
| | Postos de órgãos públicos oficiais | S-3.5 | | |
| CIRCULAÇÃO | ÁREA EXTERNA | Portões principais de acesso ao CEX junto às vias públicas. | C-1.1 | |
| | | Portões secundários de acesso ao CEX junto às vias públicas. | C-1.2 | |
| | | Portões de serviço para acesso ao CEX junto às vias públicas. | C-1.3 | |
| | | Ruas para circulação de veículos de passeio entre os portões de acesso ao CEX, os estacionamentos e a entrada principal dos eventos. | C-1.4 | |
| | | Ruas de serviço para veículos de carga e caminhões entre os portões de acesso de serviço ao CEX e as docas, áreas de suprimento e estacionamento. | C-1.5 | |
| | | Caminhos para circulação segura de pedestres entre o portão principal do CEX, os bolsões de estacionamento, a administração do prédio e as entradas dos eventos. | C-1.6 | |
| | ÁREA INTERNA | Recepção/ Entrada principal. | C-2.1 | |
| | | Área de distribuição e ligação com principais áreas de uso durante os eventos e a administração do prédio. | C-2.2 | |
| | | Áreas e passagens entre pavilhões e espaços/ atividades complementares. | C-2.3 | |
| | | Circulação geral interna entre os ambientes em geral. | C-2.4 | |

Tabela III.7: Programa de necessidades de um CEX agrupado por zonas com funções afins.

4.3 Fluxograma de um Centro de Exposições com Centro de Convenções como parte do complexo:

Através da observação do uso dos diversos espaços e ambientes que compõem um Centro de Exposições nas Feiras de negócios e Exposições industriais durante essa pesquisa, confrontado com as informações e plantas levantadas, foi elaborado um fluxograma com principais áreas e fluxos de circulação deste tipo de edificação (ver fig. III.3). Considerou-se a título de colaboração no entendimento dos processos de uso e ocupação desses Centros, a experiência profissional do autor deste trabalho com projeto e acompanhamento de montagem de estandes, nos diversos espaços de exposições desde 1992, nesta Capital e em outras localidades.

A partir disso, procurou representar de modo objetivo e claro essas relações e espaços, considerando suas diversas funções ou agrupamentos delas, tendo o programa elaborado como base, mas procurando ressaltar as relações-chave e por foram descritos em específico apenas os principais ambientes e os demais representados em agrupamentos por categorias descritas na tabela III.1

Considerações sobre o fluxograma elaborado:

As diversas áreas estão agrupadas em duas colunas ou blocos, correspondendo às áreas de um Centro de Convenções (à esquerda) e um Centro de Exposições (à direita). Ao centro estão áreas que são necessárias aos dois equipamentos e quando eles formam uma única massa edificada tais ambientes são compartilhados por ambos sem prejuízo na operacionalidade, segurança e privacidade de cada um.

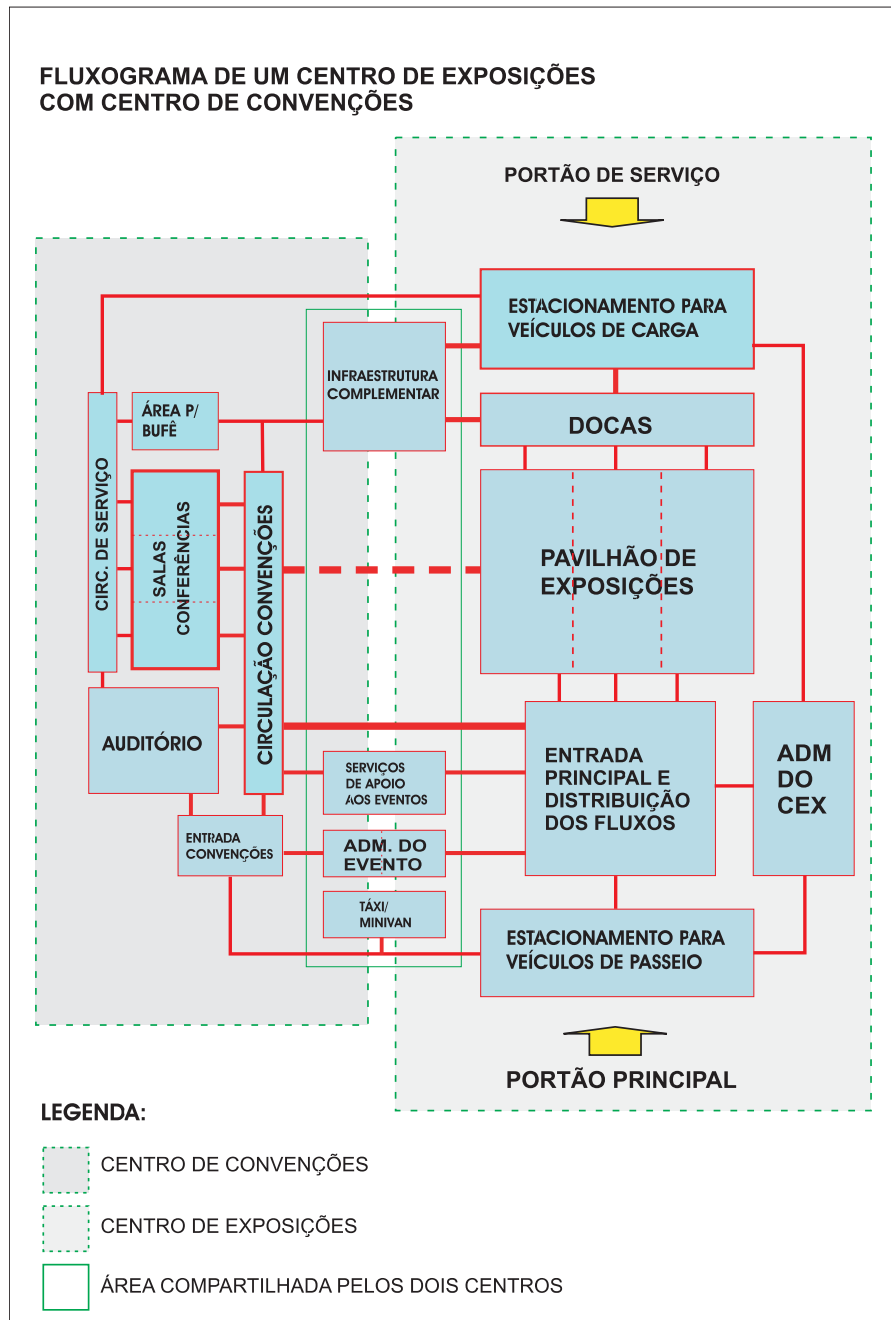


Fig. III.52: Fluxograma de um Centro de Exposições com Centro de Convenções acoplado.
Fonte: Pesquisa direta. Elaborado pelo autor deste trabalho.

Como existem espaços distribuídos em diversas áreas da edificação, independente da categoria de atividade a que pertence (sanitários, por exemplo), as áreas acima representam principais categorias e espaços de modo a facilitar o entendimento da articulação das partes e a circulação interna, levando-se em conta as diversas atividades e a ocorrência de diversos eventos simultâneos e que estejam em etapas distintas.

Portões principais e portões de serviços: Estão posicionados distantes entre si e em direções opostas em relação aos pavilhões. Isso se deve ao tipo de tráfego que eles absorvem. Para carga e descarga utiliza-se o portão de serviço. Os visitantes e expositores utilizam os portões principais. A administração do evento e a administração do local podem utilizar os dois acessos. É importante prever portão para entrada e outro para saída, evitando o cruzamento de fluxos nas vias internas além dos portões de entrada estarem recuados em relação ao alinhamento com a via pública, minimizando a formação de congestionamento na região. É o caso do Anhembi, possui uma via interna com dez pistas lado a lado, entre a via pública local e os guichês de pagamento do estacionamento para liberação da entrada mais de 500m de distância. Mesmo assim, em eventos de grande público como o Salão do Automóvel, em determinados horários, as pistas se mantêm lotadas estendendo-se à via pública (Av. Olavo Fontoura). Nos demais da capital utiliza-se o sistema de cancela com emissão eletrônica de bilhete de estacionamento que o visitante deverá pagar nos guichês localizados no interior do Centro de Exposições, no momento da saída. Isso agiliza a entrada e minimiza impactos no sistema viário, uma vez que os grandes pavilhões são considerados Pólos Geradores de Tráfego¹⁴ e estão sujeitos às normas que regulam e definem como deve ser definido o acesso a esse tipo de edificação.

Lobby/ Hall de entrada e Hall de distribuição:

São as áreas de recebimento e distribuição de fluxos e constituem a circulação geral interna de ambos os Centros. Para isso deve-se considerar o desembarque coberto e a triagem conforme o evento que a pessoa irá participar e ter ligação direta com as principais áreas de exposições e conferências. Exemplos que faz

14. Prefeitura Municipal de São Paulo.

essa distribuição de maneira fluída, contínua são o Expo Transamérica e o Expo Minas, o *Fiera Milano* e o *Excel London*. No ITM Expo o Hall de entrada no térreo faz essa distribuição para o andar correspondente ao local onde o evento acontece e também funciona para um Centro de Exposições de compartimentação horizontal. Já o Pavilhão da Bienal não possui um hall que faça essa distribuição, de modo que a entrada para cada um dos eventos simultâneos (quando há) é sinalizada externamente, vias internas ao seu redor e nos estacionamentos. O Expo Center Norte simplesmente não possui hall de entrada ou distribuição e isso se deve em parte porque não foi construído para funcionar como um local para exposições. Mesmo após adaptação para o uso atual, as funções de recepção e triagem são feitas no interior dos pavilhões, em ambientes montados a cada evento.

Pavilhões e Centro de Exposição: A distribuição e articulação dos diversos pavilhões com o hall de entrada/ distribuição e as docas devem acontecer em sentidos opostos, assim como definido para os portões e pelos mesmos motivos: evitar cruzamento de fluxos (ver Fig. III.53 e III.54).

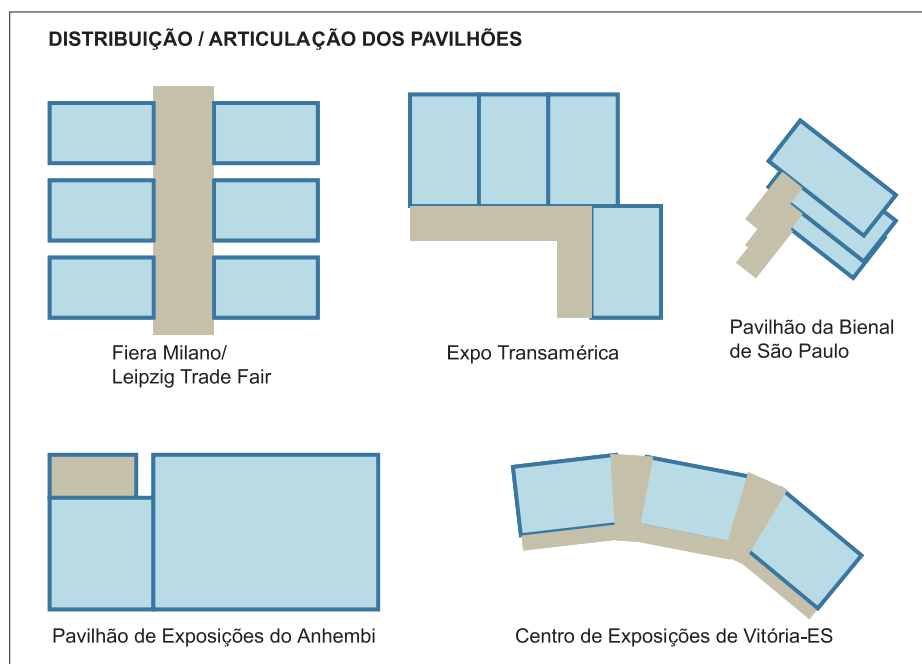


Fig. III.53: Esquemas de distribuição/ articulação de pavilhões de um CEX. fonte: Elaborado pelo autor.

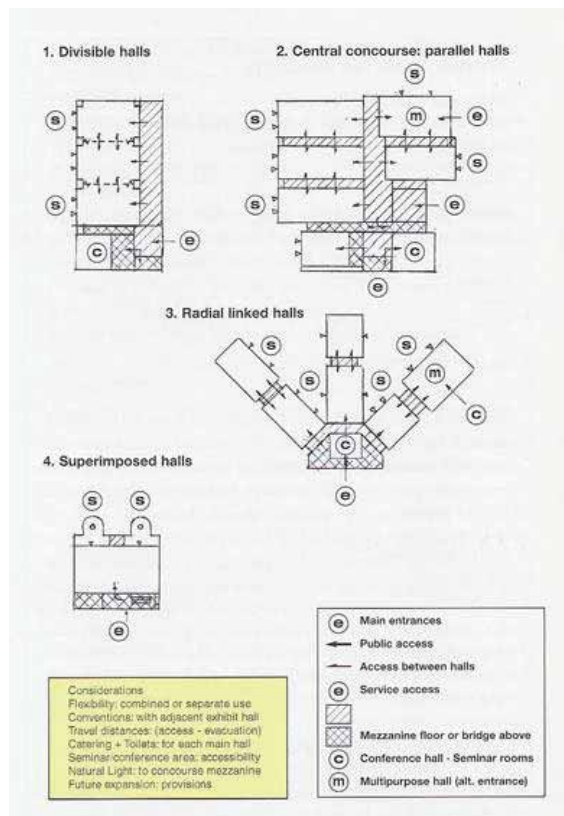


Fig. III.54: Esquema de articulação entre os pavilhões e hall de entrada e distribuição com indicação de acessos para fluxos diferenciados por função (LAWSON:2000 pg.35)

Auditório, Salas de conferência e Grandes Salões (Ballrooms): Seguem o mesmo princípio dos pavilhões com relação aos fluxos, entretanto, quanto ao arranjo físico são quase sempre justapostos lado a lado com divisórias removíveis para ampliação dos espaços gerando salas de tamanhos diferenciados, conforme a necessidade da atividade/ evento. Cada sala/ salão deve ter sua entrada principal independente e uma entrada de serviço no caso dos salões (ballrooms), para acesso direto aos serviços de bufê através de uma circulação de serviço. Esse sistema de articulação é utilizado em quase todos os Centros de Convenções de São Paulo ligados a hotéis, como o Hotel *Renaissance* e o *Grand Hyatt*, associações de classe como a FECOMERCIO e Instituições como o CC Rebouças ligado ao Hospital das Clínicas. Ocorre igualmente nos que estão instalados nas dependências dos Centros de Exposição, como no Expo Center Norte, no ITM Expo, no Expo Transamérica

e Centro de Exposições Imigrantes. O Pavilhão da Bienal não possui Centro de Convenções, apenas um auditório maior no terceiro andar e um menor no sub-solo. O Parque Anhembi possui um Centro de Convenções, o Palácio das Convenções e o auditório Elis Regina, ambos configuram edificações separadas do Pavilhão de Exposições do Anhembi. Neste Centro de Exposições, em alguns eventos, são montados auditórios no mezanino do pavilhão norte-sul.

Serviços de apoio aos eventos, Administração do evento e Parada para táxis e veículos fretados para transporte de pessoas: Compreende as diversas áreas e serviços de apoio às atividades que acontecem durante os eventos e aos participantes (expositores, visitantes e prestadores de serviço), tais como: caixas eletrônicas, postos para alimentação e bebidas, correios, business center e serviços de conveniência em geral. Inclui ainda a administração do evento com área suficiente para atender ao número de eventos simultâneos que o Centro de Exposições comporta. Essa área pode ainda ser dividida em diversas salas distribuídas entre o Hall de entrada/ distribuição de fluxos e as entradas dos eventos (pavilhões, salas de conferência e auditório). No Expo Transamérica, Expo Minas, *Fiera Milano* e *Excel London* estão assim dispostos. No Anhembi apenas parte desses serviços fica junto ao Hall de entrada e outra parte no térreo e mezanino do pavilhão norte-sul, condicionando seus usos às atividades desse pavilhão. No ITM Expo, que foi construído para funcionar como Shopping têxtil atacadista e adaptado para eventos, os serviços são distribuídos em cada piso onde estão as áreas de exposição e a praça de alimentação localizada no último piso, na entrada para o CC. O Pavilhão da Bienal não apresenta ambientes fixos para os serviços de conveniência, apenas área para alimentação no mezanino e sala para a administração do evento, no primeiro andar, próximo ao acesso às docas.

Essas áreas oferecem um importante apoio aos visitantes de outras cidades que muitas vezes precisam de algum tipo de serviço pessoal.

Docas: Sua localização e capacidade de receber vários veículos ao mesmo tempo para carga e descarga são importantes para as etapas de montagem e desmontagem dos eventos e evitam o congestionamento de caminhões nas vias públicas junto ao Centro de Exposições. Vale ressaltar que a carga e descarga devem ser planejadas desde o desembarque do material nas docas até sua chegada no pavilhão ou salão de eventos. Isso implica em atentar para o tamanho das aberturas e corredores que possam existir em todo o percurso, incluindo o dimensionamento de eventuais elevadores de carga, rampas e escadas. O Anhembi tem uma doca direcionada para uma Rua em separado e comporta vários caminhões simultaneamente. O mesmo acontece com o EXPO Transamérica e o EXPO Minas. No Expo Center Norte, Centro de Exposições Imigrantes e Fiera Milano existem várias docas junto a cada pavilhão, o que também funciona e distribui o fluxo geral de carga em bolsões de estacionamentos de serviços próximos às docas.

Infra-estrutura complementar: Conforme a função que se destina, cada um de seus componentes (ver tabela III.1) devem estar mais próximos ou não das áreas de circulação interna. O ambulatório deve estar acessível para todos os participantes de qualquer um dos eventos e ao mesmo tempo permitir acesso fácil ao estacionamento da ambulância e esta contar com localização que permita rápido escape, caso seja necessário. As salas centrais de suprimentos podem ser alocadas em construção anexa, até porque algumas podem produzir ruído excessivo como condicionadores de ar e outros por questões de segurança e proximidade com a entrega do suprimento pela concessionária dos serviços públicos (energia, água e

algum outro suprimento que requeira maiores cuidados no seu armazenamento e manipulação). Sua localização dependerá da implantação geral da construção no lote e localização da rede de serviços públicos.

Administração do Centro de Exposições: Não necessita um lugar especial, mas como setor que gerencia todo o complexo deve estar posicionado de modo a favorecer a circulação tanto nas áreas locáveis (de uso durante os eventos) quanto nas áreas gerais e de serviço. No Anhembi a administração fica em uma construção independente, em outro lote inclusive, distante do Centro de Exposições, porém mantém uma sala de controle no mezanino do pavilhão norte-sul que permite o controle das atividades. No Expo Transamérica fica próximo às docas e com acesso direto pelo pátio de estacionamento de veículos de carga.

Considerações finais sobre algumas das áreas não especificadas no fluxograma: Durante o período de montagem existe uma demanda por serviços de apoio ao pessoal que está trabalhando na montagem do evento, seriam as áreas de alimentação e bebidas, além de sanitários e banheiros. Nem todos possuem áreas para esse uso como o Anhembi, mas isso são serviços essenciais aos trabalhadores que interfere no rendimento dos trabalhos e que por isso deve ser previsto. No ITM Expo, que não possui estrutura interna para atender a essa demanda, alguns estabelecimentos comerciais se instalaram em uma das Ruas laterais, fornecendo alimentação numa região cercada por galpões industriais e sem um comércio local fixo nas proximidades.

4.4 Principais funções dos espaços e ambientes listados no Programa, por item, seguindo a ordem apresentada na tabela III.1:

I-1.1. Pavilhões e demais áreas para exposição:

Principais ambientes e espaços do Centro de Exposição, estes são os locais onde os eventos de fato acontecem. São usados principalmente para Feiras e Exposições, mas também podem comportar shows, eventos esportivos e outros que demandem grandes espaços livres.

I-2.1. Auditórios:

Destinados as grandes reuniões para palestras, debates, cerimônias e atividades afins. É o maior espaço planejado para esse tipo de reunião em um Centro de Exposições e nos Centro de Convenções. Isto porque auditórios também podem ser montados no interior dos pavilhões e *ballrooms*.

I-2.2. Salas para Conferência:

Conjuntos ou blocos de salas justapostas lado a lado, preferencialmente interligáveis, com entradas independentes e infra-estrutura interna individual para palestras e reuniões com arranjos físicos diversos.

I-3.1. Estacionamento para organização dos eventos e funcionários do Centro de Exposição:

Bolsões ou vagas para usuários dessas duas áreas. Podem constituir espaço em separado ou não, conforme a necessidade de se garantir o uso restrito para esse público, que também pode ser obtida delimitando uma parte do estacionamento geral ou de um dos bolsões (quando essa solução for adotada).

I-3.2. Estacionamento para veículos de carga e caminhões:

Espaço destinado a abrigar os caminhões e veículos de carga em geral. Não necessita delimitação de vagas por conta da variedade de dimensões e facilidade de circulação e manobra. Em geral estão localizados entre o(s) portão(ões) de serviço e as docas. Deve-se evitar que seu posicionamento no lote gere cruzamento de fluxos com veículos de passeio e acessos principais para pedestres.

I-3.3. Estacionamento para visitantes e expositores:

Destinado a suprir as necessidades durante a realização dos eventos, quanto maior for sua capacidade melhor será a infra-estrutura oferecida pelo Centro e menores os problemas de congestionamento e impacto nas vias públicas do entorno e região. Deve-se considerar que existem dois usos distintos:

- Para todo o período de realização do evento, em geral utilizado pelos expositores e prestadores de serviço por eles contratados para trabalhar durante esse tempo;
- Rotativo, sem tempo previsto para ocupação, destinado aos visitantes que ocupam pelo tempo que permanecem no evento.

I-3.4. Estacionamento para táxis e veículos fretados:

São vagas delimitadas para táxis e ponto de embarque/desembarque para minivans ou microônibus utilizados eventualmente para transporte de visitantes e expositores até estações de transporte público da região, hotéis ou centros de compras.

I-3.5. Vaga delimitada para ambulância:

Funciona como suporte para transferência do paciente do ambulatório até um pronto-socorro ou hospital, quando assim for necessário. Por seu caráter emergencial deve estar localizado próximo do ambulatório e de fácil circulação interna até um portão de saída do Centro de Exposições.

I-3.6. Guichê para pagamento do estacionamento:

Preferencialmente devem estar dentro da edificação principal, no hall de entrada ou distribuição, de modo a estar claramente visível e posicionado seguindo o fluxo de saída dos visitantes, expositores e prestadores de serviço. Seu uso como bloqueio de entrada, na via interna de acesso aos estacionamentos deve ser evitado, pois o tempo de atendimento individual pode provocar acúmulo de veículos e conseqüente congestionamento das vias públicas do entorno e impacto na região. Isso ocorre em São Paulo no Parque de Exposições do Anhembi, mesmo tendo uma via interna entre o portão de entrada e os guichês com mais de 500m de comprimento em dez pistas paralelas, como pode ser constatado durante o Salão do Automóvel em 2006, em alguns horários de maior fluxo de visitantes.

I-4.1. DOCAS - Área para carga e descarga de material para os eventos:

Preferencialmente deve ser uma plataforma elevada, contínua, com capacidade para a descarga de material de diversos caminhões ao mesmo tempo e acesso aos portões de serviço dos pavilhões. Deve estar junto a área de estacionamento de carga e de todo o fluxo até o(s) portão (ões) de serviço. Sendo elevada, deve-se prever rampas para uso de pequenos veículos de carga movidos a tração manual que fazem o transporte desde os veículos de pequeno porte estacionados fora das plataformas até os pavilhões.

I-4.2. Área para recolhimento do lixo gerado pelos eventos:

Espaço para instalação de caçambas ou outro elemento do gênero, destinado a recolher o lixo gerado durante os períodos de montagem e desmontagem dos eventos. No Anhembi, por exemplo, ficam junto à plataforma das docas, facilitando seu uso e remoção.

I-5.1. Guarda-volumes ou chapelaria:

Espaço de apoio aos visitantes durante o período de realização dos eventos. Preferencialmente junto ao hall de entrada, com boa visibilidade e sinalização, facilitando na saída.

I-5.2. Depósitos maiores para uso nos eventos:

É um ambiente fixo ou montado numa determinada área, conforme o porte do complexo e a necessidade dos eventos. Funciona como grande guarda-volumes de suporte a expositores.

I-6.1. Sanitários para uso durante os eventos:

Esteticamente mais elaborados, destinam-se a atender os expositores e visitantes durante o período de realização dos eventos, nas diversas áreas de uso desse público específico, distribuídos segundo a lotação e tamanho de cada ambiente.

I-6.2. Sanitários para uso durante o período de montagem e desmontagem:

Destinam-se a todos os prestadores de serviço durante o período de montagem e desmontagem dos eventos. Podem estar nas áreas de trabalho ou ao longo do percurso de carga e descarga, desde as docas.

I-6.3. Sanitários para uso geral permanente:

Destina-se a uso geral e permanente, como apoio a áreas como alimentação e bebidas, áreas de descanso, serviços de conveniências e administração geral e dos.

I-6.4. Banheiro para prestadores de serviço:

Um item opcional, porém contemplado por alguns pavilhões. Pode ser unificado com o item I-6.2 .

I-6.5. Sala para material e equipe de limpeza:

Serve como almoxarifado para materiais de limpeza e vestiário para a equipe que trabalha nessas atividades. Deve ter acesso discreto e fácil a todas as áreas utilizadas no evento.

I-7.1. Cabine de Força e sistema geral de abastecimento de energia e I-7.2.

Reservatório de água e sistema geral de abastecimento de água:

Ambas as áreas exigem instalações próprias e sua localização estará condicionada ao ponto de entrega do suprimento (energia ou água) por parte da concessionária dos serviços públicos correspondentes.

Sobre a distribuição de energia nos pavilhões: A entrega do ponto de energia pode ser feita pelo teto, através de passarelas de serviço instaladas no alto, como no caso do Expo Transamérica. Ou pelo piso, através de canaletas embutidas como acontece na maioria dos demais Centros de exposição.

Sobre a distribuição de água e esgotos: São feitos pelo piso, através de canaletas embutidas como no Anhembi e ExpoTransamérica, ou sobre o piso do local. Nesse caso demanda a instalação de uma “lombada de cobertura” para proteger a tubulação e garantir o fluxo de visitantes sem bloqueio à passagem de cadeirantes.

I-7.3. Sala de Telefonia e sistema de abastecimento e I-7.4. Área para sistema de acesso à Internet:

Os dois serviços podem ser localizados numa mesma sala, conforme o sistema de acesso à internet definido para o Centro de Exposições, conjugados ou em separado. Em qualquer um dos casos deve estar próximo às áreas de exposições para facilitar sua distribuição.

Sobre o sistema de abastecimento de telefonia: Segue as mesmas possibilidades da distribuição de energia, tendo apenas a necessidade de não ocupar as mesmas canaletas ou dutos de passagem que atende a energia elétrica, evitando interferência nos serviços de comunicação, sobretudo se esta servir também para acesso à internet.

Sobre o sistema de acesso à internet: Caso seja via cabo, segue em conjunto com o cabeamento de telefonia. Em se tratando de *wireless* (sem fio), não necessita a previsão de meios físicos para seu abastecimento.

I-7.5. Áreas para suprimentos opcionais:

Varia conforme o tipo de suprimento, como ar condicionado, oxigênio, ar comprimido etc. Cada um vai demandar cuidados e necessidades de armazenagem e manipulação distintas e seu uso nas feiras e exposições não é frequente, exceto o ar condicionado.

I-7.6. Sala para equipe de suprimentos:

Funciona como sala para manutenção das áreas de suprimento e local onde a equipe técnica deste setor trabalha.

I-8.1. Ambulatório:

Suas instalações devem conter o mobiliário necessário a esse tipo de serviço e possuir acesso fácil e sinalizado às áreas de circulação geral durante os eventos e outro acesso que facilite o transporte do paciente até a ambulância, para o caso de necessitar sua remoção até um pronto-socorro ou hospital.

A-1.1. Área para serviços administrativos do prédio:

Conjunto de salas ou salão com divisórias que atenda à estrutura administrativa do Centro de Exposições. Não precisa estar junto às demais áreas, mas sua comunicação com as áreas de circulação é desejável para facilitar reuniões com organizadoras dos eventos e controle de uso geral do complexo.

A-1.2. Área para fiscalização e controle do uso do prédio durante os eventos:

Sala de observação localizadas no interior dos pavilhões ocupadas por funcionários do Centros de Exposição e funcionam como ponto de observação do uso geral do espaço.

A-1.3. Área para controle e segurança do Centros de Exposições:

São Guaritas de acesso distribuídas junto aos portões de acesso ao Centro de Exposições.

A-1.4. Área para manutenção do Centro:

Sala destinada à manutenção geral da edificação. Localização sem maiores requisitos de proximidade com outras áreas.

A-1.5. Depósito da administração do prédio:

Atende à administração do prédio e deve estar junto com demais áreas do item A-1.1.

A-2.1. Área para organizadora e promotora do evento:

Espaço ou salas para instalação das equipes de administração das empresas organizadoras de cada evento. Devem estar junto ao hall de entrada e distribuição para facilitar o acesso dos participantes.

A-2.2. Área para secretaria e atendimento durante o evento:

Em geral são ambientes montados em cada evento segundo suas necessidades e são de responsabilidade das organizadoras do evento.

A-2.3. Área para segurança e controle de acesso durante o evento:

São postos de seguranças instalados nos principais acessos aos eventos e controlam o fluxo de visitantes, expositores, prestadores de serviço e demais pessoas.

A-2.4. Área para imprensa:

Sala com espaço para o trabalho de jornalistas durante o primeiro dia do evento, onde são produzidas as reportagens e entrevistas.

S-1.1. Áreas para convivência e descanso:

Áreas opcionais, onde são montados ambientes de estar para descanso dos visitantes. Podem ser montados no hall de distribuição.

S-1.2. Restaurantes para uso permanente:

Destina-se a atender ao público visitante em geral durante o período de realização das feiras e parte dos prestadores de serviço que trabalham durante a montagem dos eventos, além dos funcionários da administração do Centro de Exposições.

S-1.3. Lanchonetes para uso nos eventos:

Pontos de venda de lanches rápidos em pontos fixos com estrutura permanente ou distribuídos nos pavilhões e montados conforme a planta de cada feira ou exposição.

S-1.4. Lanchonetes e restaurantes para uso durante os períodos de montagem e desmontagem dos eventos:

Restaurantes ou lanchonetes simples para alimentação com valor mais baixo, destinada a atender os montadores e demais prestadores de serviços durante a montagem dos eventos.

S-2.1. Cozinha industrial:

Sala equipada para receber serviço de bufê em eventos que utilize esse tipo de serviço. Em geral atendem a coquetel, almoço ou jantar em áreas como *Ballrooms*, Salas de conferência ou outro salão de eventos em geral.

S-2.2. Depósito/ Despensa:

Para uso da empresa de bufê. Área complementar ao item S-2.1.

S-2.3. Área para recebimento de materiais e expurgo:

Área para recebimento de material e equipe do bufê, bem como, coleta do lixo produzido pela cozinha.

S-3.1. Postos de atendimento bancário e caixas eletrônicos:

Serviços de apoio a todos que freqüentam o Centro de Exposições, sobretudo nos dias de realização de eventos. Deve estar numa área fora de restrições de acesso e junto ao hall de entrada e distribuição para facilitar seu uso.

S-3.2. Lojas de conveniência e serviços diversos:

Corresponde a toda a variedade de serviços que o Centro de Exposições esteja ofereça aos seus freqüentadores, tais como: *Business Center*, Lojas de conveniência, farmácia etc. Deve estar junto com a área S-3.1.

S-3.3. Concessionárias de serviços públicos:

Corresponde a postos de atendimento de serviços como: correios, telefonia, provedor de internet entre outros. Pode estar junto às áreas S-3.1 e S-3.2 ou nos pavilhões e hall de distribuição para facilitar o atendimento.

S-3.4. Áreas para empresas prestadoras de serviços aos eventos:

Espaços onde podem ser montados pontos de venda e prestação de serviços como: floricultura e paisagismo e aluguel de móveis e equipamentos. Como se trata de serviços destinados à complementação da montagem dos estandes, é recomendável que fiquem numa área entre os portões de acesso aos pavilhões, as docas e estacionamento de carga e descarga.

S-3.5. Postos de órgãos públicos oficiais:

Destinados a abrigar postos de órgãos oficiais cujo trabalho esteja direta ou indiretamente ligado aos eventos, tais como: corpo de bombeiros, prefeitura e polícia civil.

C-1.1. Portões principais de acesso ao Centro de Exposições junto às vias públicas:

Corresponde à entrada e saída de veículos de passeio e de pedestres. Devem estar orientados segundo as vias de mais porte (preferencialmente coletoras ou estruturais) e próximos ao acesso a transporte público (pontos de ônibus e estações de metrô ou trem).

C-1.2. Portões secundários de acesso ao Centro de Exposições junto às vias públicas:

Portões complementares para uso eventual, dividindo o fluxo de veículos para outras vias no entorno do lote onde está o Centro de Exposições ou para uso específico não determinado.

C-1.3. Portões de serviço para acesso ao Centro de Exposições junto às vias públicas:

Portões para o acesso exclusivo de veículos de carga, empresas e prestadores de serviço durante os períodos de montagem e desmontagem dos eventos.

C-1.4. Ruas para circulação de veículos de passeio entre os portões de acesso ao Centro de Exposições, os estacionamentos e a entrada principal dos eventos:

Vias internas responsáveis pela ligação entre a via pública, os estacionamentos de visitantes e expositores e a entrada do Centro.

C-1.5. Ruas de serviço para veículos de carga e caminhões entre os portões de acesso de serviço ao CEX e as docas, áreas de suprimento e estacionamento:

Vias internas que ligam o portão de serviço às áreas acima descritas.

C-1.6. Caminhos para circulação segura de pedestres entre o portão principal do CEX, os bolsões de estacionamento, a administração do prédio e as entradas dos eventos:

Calçadas e passeios dentro do lote, que interligam todas as áreas de circulação externa com os principais acessos ao interior do Centro e os portões de acesso. Devem conter sinalização nas travessias de vias destinadas ao trânsito de veículos e garantir acessibilidade aos cadeirantes.

C-2.1. Recepção/ Entrada principal:

É o Hall de entrada principal do Centro de Exposições e a partir dele seguem os demais ambientes, conforme fluxograma elaborado (ver Fig. III.3)

C-2.2. Área de distribuição e ligação com principais áreas de uso durante os eventos e a administração do prédio:

Corresponde ao *Hall* de distribuição que divide o fluxo principal vindo do hall de entrada aos diversos eventos e ambientes em uso. Tem ligação com os pavilhões, salas de conferência e *ballrooms*.

C-2.3. Áreas e passagens entre pavilhões e espaços/ atividades complementares:

Espaço fechado de ligação entre pavilhões e *hall* de distribuição, usado conforme a solução de articulação entre pavilhões adotada.

C-2.4. Circulação geral interna entre os ambientes em geral:

Correspondem a corredores, vestíbulos e *halls* menores necessários à comunicação entre as demais partes do Centro de Exposições.

5 Considerações finais:

O programa de um Centro de Exposições apresenta além de uma vasta quantidade de espaços e ambientes, necessidades que essa ferramenta não atinge, sendo necessária sua complementação através de representações gráficas como os fluxogramas apresentados. Isso se deve ao fato de suas atividades, cíclicas, distintas e contínuas terem suas particularidades quanto ao uso e ocupação dos espaços com influência direta na circulação entre eles.

O planejamento de um Centro de Exposições deve atender às questões de operacionalidade já abordadas, ao programa e fluxo tratadas neste capítulo tendo seu uso como elemento estruturador e definidor das soluções adotadas no projeto de modo a garantir seu pleno funcionamento, dentro do tipo e alcance de evento que pretende-se atender.

Portanto, tão necessário quanto entender seu programa e principais fluxos de circulação é compreender a dinâmica de funcionamento das atividades nele realizadas e seus principais agentes, assunto que será abordado no próximo capítulo.

CAPÍTULO IV

DINÂMICA DE USO DOS CEX: As Feiras de Negócios e Exposições Industriais: etapas, agentes e o desenho – A Cidadela do mundo globalizado.

1. Introdução:

Este capítulo irá descrever a dinâmica de funcionamento de um Centro de Exposições, as principais etapas dos processos de montagem, execução e desmontagem das Feiras e Exposições realizadas no interior dos pavilhões, seus principais agentes, como atuam e como o edifício e sua implantação interferem nessas ações;

Foi desenvolvido a partir de visitas técnicas em Centros de Exposição da cidade de São Paulo, no acompanhamento de vários eventos e da pesquisa em órgãos municipais, organizações privadas ligadas ao turismo de eventos e em algumas empresas que atuam diretamente no planejamento e execução de Feiras e Exposições, além de pesquisa bibliográfica pertinente ao assunto.

Trata-se de uma abordagem breve sobre as Feiras e Exposições com o propósito de fornecer informações adicionais e esclarecedoras ao processo de projeto, por avançar para dentro do conjunto dos espaços previstos para um Centro de Exposição, chegando à compreensão dos seus principais usos e ocupações que podem requerer um redimensionamento dos espaços inicialmente previstos ou até mesmo rever planos iniciais com vistas a atingir resultados mais consistentes pós ocupação.

2 A PLANTA DA FEIRA: Antecedentes da distribuição dos pontos comerciais da feira e a adoção da retícula ortogonal.

No capítulo I, quando foram abordados os antecedentes dos pavilhões e para seu melhor entendimento, seus usos mesmo antes da existência de uma edificação planejada para esse fim, forneceram indícios do uso e ocupação dos espaços por tais atividades e como isso evoluiu até atingir sua atual configuração. A partir das

Feiras medieval, itinerantes, que aconteciam nas cidadelas e mosteiros (conforme o cargo da autoridade máxima da feira e o espaço disponível) passam por mudanças na sua espacialidade.

Nas feiras que aconteciam nas cidadelas o entorno da igreja era o espaço utilizado, até porque, as feiras começaram como atividades litúrgicas e somente depois assumem seu caráter prioritariamente comercial (ver Fig. IV.1). Desse espaço elas se irradiavam pelas ruas que davam acesso ao ponto central, junto à igreja (RAU:2004).

Nas feiras realizadas em pequenos núcleos urbanos ao longo dos caminhos entre cidades maiores e pontos comerciais mais estabelecidos (como nas town cities inglesas), a via principal era o principal espaço e eventualmente se ramificavam nas suas transversais. RAU comenta que desde esse momento já havia uma segmentação da feira por produtos e isso equivale hoje ao agrupamento de empresas com produtos e serviços afins em uma Feira de determinado segmento (ver Fig.IV.2 e IV.3).

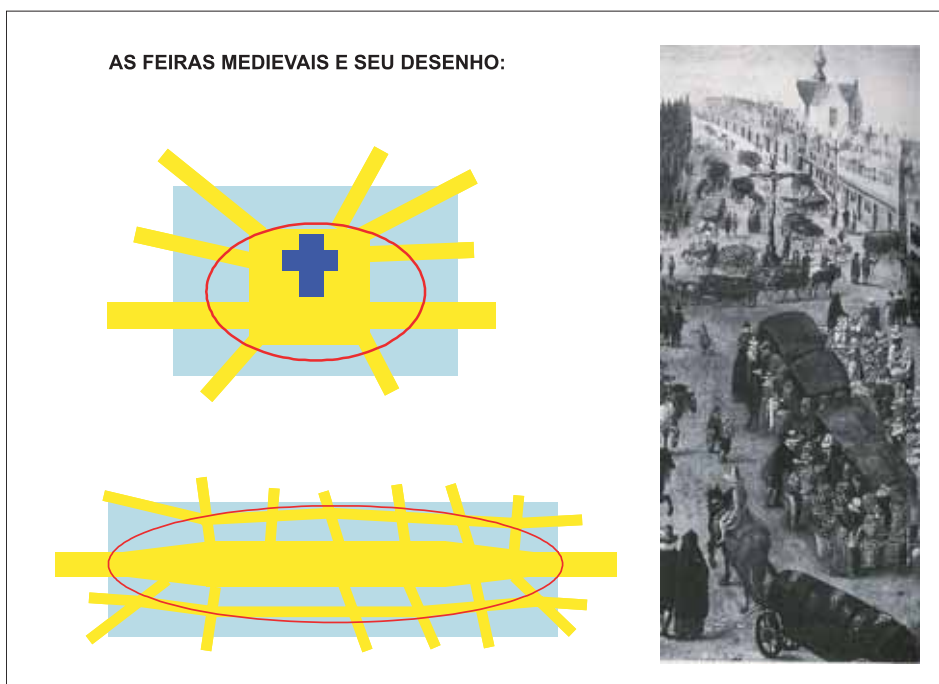


Fig. IV.1 e IV.2 (à esquerda, acima e abaixo respectivamente): Desenhos ilustrativos do local das feiras medievais, baseados no descrito por RAU:1983 e KOSTOF:2004.

Fig. IV.3: (à direita): Ilustração de um mercado de rua na Antuérpia, Bélgica.

Fonte: KOSTOF:2004 Fig.78 Pág.96.

Com a revolução industrial e o advento das Exposições Universais, donde surgem os grandes pavilhões e com este, novas formas de organização dos espaços expositivos e comerciais. Já no pavilhão da exposição de Paris de 1867 é possível ver o “loteamento” do espaço interno e a formação de uma malha radial de ruas entre os blocos de espaços expositivos (ver Fig. IV.4). Essa solução adotada foi aperfeiçoada e passou a ser utilizada em várias das Exposições Universais que se seguiram - nos grandes pavilhões, mas também nas recém criadas exposições industriais. Naquele momento chegava-se ao padrão de configuração de planta de uma feira que predomina ainda hoje nas feiras e exposições industriais: A malha ortogonal (ver Fig.IV.5).

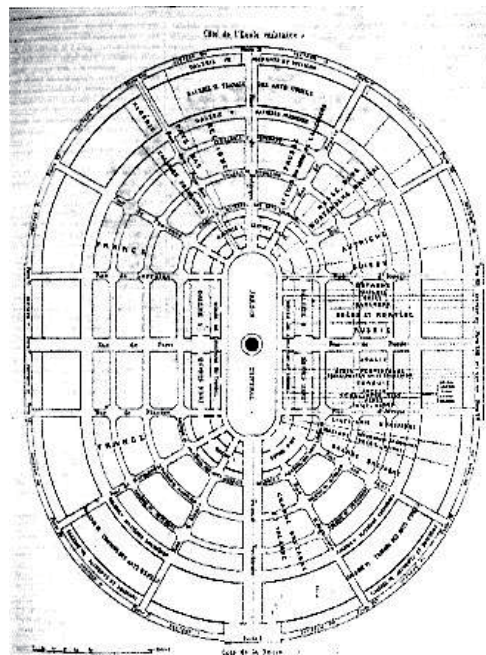


Fig. IV.4: Planta do pavilhão principal da Exposição Universal de 1867, em Paris, França.
Fonte: BARBUY:2006 Fig.224 Pág. 227.



Fig. IV.5: Foto de evento Die Wohnung exhibition realizado em Munique, na Alemanha.
Fonte: COLLI e PERRONE:2003.

Atualmente esse é o modelo de organização espacial que predomina nas feiras e as razões de seu uso atual hoje, entre outras, as mais importantes são:

- a. Otimização do espaço disponível para montagem da Feira. Com isso a organizadora pode gerar mais lotes de espaços expositivos comercializáveis e, com isso, maximizar seu faturamento.
- b. Facilidade de orientação espacial para seus visitantes, resultando em espaços mais permeáveis, com diversas possibilidades de acesso.
- c. Maior compatibilidade com as rotas de fuga e saídas de emergências que se tornaram obrigatórias. Na cidade de São Paulo, o percurso máximo que uma pessoa deve percorrer de um ponto qualquer até a saída mais próxima é de 75m¹. Essa medida é importante por definir as dimensões máximas do menor lado do pavilhão, bem como do sentido de sua expansão/ ampliação: transversal ao lado menor.
- d. Facilita o agrupamento por afinidade de produtos, gerando um “zoneamento” por especialidades dentro do mesmo segmento de produto ou serviço que a Feira atende.
- e. Compatibilidade com sistemas de montagem de estandes, que tem articulação ortogonal, em ângulos múltiplos de 45 graus para estruturas do tipo “octanorm” e de 90 graus para demais estruturas. Os lotes, com formato retangular e medidas múltiplas de 0,5m reforçam essa necessidade de adequar-se aos limites dos sistemas de montagem conhecido como padrão.

1. Corpo de Bombeiros do Estado de São Paulo.

3. Duração e Periodicidade das Feiras: O calendário anual.

Os eventos, individualmente, apresentam períodos fixos e definidos conforme a agenda do Centro de Exposições onde será realizada. Quanto ao intervalo de tempo entre as edições, as Feiras e Exposições podem ser: semestrais, anuais, bienais ou, em raros casos quadrienais. Ou seja, quanto à sua ocorrência são periódicas.

A duração de cada edição em geral se mantém estável e dura em média quatro dias. Os eventos estabelecidos no mercado, tendem a ser realizados sempre no mesmo local, salvo nos casos de mudança de porte (aumento ou redução de área ocupada e número de expositores) ou por indisponibilidade do pavilhão para a data planejada. Para evitar essa instabilidade quanto ao local onde a feira acontecerá é que as promotoras e a administração dos pavilhões fazem reserva de data com certa antecedência.

Esse é um aspecto que difere completamente do que acontecia nas feiras medievais, onde a feira se estabelecia em vários pontos de um determinado percurso: as rotas comerciais. Nas feiras atuais o que ocorre é a alternância de eventos em um mesmo local (pavilhão), formando uma seqüência de eventos durante o ano, intercaladas por intervalos onde se faz a desmontagem de um evento e a montagem do seguinte (ver Fig. IV.6).

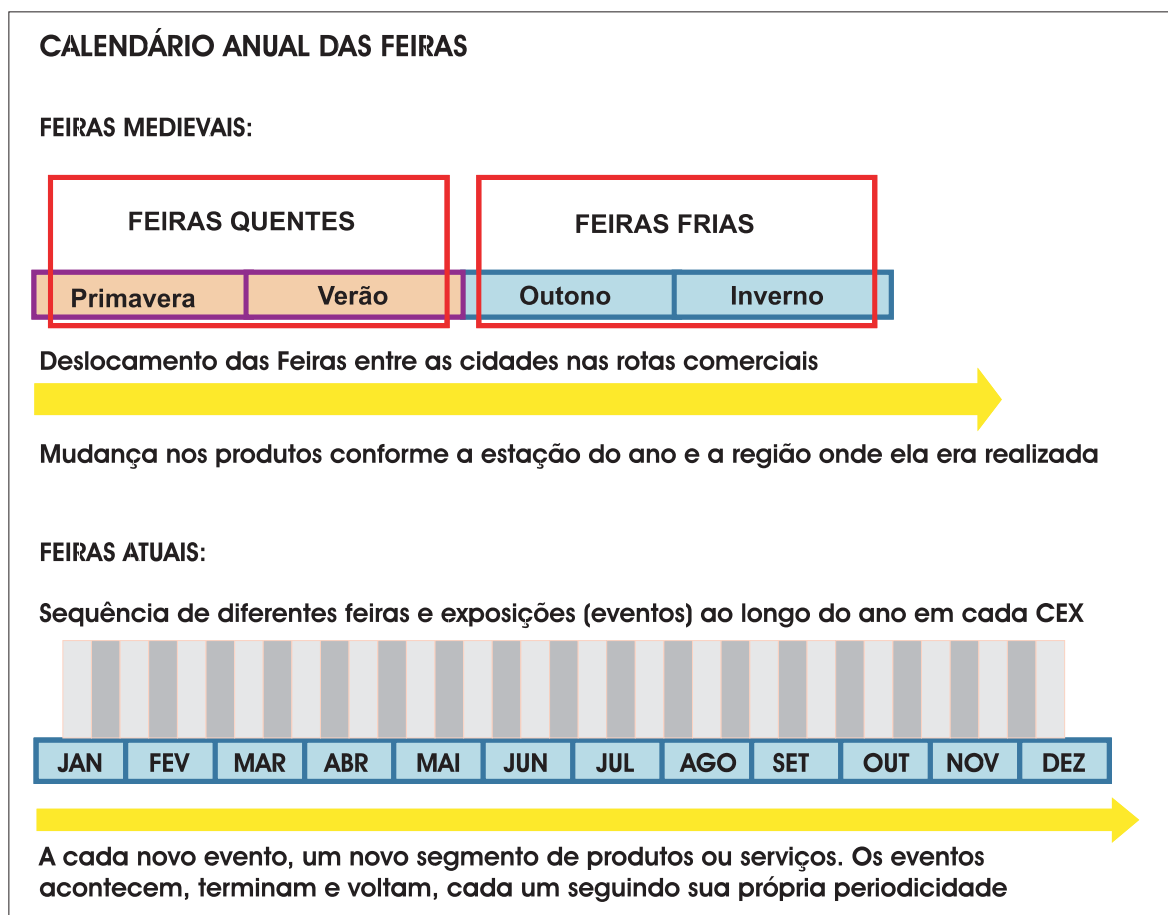


Fig. IV.6: Quadro comparativo entre o calendário anual e periodicidade das Feiras medievais itinerantes e as atuais realizadas nos Centros de exposições (CEX).

Fonte: dados: RAU:1983 e UBRAFE. Elaborado pelo autor deste trabalho.

Quanto ao segmento de produto ou serviço a qual a feira ou Exposição se destina, a UBRAFE estabelece dezessete Categorias:

- Moda;
- Alimentos e Bebidas;
- Construção, Equipamentos e Materiais;
- Brinquedos, Festas, Escola, Hobby Criativo e Artesanato, Papelaria;
- Indústria;
- Hotelaria e Turismo, Negócios de Eventos;
- Veículos, Serviços, Transportes e Acessórios;
- Lazer e Esportes;
- Imagem e Som;
- Comunicações;
- Bricolagem, Ferragista, Paisagismo e Jardinagem;

- Agrícola e Pastoril, Animais Grande/Pequeno porte;
- Medicina, Saúde e Farmácia;
- Beleza e Cosméticos;
- Cultura e Educação;
- Meio Ambiente;
- Logística, Equipamentos e Serviços;

4. Uso e Ocupação dos Centros de Exposição: Ciclos contínuos de atividades durante o ano.

No decorrer do ano, nos Centros de Exposições, ocorre uma repetição de ciclos de atividades, ou eventos, que acontecem durante um determinado período de tempo e que voltam a acontecer conforme a periodicidade de suas edições, definidas pela organizadora do evento, conforme gráfico abaixo:

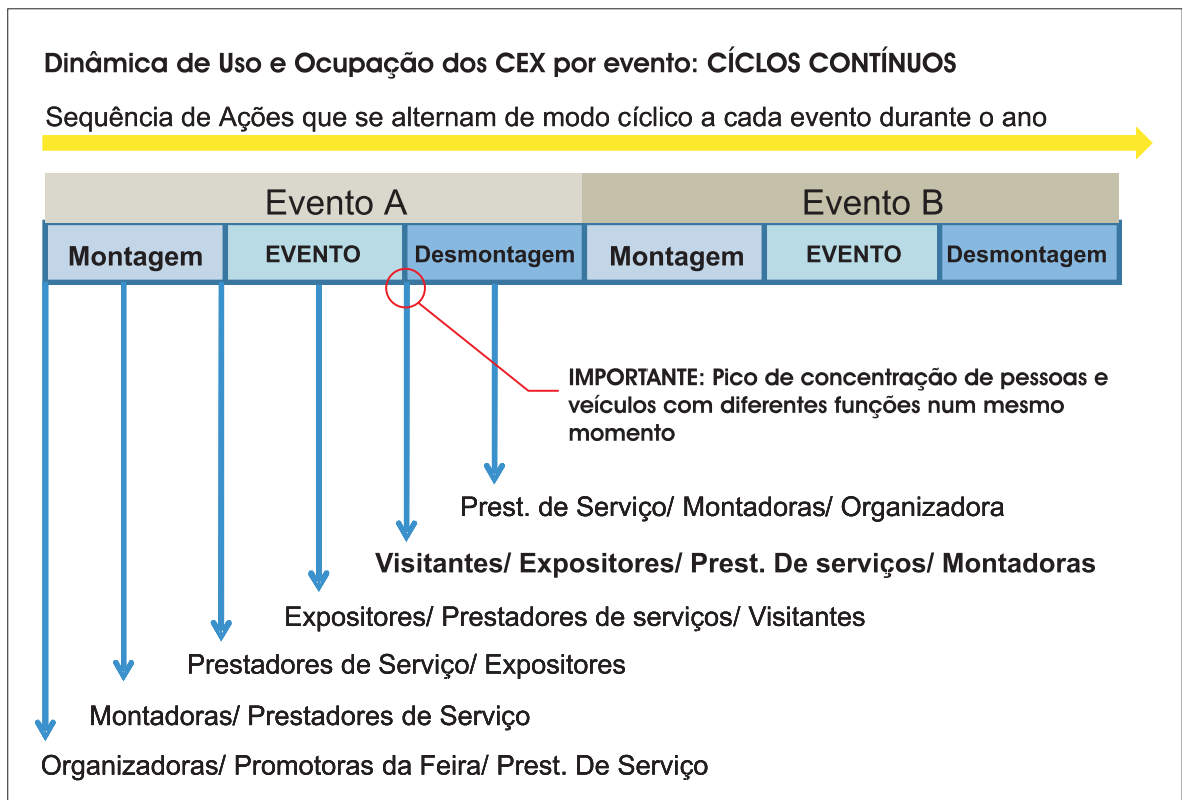


Fig. IV.7: Os diferentes ciclos de atividades que se alternam em um Centro de Exposições (CEX) durante o ano. Fonte: Elaborado pelo autor deste trabalho, a partir de visita técnica em alguns eventos e dados da UBRAFE.

São diversos agentes que atuam nas três etapas de cada ciclo ou evento, cujo trabalho ou ação tem relação com o seu papel no evento e pode ser segmentado e distribuído nas diversas etapas. Nesse sentido, vale ressaltar um único momento em que todos os envolvidos atuam simultaneamente e constitui um momento de lotação dos espaços internos (pavilhões) e estacionamentos (carga e visitantes). Motivo pelo qual torna-se importante pensar na implantação, circulação e fluxos da edificação considerando esse fato e assim minimizar efeitos negativos como a demora em desocupar o local e o congestionamento das vias públicas locais.

Dito isto, podemos inferir que os Pavilhões e Centros de Exposição são edificações de uso permanente e contínuo, que abrigam eventos temporários em sua duração e periódicos em relação ao intervalo de tempo em que elas voltam a acontecer, individualmente. Quanto o tipo de atividade desenvolvida no interior dos pavilhões, podemos dizer que são cíclicas, alternando continuamente: montagem, realização e desmontagem, conforme representado na tabela abaixo:

| | | USO E OCUPAÇÃO | DURAÇÃO | PERIODICIDADE/OCORRÊNCIA |
|------------------------------|--------------------------|-------------------------------------|---|--|
| CENTROS DE EXPOSIÇÕES | | Contínuo | Anual | Sazonal, com picos durante o ano. |
| FEIRAS E EXPOSIÇÕES | Quanto ao Tipo | Temporário (uma média de sete dias) | Em média quatro dias (realização). | Periódica: Semestral, Anual, bienal, quadrienal ou especial. |
| | Quanto ao Caráter | Cíclicas | Somatória da duração de cada uma das etapas: montagem, realização e desmontagem | Um ciclo de atividades a cada edição. |

Tabela IV.1: Diferenças quanto ao uso e ocupação, duração e periodicidade e ocorrência das Feiras e dos Centros de Exposição. Fonte: Elaborado pelo autor deste trabalho.

4.1 Os diversos agentes que atuam na realização de uma feira, em todo o seu processo:

Promotor: É o empreendedor que detém o controle e financia a realização. Equivale ao papel dos reis e alto clero nas Feiras medievais.

Organizadora: É a empresa responsável por todo o planejamento, organização e negociação do evento. Em muitos casos essa atribuição é realizada também pela promotora.

Agência de eventos: Empresa contratada pelo expositor para intermediar as questões relativas à montagem do seu estande/espço e participação da sua empresa na feira. Arquitetos autônomos também executam esse papel.

Montadora: É o equivalente às construtoras no mercado de construções estáveis ou de permanência indefinida. São assim denominadas porque sua atividade no pavilhão, em geral, se refere à montagem de elementos pré-fabricados ou industrializados em outro local. É contratado pelo expositor, agência de eventos ou por um arquiteto autônomo contratado pelo expositor.

Prestadores de Serviço: Compreende todas as empresas sub-contratadas pelas montadoras para fornecerem desde equipamentos (ar condicionado, geladeira, vídeo e som), objetos complementares (móveis, plantas, objetos decorativos) e mão-de-obra especializada (montadores, segurança, limpeza, pintores, eletricitas etc.). São também contratados para serviços durante a feira pelo expositor, tais como: segurança, limpeza, bufê, atendimento aos visitantes etc.

O processo de implementação de uma Feira de Negócios ou Exposição do planejamento à realização podem ser divididas em cinco etapas:

- Organização do evento e comercialização dos espaços expositivos;
- Projeto, pré-produção dos estandes, montagem dos estandes e finalização das áreas comuns;
- Realização do evento;
- Desmontagem de todas as estruturas montadas e desocupação do pavilhão.

Para a realização dessas etapas, uma enorme variedade de empresas e profissionais prestadores de serviços é contratada, gerando mão-de-obra temporária e incrementando a economia local, em atividades relacionadas à área de eventos e comunicação. Nem todas as atividades são desenvolvidas dentro dos pavilhões e o tempo total que essas etapas consomem é muito maior que a duração do evento (cujas duração média é de quatro dias), iniciando desde o encerramento da edição atual da feira até a desmontagem da próxima edição.

a. Organização dos Eventos e Comercialização dos Espaços:

É o idealizador do evento (Organizadoras e promotoras) quem define o segmento (alimentação, máquinas, eletro-eletrônico, odontologia etc.), os objetivos (comercialização no local - varejo ou atacado, exposição e demonstração técnica, marketing de relacionamento etc.), o público-alvo (compradores, profissionais do setor, público em geral etc.) e o nível de acesso à feira (fechada – somente para convidados, restrita – empresas e profissionais do setor, ou aberta – público em geral). Reúne as associações e organizações ligadas ao setor, define as estratégias de captação de expositores e patrocínios, faz a locação da área onde se realizará o evento, definindo datas e elaborando as normas da feira. Define a planta da feira, a alocação dos expositores, a segmentação da feira por áreas afins

e a comercialização dos lotes. Faz a divulgação do evento e toda a comunicação com imprensa e órgãos públicos municipais e estaduais, necessários à realização do evento. Aprova os projetos dos estandes, demarca o limite dos lotes no piso do local e controla todo tipo de empresa e profissional envolvido na montagem, manutenção e desmontagem do evento. Contrata a montadora oficial que poderá oferecer um estande básico ao expositor e montagem das áreas de serviço técnico e administrativo da feira (secretaria, cadastramento, atendimento ao expositor etc.). Todo esse trabalho envolve diversas empresas prestadoras de serviço, tais como: agências de comunicação, montadoras, empresa de segurança, transporte, empresas de pessoal para recepção e atendimento, jardinagem, equipamentos, serviços de informática, emissão de crachás etc. É um trabalho que exige um planejamento criterioso, com certa antecedência, com tempo hábil para a captação de expositores e dos recursos financeiros, necessários para a realização do evento. Isso pode durar alguns meses a mais de um ano, dependendo do porte, abrangência e periodicidade de realização da feira, entre outros condicionantes situacionais.

b. Projeto e Pré-produção dos estandes:

As montadoras e agências de evento buscam captar clientes (expositores) e participam de concorrências de projeto e prestações de serviço, para as diversas feiras, de vários pavilhões e com meses de antecedência. Cabe aos expositores definirem as suas estratégias de participação e posicionamento da marca/ empresa no evento. Assim sendo, uma vez escolhido e adquirido o seu lote, definido e elaborado o programa de necessidades do seu estande, ele contrata uma agência, montadora ou profissional autônomo para elaborar o projeto do estande. Escolhe a montadora responsável pela execução da obra e as empresas para serviços

complementares, tais como: bufê, segurança do estande, recepcionistas, entre outros. O expositor produz (ou terceiriza) todo o material gráfico a ser utilizado e distribuído no evento, faz o pagamento de todas as taxas referentes à limpeza da feira, energia, água, telefone e outros serviços que utilizar durante a realização do evento. Responde ainda pelo transporte, segurança e organização dos seus produtos nos seus respectivos estandes, bem como sua retirada e retorno à empresa. As montadoras pré-executam um mês antes da feira, aproximadamente, os estandes que deverão montar. São os responsáveis por tudo que se refere à infra-estrutura da construção e ambientação dos estandes, onde utilizam de material construído e montado no local e alugado das empresas fornecedoras.

c. Montagem e Produção final dos espaços:

De responsabilidade da montadora contratada pelo expositor, que deve inicialmente, solicitar previamente a provação do projeto do estande junto à promotora do evento. Define o cronograma e sistema de montagem. Também é responsável pela contratação de equipes de montagem, de eletricitas, tapeceiros, pintores e demais prestadores de serviços que o projeto exigir, além da segurança do estande durante a montagem e a desmontagem da feira. Deve seguir as normas da feira e seguir as normas trabalhistas de segurança e contratação de empregados, bem como, seu cadastramento junto à promotora do evento. Contrata e controla a entrega e instalação dos materiais alugados (mobiliário, jardinagem, equipamentos de áudio e vídeo, climatização e de cozinha, entre outros).

A organizadora fiscaliza e faz cumprir o disposto nas normas da feira. É o responsável pela segurança do evento (inclusive em caso de incêndio), fornecimento de energia, água, telefonia, internet e toda a sorte de suprimentos necessários aos

expositores, bem como, controle de acesso e suporte de transporte e hospedagem ao expositor². É o responsável por garantir a limpeza do pavilhão, durante a feira e após a desmontagem do evento. Contrata a montadora oficial, que faz a montagem das áreas de administração e suporte da feira (secretaria, portaria, atendimento ao expositor etc.).

d. Realização dos Eventos:

À promotora cabe garantir o perfeito funcionamento do evento, com segurança (inclusive incêndio) e o controle de visitantes. Garantir que os expositores obedecem às normas da feira e não causem problemas com seus vizinhos, como emissão de ruído elevado, invasão de área comum ou do vizinho etc. Fiscalizar a manutenção dos estandes, que deve ser feita nos horários pré-estabelecidos. É de sua responsabilidade comunicar previamente a realização do evento aos órgãos responsáveis pelo trânsito da cidade e contratar os seus serviços de suporte e controle de trânsito das principais vias de acesso ao pavilhão, sempre que necessário. Deve também enviar a planta da feira para aprovação do CONTRU e Corpo de Bombeiros. À montadora é responsável por dar suporte de manutenção do estande durante todo o período da feira. Ao expositor cabe toda a parte atendimento dos visitantes (em seus respectivos estandes) e obediência às normas de modo a não gerar conflitos entre os demais participantes do evento.

e. Desmontagem da feira:

Encerrado o evento, o expositor deve retirar do estande todo o seu material de trabalho, máquinas, equipamento e objetos expostos e é responsável pelo seu transporte. As empresas fornecedoras de mobiliário e equipamentos locados

2. Todos esses serviços são disponibilizados ao expositor através de empresas especialmente contratadas para atender tais necessidades.

pela montadora ou pelo expositor, retiram também o seu material. Em paralelo, as montadoras desmontam o estande e retiram todo o material do local, deixando a área do lote completamente livre. À organizadora cabe fiscalizar a saída de material e garantir que as atividades de desmontagem ocorram no tempo determinado de modo que possa entregar a área total locada limpa e livre de qualquer material que tenha sido utilizado durante o evento. Essa etapa é a mais curta de todo o processo, sendo executada em um período médio de 24 horas, a partir do horário de encerramento da feira.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Todo esse ciclo de atividades e conjunto de agentes envolvidos na realização de uma Feira permite avaliar os pontos críticos das circulações, dos pontos de acesso e a dimensão de áreas como as docas, estacionamento de carga e saídas de emergência. Influencia na solução adotada para a articulação dos pavilhões em um Centro de Exposições e sua implantação no lote de modo a equacionar tais questões com os acessos às vias locais.

Se considerarmos que esses ciclos acontecem a cada evento e um Centro de Exposições pode realizar mais de um evento simultaneamente, vale como reflexão quando, por exemplo, se tem três eventos distintos acontecendo e em etapas diferentes dos seus respectivos ciclos. Como resolver a implantação do Centro de Exposições tendo essa situação como premissa? Como equacionar diferentes tipos de circulação ao mesmo tempo sem que um evento atrapalhe o outro.

Esse capítulo, ainda que breve oferecer outros parâmetros que possam contribuir para a reflexão projetual na busca mais eficiente para o projeto em curso.

Os usos e a construção estão interligados e possuem relação de interdependência e de busca de uma conformidade harmônica de ambos. Cabe ao Centro de Exposições oferecer condições de flexibilidade de uso e ocupação e às organizadoras dos eventos criatividade e bom senso na definição dos espaços internos dos pavilhões que resulte em eventos funcionais, confortáveis e que suscite sua continuidade no tempo.

CONCLUSÃO GERAL:

Os Centros de Exposições vem se desenvolvendo de maneira acelerada na cidade de São Paulo a partir de 1990, com novas unidades implantadas e o conseqüente aumento das atividades realizadas na cidade. Apesar da distância temporal entre as Feiras medievais e as Feiras de Negócios, elas ainda conservam estratégias semelhantes para sua realização. Desde a escolha do ponto ou cidade onde terá lugar, preocupações com fluxos, economia local e acessibilidade ainda permeiam o universo desses pavilhões. Mesmo tendo passado do meio marítimo para o terrestre e por fim o aéreo, a idéia de instalar as Feiras em pontos de conexão entre as rotas ou caminhos demonstra a importância que os *hubs* possuem como catalisadores de fluxo. Eles seguem os mesmos preceitos dos pontos de conexão de rotas no período medieval. Ou seja, um local de reunião de grande porte como os pavilhões, precisa estar num ponto de máxima acessibilidade, internacional e local. Seus eventos atraem uma grande quantidade de pessoas de fora da cidade e essa população flutuante necessita de local para estadia e tem-se aí mais uma conexão que vem do medieval com os pousos, hoje redes hoteleiras, parte delas direcionadas para esse mercado.

Tendo em vista um considerável percentual de expositores e visitantes que permanecem na cidade um ou mais dias após os compromissos, o turismo de eventos vem incentivando essas pessoas a ficarem na cidade mais tempo e usufruírem dos atrativos que ela possui. Os Centros de cultura são instrumentos de atração dos eventos para a cidade aumentando a arrecadação local.

Como local de negócios, era esperado que atraísse e se instalasse nas proximidades de pólos e eixos comerciais e centros empresariais, o que não ocorre.

Em linhas gerais eles circundam o centro expandido e estão distribuídos na mala de modo a facilitar o deslocamento centro – pavilhão e pavilhão –bairro. Ou seja, a acessibilidade se sobressai sobre a hospedagem.

Entre tantas semelhanças com atividades comerciais antigas, uma análise de sua configuração possibilita comparar as feiras e pavilhões com antigas cidadelas. São cidades efêmeras fechadas, com acesso restrito e vigiadas. Os pavilhões possuem seus vários níveis de fechamento: Externo no perímetro do lote, nas entradas principais das edificações e na entrada dos pavilhões propriamente dito. Dentro dos pavilhões uma série de ruas e construções, áreas de trabalho, mas também de lazer.

Até mesmo o portal na entrada de alguns Centros como no Anhembi e no EXPO Minas denotam esse caráter de portal de entrada. São cidadelas de um mundo globalizado, que atraem pessoas de todas as partes, para vender ou comprar, que também passeiam e trocam conhecimento com outros especialistas do segmento de mercado exposto. Mais que um simples armazém locável para eventos, é uma construção complexa, que precisa equacionar questões locais de uso e ocupação em suas instalações e permitir a maior flexibilização das configurações espaciais e atrair o maior número de eventos.

Por fim, existem diversas questões abordadas neste trabalho que merecem aprofundamento posterior que aqui não foi possível, dado o caráter exploratório do tema, ainda pouco estudado, sobretudo das questões projetuais e operacionais desse tipo de edificação.

LISTA DE FIGURAS:

- Fig.I.1:** Ilustração de ovos de borboletas. Fonte: <http://www.ideariumperpetuo.com/borboletas.htm> em 21/04/07 11:46. Pág. 14.
- Fig.I.2:** Ilustração de lagarta. Fonte: <http://www.fotosearch.com.br/fotos-imagens/borboleta>) em 21/04/07 12:11. Pág. 14.
- Fig.I.3:** Ilustração de Pulpa/ Casulo. Fonte: <http://www.fotosearch.com.br/fotos-imagens/borboleta>) em 21/04/07 12:11. Pág. 14.
- Fig. I.4:** Ilustração de borboleta adulta. Fonte: <http://www.fotosearch.com.br/fotos-imagens/borboleta>) em 21/04/07 12:11. Pág. 14.
- Fig.I.5** (à esquerda) - Grupo de homens primitivos no interior de uma caverna: (http://apoiofraterno.files.wordpress.com/2008/02/homem_cavernas.jpg em 20/07/2008 15:18h). Pág. 14.
- Fig.I.6** (ao centro) - Mito da Cabana Primitiva, de Laugier (HEARN:2006 Pág.63). Pág. 14.
- Fig.I.7** (à direita) - Conjunto de tendas de povos nômades (PUENTE:2000 pág.11). Pág. 14.
- Fig.I.8** Mapa das principais rotas comerciais da Europa na Idade Média (http://www.saberhistoria.hpg.ig.com.br/nova_pagina_153.htm em 08/06/2008). Pág. 16.
- Fig.I.9:** Cidade de Nice, França (MUMFORD:1993). Pág. 17.
- Fig.I.10:** Chipping Campden, Inglaterra: Uma típica “Town City” inglesa, onde foi construído um “Market hall” em 1627 na área central da via principal e outros prédios foram sendo agregados com o tempo. (KOSTOF:2004 Fig.75 Pág.93). Pág. 17.
- Fig.I.11:** Bispo abençoa feira medieval em praça pública cercada por comerciantes (http://www.saberhistoria.hpg.ig.com.br/nova_pagina_124.htm em 08/06/2008). Pág. 19.
- Fig.I.12:** Ypres, Cloth Hall, cerca de 1200 e posterior (PEVSNER:1997 Im.5.4 Pág. 236). Pág. 20.
- Fig. I.13:** St. Pierre-sur-Dive Market Hall, Séc. XIII-XIV (PEVSNER:1997 Im. 5.5 Pág.237). Pág. 20.
- Fig.I.14:** Richelieu, Market Hall, cerca de 1630 (PEVSNER:1997 Im. 5.6 Pág. 237). Pág. 20.
- Fig.I.15:** Galeria Vivienne, em Paris 1823-1826 (GÖSSEL e LEUTHÄUSER:2005 Pág. 24). Pág. 24.
- Fig.I.16:** Chatsworth, Inglaterra – Conservatory Hall 1837-40 (PEVSNER:1997 Im. 5.19 Pág. 241). Pág. 24.
- Fig.I.17:** Chatsworth/ Derbyshire, Inglaterra – Conservatory Hall 1836-41 (GÖSSEL e LEUTHÄUSER:2005 Pág. 25). Pág. 24.
- Fig.I.18:** Crystal Palace, Londres, 1851 Vista aérea (Majesty Magazine:2007). Pág. 25.
- Fig.I.19:** Crystal Palace, Londres, 1851 Vista interna do eixo longitudinal (Majesty Magazine:2007). Pág. 26.
- Fig.I.20:** Crystal Palace, Primeiro estudo com somente um eixo (PEVSNER:1997 Im. 5.30 Pág. 244). Pág. 26.
- Fig. I.21:** Galeria D’Orleans, Paris 1828-30 (PEVSNER:1997 pág.264). Pág. 26.
- Fig. I.22:** Ilustração da fachada principal do Palais de L’Industrie, pavilhão construído para a Exposição de Paris de 1855 (<http://images.bridgeman.co.uk/> em 14/02/2009 13:57h). Pág. 27.
- Fig.I.23:** Ilustração do interior do Palais de L’Industrie, pavilhão construído para a Exposição de Paris de 1855 (<http://images.bridgeman.co.uk/> em 14/02/2009 13:57h). Pág. 28.
- Fig. I.24:** Crystal Palace de Nova York, 1853 (PEVSNER:1997 Im. 5.32 Pág. 246). Pág. 28.
- Figs. I.25:** Pavilhão para Exposição Industrial de Munich, Alemanha, 1853/1854 (GÖSSEL e LEUTHÄUSER:2005). Pág. 28.
- Fig. I.26 e I.27:** Pavilhão para Exposição Industrial de Munich, Alemanha, 1853/1854 (GÖSSEL e LEUTHÄUSER:2005). Pág. 29.
- Fig. I.28:** Pavilhão Central, Exposição de Paris 1867 (PEVSNER:1997 Im.5.37 Pág.247). Pág. 30.
- Fig. I.29:** Rua do Cairo, Exposição Universal de 1878 (PESAVENTO:1997). Pág. 30.
- Fig. I.30 e I.31:** Pavilhão AEG na Exposição Alemã da Construção Naval, Berlim, 1908 (PUENTE:2000 Pág.22 e 23). Pág. 31.
- Fig. I.32:** Estande Olivetti, Feira de Milão, 1935 projeto de Luigi Figini e Gio Ponti (COLLI e PERRONE:2003 Pág.24). Pág. 32.
- Fig. I.33:** Seção de Vidros na Exposição Deutsches Volk/ Deutschs Arbeit, 1934. Projeto do arquiteto Mies Van Der Rohe e Lilly Reich (COLLI e PERRONE:2005 Pág. 19). Pág. 32.
- Fig. I.34** – à esquerda: Planta da Cidade de Mileto, projeto de Hipodamo, cerca de 479 a.C. (MORRIS:1992 Fig. 2.8 Pág.44). Pág. 34.
- Fig. I.35** – à direita: Planta da Feira Escolar de 2006, Pavilhão de Exposições do Anhembi, São Paulo (Fonte: FRANCAL, promotora do evento). Pág. 34.
- Fig. I.36:** Pavilhão Deutz, Exposição da Deutsche Werkbund, Colônia, Alemanha, 1914 (PUENTE:2000 Pág.

34). Pág. 34.

Fig. I.37: Pavilhão L'Esprit Noveau, Exposição Internacional de Artes Decorativas, Paris, 1914 (PUENTE:2000 Pág. 48). Pág. 34.

Fig.I.38: Pavilhão L'Esprit Noveau, Exposição Internacional de Artes Decorativas, Paris, 1914 (PUENTE:2000 Pág. 48). Pág. 34.

Fig. I.39: Pavilhão Alemão, Exposição Internacional de Barcelona, 1929 (GEORGE-KOLB-MUSEUM e VERLAG:2006 Pág. 75). Pág. 35.

Fig. I.40, esquerda: Esquema preliminar de Centro de Exposições em Chicago, Estados Unidos, 1953, de Mies Van Der Rohe, com aeroporto acima (PUENTE:2006 Pág. 16 e 17). Pág. 36.

Fig. I.41, direita: Vista aérea do Pavilhão de Exposições do Anhembi, em São Paulo, com o aeroporto Campo de Marte à direita e a marginal do rio Tietê a esquerda (via expressa (Fonte: www.anhembi.com.br). Pág. 36.

Fig. I.42, à esquerda – Pavilhão brasileiro na Exposição Universal de Paris, 1889 (PESAVENTO:1997 pág.194). Pág. 39.

Fig. I.43, à direita – Fachada da divisão brasileira no prédio principal, em estilo “mourisco”. Exposição da Filadélfia, 1876 (PESAVENTO:1997 pág. 158). Pág. 39.

Fig. I.44: Equipamentos e detalhes da região onde foi implantado o Palácio das Indústrias sobre trecho do mapa da cidade de São Paulo publicado por Jules Martin em 1890. Fonte:SEGAWA:2004 pág.43. Pág. 41.

Fig. I.45: Inundação da Várzea do Carmo com antigo mercado em primeiro plano, à esquerda. Óleo sobre tela, 1892, de Benedito Calixto, acervo do Museu Paulista da USP (DIEGOLI:1992 pág. 22 e 23). Pág. 42.

Fig. I.46, à esquerda: Foto do Palácio das Indústrias de São Paulo, tirada em fevereiro de 2009, a partir da Rua Mercúrio (Fonte: Acervo do autor da pesquisa). Pág. 44.

Fig. I.47, à direita: Foto do Castello Mackenzie, em Gênova, Itália; (Fonte: www.panoramio.com/photos/original/8406425.jpg em 15/02/2009 às 09:43h). Pág. 44.

Fig. I.48: Esquemático elaborado durante a pesquisa, sobre foto aérea do local. Fonte: Catavento Cultural e Educacional. Pág. 45.

Fig.I.49: Planta baixa pavimento térreo (Fonte: Catavento Cultural e Educacional). Pág. 46.

Fig. I.50: Plantas baixas pavimento superior e mezanino; Planta de cobertura (Fonte: Catavento Cultural e Educacional). Pág. 46.

Fig. I.51: Galeria ocupada por veículos na I Exposição de Automobilismo e Rodoviação, 1923 (Fonte: www.carroantigo.com em 15/02/2009 às 17:57). Pág. 48.

Fig. I.52: Vista interna do Claustro durante a I Exposição Industrial, em 1917 (DIEGOLI:1992 pág.37).Pág. 48.

Fig. I.53: Estudo de Bruno Sercelli para a Exposição Comemorativa do Cinquentenário da Imigração Oficial do Estado de São Paulo, 1935 (DIEGOLI:1992 pág.38 e 39). Pág. 50.

Fig. II.1: Diagrama de Infra-estrutura Externa ao Centro de Exposições. Fonte: Elaborado pelo autor deste trabalho. Pág. 64.

Fig. II.2: Mapa da cidade de São Paulo e parte da RMSP com representação gráfica dos maiores Centros de Exposições, estudados neste trabalho. Fonte: Mapa base Prefeitura Municipal de São Paulo. Adaptado pelo autor deste trabalho. Pág. 65.

Fig.II.3: Quadro de atividades relacionadas com os aeroportos em maior ou menor grau. Fonte: Quadro base: GÜLLER:2002. Adaptado pelo autor deste trabalho. Pág. 66.

Fig.II.4: Mapa de distribuição dos hotéis em São Paulo até 1970 e de 1971 a 1980. Fonte: mapa base SPOLON:2006. Adaptado pelo autor deste trabalho. Pág. 67.

Fig.II.5: Mapa de distribuição dos hotéis em São Paulo até 1980 e de 1981 a 1990. Fonte: Mapa base SPOLON:2006. Adaptado pelo autor deste trabalho. Pág. 67.

Fig. II.6: Mapas com representação gráfica dos Flats, Hotéis e Centros de Convenções¹ na RMSP. Fonte: SPOLON:2006. Adaptado pelo autor deste trabalho. Pág. 68.

Fig. II.7: Planta de zoneamento da região onde o Centro de Exposições está inserido.

Fonte: www.prefeitura.sp.gov.br Pág. 70.

Fig.II.8: Planta com a localização do transporte público da região. Fonte: www.prefeitura.sp.gov.br Pág. 70.

Fig. II.9: Foto da entrada principal de veículos durante os eventos: Acesso fácil e sem restrição de ingresso à via interna até os guichês de estacionamento, com vistas a minimizar o congestionamento na entrada, junto à Avenida Olavo Fontoura. Fonte: Acervo do autor deste trabalho. Pág. 72.

Fig. II.10: Foto da via de circulação interna e acesso aos guichês do estacionamento para visitantes: várias pistas e vários pontos de atendimento no acesso de veículos. Implantação típica dos pedágios em rodovias. Em momentos de pico, o atendimento manual gera acúmulo de veículos que se estende até a Av. Olavo

Fontoura. Fonte: Acervo do autor deste trabalho. Pág. 72.

Fig. II.11: Foto da Rua Massinet Sorcinelli que dá acesso às docas (calçada da esquerda): rua secundária utilizada como alternativa de acesso à ponte Cruzeiro do Sul em horários de pico – pode ocasionar congestionamento durante o período de montagem. Fonte: Acervo do autor deste trabalho. Pág. 72.

Fig. II.12: Foto da Marginal do Tietê, com acesso portão de serviço: Pequeno recuo do portão em relação à via local, de alto tráfego. Fonte: Acervo do autor deste trabalho. Pág. 72.

Fig. II.13: Foto de um dos vários portões distribuídos ao longo do perímetro do lote, aumentam a permeabilidade do Centro e as possibilidades de acesso, caso sejam utilizados nos eventos. Fonte: Acervo do autor deste trabalho. Pág. 72.

Fig. II.14: Foto da Avenida Olavo Fontoura, com galpões com atividades relacionadas ao aeroporto Campo de Marte enfrente ao Parque Anhembi. Fonte: Acervo do autor deste trabalho. Pág. 72.

Fig. II.15: Foto da Entrada principal do Centro: pavilhão oeste recente, com elemento marcante na arquitetura do pavilhão, funcionando como ponto focal e torre sinalizadora. Fonte: Acervo do autor deste trabalho. Pág. 73.

Fig. II.16: Foto do comércio instalado em lanchonetes padronizadas: estrutura de apoio aos profissionais envolvidos na montagem dos eventos e com acesso também para a Avenida Olavo Fontoura. Fonte: Acervo do autor deste trabalho. Pág. 73.

Fig. II.17: Foto do portal de entrada de pedestres ao Parque Anhembi, com hotel Holliday Inn ao fundo: A sua presença sugere vínculos com antigos portões das cidadelas medievais, como entrada a uma cidade efêmera duplamente murada (pavilhões e no perímetro do lote). Fonte: Acervo do autor deste trabalho. Pág. 73.

Fig. II.18: Foto do pátio de estacionamento para veículos de passeio dos visitantes durante a feira e para caminhões durante o período de montagem e desmontagem: Arborização confere atmosfera de parque ao lugar e é usado aos domingos como feira de carros usados, aberta ao público. geral. Fonte: Acervo do autor deste trabalho. Pág. 73.

Fig. II.19: Planta baixa com o zoneamento da região onde o pavilhão está implantado. Fonte: www.prefeitura.sp.gov.br Pág. 74.

Fig. II.20: Planta baixa com o mapa do transporte público da região. Fonte: www.prefeitura.sp.gov.br Pág. 75.

Fig. II.21: Foto da Rua José Bernardo Pinto: Principal via de chegada aos pavilhões, essa via é a mais exigida, no que se refere ao tráfego, principalmente nos momentos de pico. Fonte: Acervo do autor deste trabalho. Pág. 76.

Fig. II.22: Foto da Rua José Bernardo Pinto: Entrada principal dos pavilhões azul, branco e vermelho. Com a construção do pavilhão branco ao centro, o número de vagas de estacionamento diminuiu. Fonte: Acervo do autor deste trabalho. Pág. 76.

Fig. II.23: Foto da Rua José Bernardo Pinto: Travessia de pedestre e principal acesso aos pavilhões azul, branco e vermelho. Enfrente a essa área existe um grande estacionamento de veículos para os visitantes. Fonte: Acervo do autor deste trabalho. Pág. 76.

Fig. II.24: Foto da Rua Cel. Marques Ribeiro esquina com Rua José Bernardo Pinto: Condomínio residencial enfrente ao pavilhão vermelho. Fonte: Acervo do autor deste trabalho. Pág. 76.

Fig. II.25: Foto da Rua José Bernardo Pinto esquina com Rua Cel. Marques Ribeiro: Via estrutural com presença de pequeno comércio de varejo. Fonte: Acervo do autor deste trabalho. Pág. 76.

Fig. II.26: Foto da Rua Cel. Marques Ribeiro: Portão de acesso às docas do pavilhão vermelho. Essa mesma solução se repetirá nas demais ruas contíguas ao lote. Fonte: Acervo do autor deste trabalho. Pág. 77.

Fig. II.27: Foto da entrada principal do pavilhão verde, na Rua Cel. Marques Ribeiro: portão recuado em relação a via local, minimiza congestionamentos quando há fila de veículos para entrar no local. Fonte: Acervo do autor deste trabalho. Pág. 77.

Fig. II.28: Foto da Rua Galatéia, sentido Rua José Bernardo Pinto: Vários cavaletes e fitas de isolamento à esquerda, ao longo da via, instalados para impedir que veículos estacionem no local. Uma medida paliativa para a questão do trânsito nos horários de pico. Fonte: Acervo do autor deste trabalho. Pág. 77.

Fig. II.29: Foto da esquina da Avenida Otto Baumgart com a Rua José Bernardo Pinto: Nesse local será construído um Centro de Convenções e Eventos, com conseqüente aumento do tráfego de veículos na região. Fonte: Acervo do autor deste trabalho. Pág. 77.

Fig. II.30: Foto da entrada principal do pavilhão amarelo: O único não integrado aos demais e o único pavilhão com acesso direto para a via local. Entrada do estacionamento à esquerda e direita do edifício. Fonte: Acervo do autor deste trabalho. Pág. 77.

Fig. II.31: Foto da Avenida Zaki Narchi esquina com Avenida Otto Baumgart, com pavilhão amarelo ao fundo: A cor marcante sinaliza o pavilhão à distância. Fonte: Acervo do autor deste trabalho. Pág. 78.

Fig. II.32: Foto da Rua José Bernardo Pinto: Entrada principal dos pavilhões azul, branco e vermelho. Com a construção do pavilhão branco ao centro, o número de vagas de estacionamento diminuiu. Fonte: Acervo do autor deste trabalho. Pág. 78.

Fig. II.33: Mapa de localização do Centro de Exposições Imigrantes. Fonte: www.centroimigrantes.com.br Pág. 79.

Fig. II.34: Trecho do mapa com o zoneamento da região onde o Centro Imigrantes está implantado. Fonte: Mapa base www.prefeitura.sp.gov.br, adaptado pelo autor deste trabalho. Pág. 79.

Fig. II.35: Mapa do transporte público da região entorno do Centro Imigrantes. Fonte: Mapa base www.prefeitura.sp.gov.br, adaptado pelo autor deste trabalho. Pág. 79.

Fig. II.36: Trecho de mapa com o zoneamento da região onde o ITM Expo está implantado. Fonte: www.prefeitura.sp.gov.br Pág. 80.

Fig. II.37: Mapa do transporte público da região entorno do ITM Expo. Fonte: www.prefeitura.sp.gov.br Pág. 80.

Fig. II.38: Foto do acesso ao Centro pela Avenida Engenheiro Roberto Zuccolo, a partir da Avenida Julião Machado sentido Pinheiros: Predominância de empresas instaladas em galpões. Fonte: Acervo do autor deste trabalho. Pág. 82.

Fig. II.39: Foto da Avenida Cardeal Santiago L. Copello com vista para o Centro ao fundo: Via típica do entorno, com galpões industriais. Fonte: Acervo do autor deste trabalho. Pág. 82.

Fig. II.40: Foto da Rua Rodrigo Daunt, ao fundo do Centro: Presença de residências de baixa renda próximo ao acesso de cargas. Pág. 82.

Fig. II.41: Foto de detalhe do conjunto de casas de moradores com baixa renda, na Rua Rodrigo Daunt, ao fundo do Centro. Fonte: Acervo do autor deste trabalho. Pág. 82.

Fig. II.42: Foto da Rua Prudêncio de Jesus: Acesso de serviço e rampa de acesso para carga e descarga ao último piso do Centro. Fonte: Acervo do autor deste trabalho. Pág. 82.

Fig. II. 43: Foto da Via de circulação interna de caminhões, paralela à Rua Prudêncio de Jesus, para acessar rampa de carga e descarga no último piso do Centro. Fonte: Acervo do autor deste trabalho. Pág. 83.

Fig. II.44: Foto da Rua Padre Emílio Miotti: Rampa para carga e descarga com acesso ao primeiro piso de exposições. Também construída para minimizar problemas com o acesso de cargas aos locais de exposição. Fonte: Acervo do autor deste trabalho. Pág. 83.

Fig. II.45: Foto da Rua Padre Emílio Motti: Casas típicas localizadas enfrente ao Centro. É interessante notar a presença de pequenos restaurantes para atender aos profissionais envolvidos na montagem dos eventos. Fonte: Acervo do autor deste trabalho. Pág. 83.

Fig. II.46: Foto da Rua Padre Emílio Motti: Portão de acesso às docas existentes desde a construção do edifício. Fonte: Acervo do autor deste trabalho. Pág. 83.

Fig. II.47: Foto da Avenida marginal do Rio Pinheiros sentido Tietê: Acesso ao Centro com sinalização deficiente. Fonte: Acervo do autor deste trabalho. Pág. 83.

Fig. II.48: Foto da Avenida Engenheiro Roberto Zuccolo sentido Avenida Julião Machado: Acesso principal de veículos para os visitantes. Fonte: Acervo do autor deste trabalho. Pág. 84.

Fig. II.49: Foto da Avenida Engenheiro Roberto Zuccolo: Entrada Principal. Elemento arquitetônico marcante na fachada. Fonte: Acervo do autor deste trabalho. Pág. 84.

Fig. II.50: Planta baixa com o zoneamento da região onde o Expo Transamérica está implantado. Fonte: www.prefeitura.sp.gov.br Pág. 85.

Fig. II.51: Planta baixa com o mapa do transporte público da região do Expo Transamérica. Fonte: www.prefeitura.sp.gov.br Pág. 85.

Fig. II.52: Foto da cobertura dos portões automáticos de acesso ao estacionamento pago. Usa o mesmo sistema eletrônico usado na maioria dos estacionamentos de shopping centers da cidade. Fonte: Acervo do autor deste trabalho. Pág. 86.

Fig. II.53: Foto do painel sinalizador e Portão de acesso às docas. Ao fundo e à direita, atrás dos muros, um condomínio residencial. Fonte: Acervo do autor deste trabalho. Pág. 87.

Fig. II.54: Foto com vista parcial do condomínio residencial localizado junto ao lote do Centro de Exposições. Fonte: Acervo do autor deste trabalho. Pág. 87.

Fig. II.55: Foto de detalhe encontrado: Um cartaz fixado no muro com a frase: "Silêncio, não buzine". Ao fundo, prédio residencial. Sinal de problemas com propagação de ruídos gerados no local. Fonte: Acervo do autor deste trabalho. Pág. 87.

Fig. II.56: Foto de outro cartaz, desta vez com a frase: "Silêncio, não grite". Ao fundo, o mesmo prédio residencial da foto acima. Fonte: Acervo do autor deste trabalho. Pág. 87.

Fig. II.57: Foto da via de circulação lateral, com acesso às docas. Atrás do muro, vê-se o conjunto de prédios residenciais próximo ao lote. Fonte: Acervo do autor deste trabalho. Pág. 87.

Fig. II.58: Foto das docas, atrás do pavilhão. A seqüência de construções vistas a partir da direita são casas

localizadas junto ao muro, na divisa do lote. Fonte: Acervo do autor deste trabalho. Pág. 88.

Fig. II.59: Foto da Rua Álvares Lobo, com pavilhão visto à esquerda. Fonte: Acervo do autor deste trabalho. Pág. 88.

Fig. II.60: Foto da esquina da Rua Tertuliano Branco vista a partir da Rua José G. Sobrinho, com casas entre o acesso bloqueado ao terreno do pavilhão, na área de docas. No lugar do portão, foi construído um muro de alvenaria. Possível sinal de problemas com o trânsito de caminhões no passado. Fonte: Acervo do autor deste trabalho. Pág. 88.

Fig. II.61: Foto da Rua José G. Sobrinho, vista da esquina com a Rua Tertuliano Branco: Conjunto de casas típicas da região. Fonte: Acervo do autor deste trabalho. Pág. 88.

Fig. II.62: Foto da Avenida João Dias a partir da ponte João Dias sentido Santo Amaro: Rua de tráfego intenso e comércio variado, na região próxima ao EXPO Transamérica. Fonte: Acervo do autor deste trabalho. Pág. 88.

Fig. II.63: Foto do Centro Empresarial, localizado próximo à ponte Transamérica, do outro lado do rio Pinheiros em relação ao Hotel Transamérica. Pág. 89.

Fig. II.64: Foto do final da Rua Tertuliano Branco com a Rua Padre Ibrahim, olhando para parte do fundo e lateral do Centro de exposições. Em primeiro plano, à esquerda uma residência. Fonte: Acervo do autor deste trabalho. Pág. 89.

Fig. II.65: Foto da Rua Bento Branco de A. Filho sentido ponte Transamérica: sede de empresas, casas de espetáculos, teatro e escola profissionalizante. Fonte: Acervo do autor deste trabalho. Pág. 89.

Fig. III.1: Diferença entre Pavilhão e Centro de Exposição: Representação gráfica esquemática. Fonte: Elaborado pelo autor. Pág. 95.

Fig. III.2: Vista aérea do complexo Parque Anhembi com seus componentes. Fonte: Foto base - São Paulo Turismo. Adaptado pelo autor deste trabalho. Pág. 99.

Fig. III.3: Mapa de localização dos maiores CEX em São Paulo. Fonte mapa base: www.itmexpo.com.br adaptado por Kleber Santos Carvalho. Pág. 99.

Fig. III.4: Vistas aéreas do parque do Ibirapuera com Pavilhão Ciccillo Matarazzo ao fundo. Fonte: Fundação Bienal de São Paulo. Pág. 100.

Fig. III.5: Vista do mezanino com o vazio central e estrutura de rampas de acesso aos 1º. E 2º. Pisos. Fonte: Fundação Bienal de São Paulo. Pág. 101.

Fig. III.6: Vista aérea do Pavilhão de Exposições do Anhembi a partir da entrada do conjunto composto pelo pavilhão oeste (menor, à direita) e o pavilhão norte-sul (maior, à esquerda). Fonte: São Paulo Turismo. Pág. 101.

Fig. III.7: Planta simplificada dos dois pavilhões com indicação dos principais portões de acesso à edificação, sanitários e docas. Pág. 102.

Fig. III.8: Vista da interligação entre os pavilhões norte-sul (à esquerda na foto) e oeste (à direita na foto). Fonte: Foto tirada em 10/10/2006 pelo autor deste trabalho, durante a montagem do Salão do Automóvel. Pág. 103.

Fig III.9, à direita: Foto do interior do pavilhões norte-sul. Pág. 103.

Fig III.10, à esquerda: Foto do interior do pavilhões oeste. Fonte: www.anhembi.com.br. Pág. 103.

Fig. III.11: Vista aérea do Centro de Exposições. Fonte: www.expocenternorte.com.br Pág. 104.

Fig. III.12: Mapa da região com implantação do CEX identificados pela cor homônimas ao nome dos pavilhões: Amarelo, azul, branco, vermelho e verde. Fonte: www.expocenternorte.com.br Pág. 104.

Fig. III.13: Mapa de distribuição dos pavilhões no Centro de Exposições. Fonte: www.expocenternorte.com.br Pág. 105.

Fig. III.14: Auditórios brancos – Planta de distribuição e Tabela de áreas. Fonte: www.expocenternorte.com.br Pág. 106.

Fig. III.15: Auditórios Amarelos – Planta de distribuição. Fonte: www.expocenternorte.com.br Pág. 107.

Fig. III.16: Vista aérea do Expo Transamérica com sua configuração original. Fonte: www.transamericaexpo.com.br. Pág. 109.

Fig. III.17: Vista aérea com a configuração atual. Fonte: SP&VB – Press Kit, junho de 2006. Pág. 109.

Fig. III.18, à esquerda: Vista externa do Hall da marquise contínua de desembarque e Hall de entrada e distribuição em “L” que atende a todos os pavilhões compartimentados. Pág. 110.

Fig. III.19, ao centro vista aérea do Centro de Exposições com o seu entorno predominantemente residencial. Pág. 110.

Fig. III.20, à direita: Planta de implantação dos pavilhões no lote. As áreas em verde na parte superior

corresponde ao estacionamento de caminhões para carga e descarga e as saídas para o alto são portões hoje bloqueados por atravessarem área residencial. (Fonte:www.transamericaexpo.com.br). Pág. 110.

Fig. III.21: Mapa de principais acessos nas proximidades do Centro de Exposições Expo Transamérica. Fonte: www.transamericaexpo.com.br. Pág. 110.

Fig. III.22: Foto do local: Fachada frontal do ITM Expo com estacionamento à frente, na Avenida Engenheiro Roberto Zucollo. Fonte: Acervo do autor deste trabalho. Pág. 112.

Fig. III.23: Vista aérea do Centro de Exposições Imigrantes na foto maior e fotos de eventos em detalhe, nas fotos menores. Fonte: www.centroimigrantes.com.br. Pág. 113.

Fig. III.24: Vista aérea do Centro de Exposições Imigrantes a partir de sua entrada e pátio de estacionamento. Fonte: www.centroimigrantes.com.br. Pág. 113.

Fig. III.25: Mapa de localização do Centro de Exposições Imigrantes. Fonte: www.centroimigrantes.com.br. Pág. 114.

Fig. III.26: Perspectiva ilustrativa com distribuição das principais partes do Centro de Exposições Imigrantes. Fonte: www.centroimigrantes.com.br. Pág. 115.

Fig. III.27, Fig.III.28, Fig.III.29 e Fig.III.30: Fotos de eventos realizados nos pavilhões e áreas externas do Centro de Exposições Imigrantes. Fonte: www.centroimigrantes.com.br. Pág. 116.

Fig. III.31: EXPO Minas – Foto aérea da entrada. Fonte: Revista Finestra n.47 pág.68. Pág. 117.

Fig. III.32: EXPO MINAS-Foto da fachada de um dos pavilhões com visão do hall de distribuição interna dos fluxos. Fonte: Revista PROJETO DESIGN n.317 pag49 foto3 jul/2006. Pág. 117.

Fig. III.33, à esquerda: EXPO MINAS-Foto do interior do hall de distribuição de fluxos. Fonte: Revista PROJETO DESIGN 317 jul/2006 - pag50 foto1. Pág. 118.

Fig. III.34, à direita: EXPO MINAS-Foto do interior do auditório. Fonte: Revista PROJETO DESIGN 317 jul/2006 - pag.52 foto2. Pág. 118.

Fig.III.35, à esquerda: EXPO MINAS - Foto ext do encontro de laterais de um dos blocos do complexo. Fonte: Revista PROJETO DESIGN 317 jul2006- pag48 foto1. Pág. 118.

Fig. III.36, à direita: EXPO MINAS-Foto interior de um pavilhão. Fonte: Revista FINESTRA47 pag70. Pág. 118.

Fig. III.37: EXPO MINAS-Corte e Elevação. Fonte: Revista FINESTRA47 - pag70. Pág. 118.

Fig. III.38: EXPO MINAS-Planta Térreo e um corte. Fonte: Revista FINESTRA47 - pag71. Pág. 118.

Fig. III.39, à esquerda: EXPO MINAS - Planta pavimento 1. Fonte: Revista FINESTRA 47 pag71. Pág. 119.

Fig. III.40, à direita: EXPO MINAS - Plantas pavimentos 2. Fonte: Revista FINESTRA 47 pag71. Pág. 119.

Fig.III.41: Vista aérea do Fiera Milano. Fonte: www.fieramilano.it . Pág. 119.

Fig.III.42, à esquerda: Vista aérea do eixo monumental de circulação do FIERA Milano. Fonte: www.archiweb.cz – 30/05/2007 13:27h. Pág. 119.

Fig. III.43, à direita – acima e abaixo: Corte ilustrativo do eixo monumental de circulação do FIERA Milano. Fonte: www.archiweb.cz – 30/05/2007 13:33h. Pág. 119.

Fig. III.44: Isométrica com esquemático da articulação dos pavilhões e localização dos principais ambientes. Fonte: Encarte publicitário do local – FIERA MILANO. NOT A FAIR, THE FAIR. Pág. 10 s/ data. Pág. 120.

Fig. III.45: Isométrica com esquemático da articulação dos pavilhões, indicação do fluxo de veículos e principais acessos. Fonte: Encarte publicitário do local – FIERA MILANO. NOT A FAIR, THE FAIR. Pág. 10 s/ data. Pág. 120.

Fig. III.46: Vista aérea do Centro de Exposições EXCEL London. Fonte: www.excel-london.co.uk. Pág. 121.

Fig. III.47, à esquerda: Vista interna da Galeria – eixo central de circulação do Centro de Exposições EXCEL London. Fonte: www.excel-london.co.uk. Pág. 121.

Fig. III.48, à direita: Vista externa da entrada principal do EXCEL London. Fonte: www.excel-london.co.uk. Pág. 121.

Fig. III.49, à esquerda: Vista interna de um dos pavilhões do Centro de Exposições EXCEL London. Fonte: www.excel-london.co.uk. Pág. 121.

Fig. III.50, à direita: Vista interna de um dos pavilhões do EXCEL London com divisórias móveis para compartimentação vertical. Fonte: www.excel-london.co.uk. Pág. 121.

Fig. III.51: Mapa de distribuição dos pavilhões com área de expansão para 2010. Fonte: www.excel-london.uk. Pág. 121.

Fig. III.52: Fluxograma de um Centro de Exposições com Centro de Convenções acoplado. Fonte: Pesquisa direta. Elaborado pelo autor deste trabalho. Pág. 130.

Fig. III.53: Esquemas de distribuição/ articulação de pavilhões de um CEX. Fonte: Elaborado pelo autor. Pág. 132.

Fig. III.54: Esquema de articulação entre os pavilhões e hall de entrada e distribuição com indicação de acessos para fluxos diferenciados por função (LAWSON:2000 pg.35). Pág. 133.

Fig. IV.1: (à esquerda, acima) Desenhos ilustrativos do local das feiras medievais, baseados no descrito por RAU:1983 e KOSTOF:2004. Pág. 152.

Fig. IV.2: (à esquerda, abaixo): Desenhos ilustrativos do local das feiras medievais, baseados no descrito por RAU:1983 e KOSTOF:2004. Pág. 152.

Fig. IV.3: (à direita): Ilustração de um mercado de rua na Antuérpia, Bélgica. Fonte: KOSTOF:2004 Fig.78 Pág.96. Pág. 152.

Fig. IV.4: Planta do pavilhão principal da Exposição Universal de 1867, em Paris, França. Fonte: BARBUY:2006 Fig.224 Pág. 227. Pág. 153.

Fig. IV.5: Foto de evento Die Wohnung exhibition realizado em Munique, na Alemanha. Fonte: COLLI e PERRONE:2003. Pág. 154.

Fig. IV.6: Quadro comparativo entre o calendário anual e periodicidade das Feiras medievais itinerantes e as atuais realizadas nos Centros de exposições (CEX). Fonte: dados: RAU:1983 e UBRAFE. Elaborado pelo autor deste trabalho. Pág. 156.

Fig. IV.7: Os diferentes ciclos de atividades que se alternam em um Centro de Exposições (CEX) durante o ano. Fonte: Elaborado pelo autor deste trabalho, a partir de visita técnica em alguns eventos e dados da UBRAFE. Pág. 157.

TABELAS:

Tabela II.1: Table 1: ICCA country and city ranking measured by number of meetings organised in 2007. Fonte: <http://www.iccaworld.com/npps/story.cfm?ID=1577>. Pág. 61.

Tabela II.2: Equipamentos e infra-estrutura complementares para implantação de um Centro de Exposições. Elaborado pelo Autor deste trabalho. Pág. 63.

Tabela III.1: Áreas locáveis do Pavilhão da Bienal. Fonte: <http://bienalsaopaulo.globo.com/> Pág. 101.

Tabela III.2: Tabela de áreas locáveis do Pavilhão de Exposições Anhembi. Fonte: Manual de Normas Técnicas 2008 – São Paulo Turismo. Pág. 103.

Tabela III.3: Áreas de outros ambientes do Pavilhão de Exposições do Anhembi. Fonte: Manual de Normas Técnicas 2008 – São Paulo Turismo. Pág. 104.

Tabela III.4: Tabela de áreas locáveis do Expo Center Norte. Fonte: www.expoцентernorte.com.br. Pág. 106.

Tabela IV.1: Diferenças quanto ao uso e ocupação, duração e periodicidade e ocorrência das Feiras e dos Centros de Exposição. Fonte: Elaborado pelo autor deste trabalho. Pág. 158.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Livros:

ANDRADE, Nelson; BRITO, Paulo Lúcio de; JORGE, Wilson Edson.- Hotel: Planejamento e Projeto. 9ª. ed. São Paulo: Senac, 2007.

BARBUY, Heloísa. - A Cidade Exposição: Comércio e Cosmopolitismo em São Paulo; 1860-1914. São Paulo: Edusp, 2006.

BAUDRILLARD, Jean. A Sociedade de Consumo – Lisboa: Edições 70, 2005.

BAUMANN, Zygmunt - Vida Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BENEVOLO, Leonardo. História da Cidade. Trad.Bras.: Silvia Mazza. 3ª. Edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.728p.

BORBA, Francisco S. (Org.).- Dicionário UNESP do Português Contemporâneo. São Paulo: Unesp, 2004.

BRAUDEL, Fernand - Civilização Material, Economia e Capitalismo Séculos XV-XVIII. Vol. 2: O Jogo das Trocas. Trad. Bras.: Telma Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BURDEN, Ernest - Dicionário Ilustrado de Arquitetura. Trad.Bras.: Alexandre Ferreira da Silva Salvaterra. 8ª edição. Bookman: Porto Alegre, 2006.

CERVER, Francisco Asencio - The World of Contemporary Architecture. Kónemman, 2005.

COLLI, Stefano y PERRONE, Raffaella - Espacio-Identidad-Empresa. Gustavo Gili: Barcelona, 2003.

CUNHA, Antônio Geraldo da - Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 3ª. Edição. Rio de Janeiro: Lexikon digital, 2007.

DIEGOLI, Leila Regina (Coord.). Palácio das Indústrias, Memória e Cidadania: o restauro para a nova prefeitura de São Paulo. PMSP: São Paulo, 1992.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda - Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1989.

FLEMING, John; HONOUR, Hugh and PEVSNER, Nikolaus - The Penguin Dictionary of Architecture and Landscape Architecture. 5th. ed. London: Penguin Books: 1999.

GÖSSEL, Peter & LEUTHÄUSER, Gabriele. - Arquitecturas del siglo XX, Vol 1. Colônia: Tashen, 2005.

GÜLLER , Güller. Del Aeropuerto a la Ciudad-Aeropuerto. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

HORN, Sally W. A. S. (Ch. Ed.). Oxford Advanced Learner's Dictionary of Current English. 7th edition. Oxford University Press. New York: Oxford,. 2005.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello - Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KOSTOF, Spiro. The City Assembled: The Urban Elements of Urban Form Through History. London, Thames & Hudson, 1992.

LAWSON, Fred. - Congress, Convention and Exhibition Facilities: Planning, Design and Management. Oxford: Architectural Press, 2000.

MORRIS, A.E.J. "Historia de la forma urbana: Desde sus orígenes hasta la Revolución Industrial". 4ª. ed.. Barcelona: Gustavo Gili, 1992.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. - Exposições Universais: Espetáculos da Modernidade do século XIX. São Paulo: Hucitec, 1997.

PETERSEN, David C. "Developing Sports Convention, and Performing Arts Centers". ULI –Washington: The Urban Land Institute: 2001.

PEVSNER, Nikolaus. "A History of Building Types". 1a. ed. Thames and Hudson: Londres, 1976. Washington: University Press, 1997.

PUENTE, Moisés. - Pavilhões de Exposição. Barcelona: Gustavo Gili, 2000.

PUENTE, Moisés (ed.)- Conversas com Mies Van der Rohe: certezas americanas. Barcelona: Gustavo Gili, 2006.

RAU, Virgínia. Feiras medievais portuguesas: subsídios para o seu estudo. 2ª. ed. Lisboa: Presença, 2004.

SEGAWA, Hugo - Prelúdio da Metrópole: Arquitetura e Urbanismo em São Paulo na Passagem do Século XIX ao XX. 2ª. ed. São Paulo Ateliê, 2004.

SÉGUIER, Jaime de (dir.) - Dicionário Prático Ilustrado: Novo Dicionário Enciclopédico. Lello, 2004.

STEEL, Miranda (ed.) - Oxford Word Power: Dictionary for learners of English. Oxford Oxford, New York: University Press, 2000.

SUMMERS, Della (dir.)- Longman Dicionário Escolar: Inglês-Português, Português-Inglês. 1ª ed., 2004).

VOLPI, Alexandre. - A História do Consumo no Brasil: Do mercantilismo à era do foco no cliente. São Paulo: Elsevier, 2007.

ZEVI, Bruno. - Saber Ver Arquitetura. São Paulo: Martins Fontes, 2000

Teses e Dissertações:

BRAZ, Fábio César. - Eventos/ Feiras de negócios na (re)produção do espaço urbano da metrópole: estudo de caso do Parque Anhembi e Centro de Exposições Imigrantes. Dissertação de mestrado. FAU/USP: São Paulo, 2008.

SPOLON, Ana Paula Garcia. - Chão de Estrelas: Hotelaria e produção imobiliária em São Paulo, 1995-2005. Dissertação de mestrado. FAU/USP: São Paulo, 2006.

VARGAS, Heliana Comin. - Comércio: Localização estratégica ou Estratégia na localização?. Tese de Doutorado. FAU/USP: São Paulo, 1992.

Trabalhos Acadêmicos:

ESPIRITO SANTO, José Marcelo do. Palácio das Indústrias: Estudo e Reapropriação de um espaço paulistano. Trabalho de Graduação Interdisciplinar I. FAU/USP: São Paulo, 1986.

Artigos científicos:

CARVALHO, Kleber Santos. - Arquitetura efêmera em Feiras e Exposições: Um laboratório de idéias. In: Anais do II CinCCi – Colóquio Internacional sobre Comércio e Cidade. São Paulo: FAU/USP, 2008.

Revistas e folhetos publicitários:

ARCO. Revista FINESTRA. Ano11. n.47. Out/Nov/Dez/2006.

ARCO. Revista PROJETO DESIGN n.317. Julho de 2006.

FIERA MILANO (Fondazione) – La Transformazione di Fiera Milano – Due Opere per Il Territorio. Milano, 2004

FIERA MILANO – Fiera Milano. Not a Fair. The Fair. Milano, sd.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:**Livros:**

BLASER, Werner. – Mies van der Rohe. Trad.bras. Júlio Fisher. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DEBORD, Guy - A Sociedade do Espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

FUSKAS, Emiliano.- New Trade Fair Milan. Barcelona: Actar, 2006.

GIL, Daniel De Camillis. Marketing Turismo de Eventos. Brasília: Pórtico, 2000.

HARVEY, David. “Condição Pós-Moderna”. 15ª. ed. São Paulo: Loyola. 2006.

HEARN, Fil. Ideas que han configurado edificios. Trad esp. Alfonso Alarcón Sánchez y Carlos Alarcón Allen. Barcelona: Gustavo Gili, 2006.

JODIDIO, Philip. Architecture Now: Vol.2. Colônia: Tashen, 2003.

JOHNSON, Phillip - Mies van der Rohe”. Buenos Aires: Victor Levi, 1960.

MINGUET, Josep M. (org.). Exhibition Design Architecture: Arquitectura efímera. : Barcelona: Instituto Monsa- Espanha, 2006.

PMSP. Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo 2002-2012. SENAC: São Paulo, 2004.

ROGERS, Tony. Conferences and Conventions: A Global Industry. Burlington : Butterworth-Heinemann, 2007.

SOLÀ-MORALES, de Ignasi; CIRICI, Cristian e RAMOS, Fernando. - Mies van der Rohe: El Pabellón de Barcelona. 3ª ed. Gustavo Gili: Barcelona, 2003.

TRIGUEIROS, Luiz; SAT, Claudio e OLIVEIRA, Cristina (eds). "Expo'98 Arquitetura". Editorial Blau: Lisboa- Portugal, 1998.

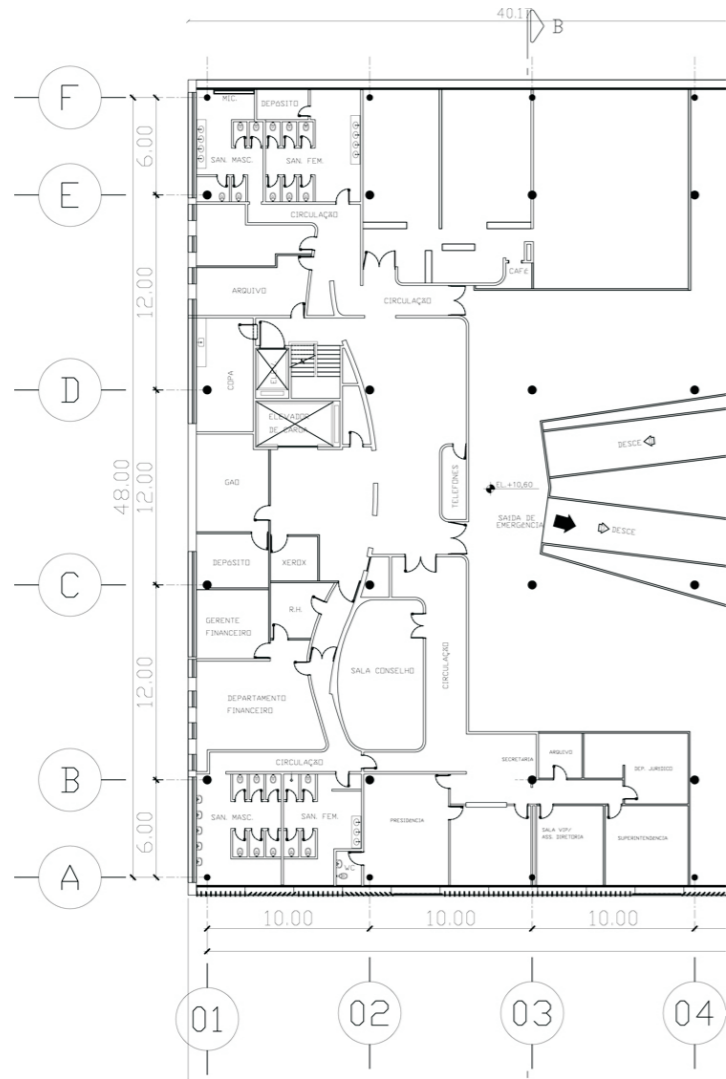
VERLAG, Jovis e GEORG-KOLB-MUSEUM. „Pavillon Barcelona“. Berlin, 2006.

VILLAÇA, Flávio. "Espaço Intra-Urbano no Brasil". 2ª. Edição. Nobel/ São Paulo : Nobel FAPESP: São Paulo, 2005.

WEBER, Karin e CHON, Kaye (eds.). Convention Tourism International Research and Industry Perspectives. Haworth Press Birghamton, NY, 2002.

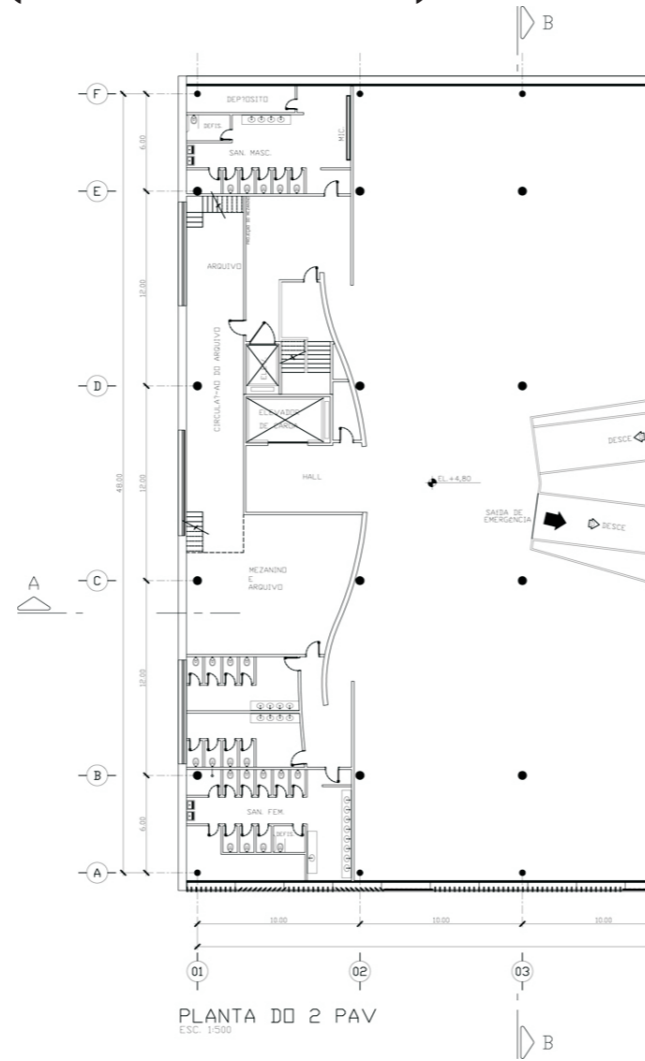
ANEXOS

Anexo I-1: PAVILHÃO CICCILLO MATARAZZO (PAVILHÃO DA BIENAL)



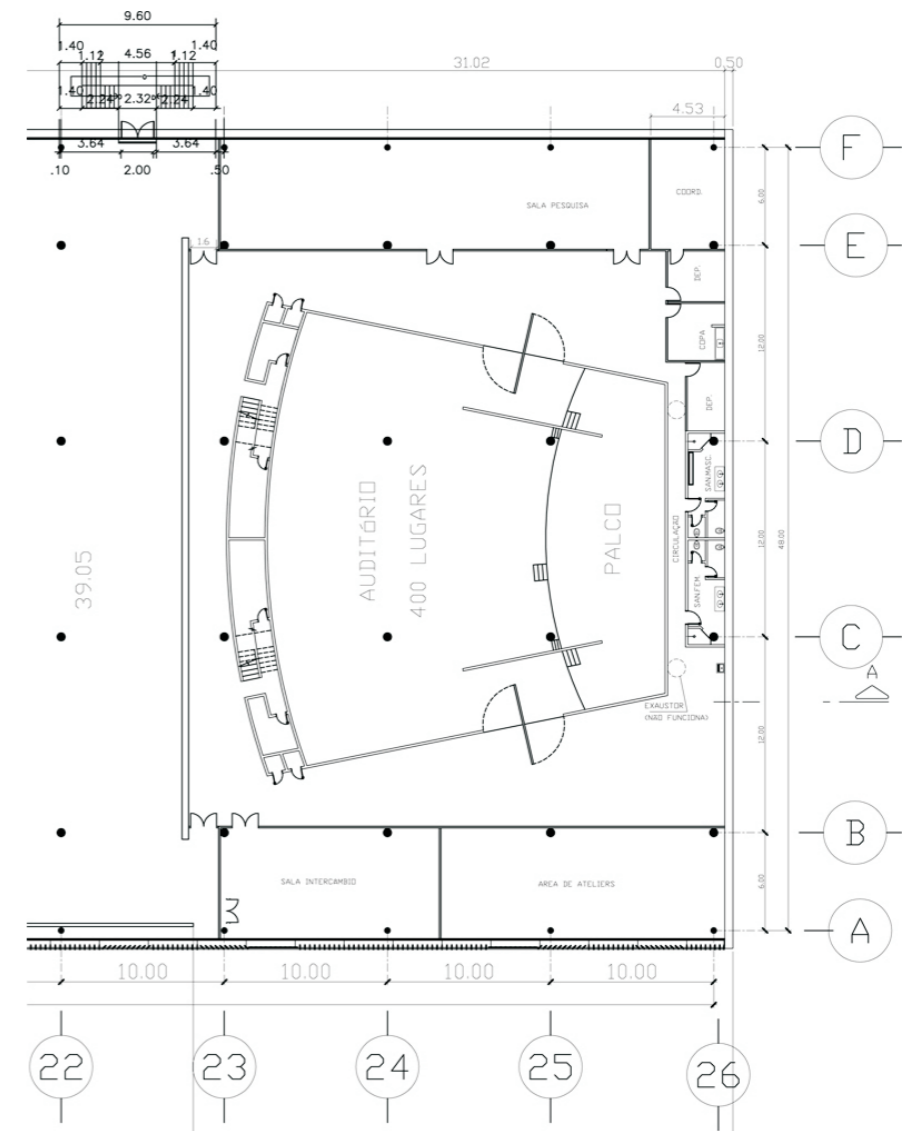
Ampliação trecho da planta - 3o.

Fonte: Fundação Bienal de São Paulo



Ampliação trecho da planta - 2o.

Fonte: Fundação Bienal de São Paulo



Ampliação trecho da planta com auditório- 3o.

Fonte: Fundação Bienal de São Paulo



1- Foto aérea do Parque do Ibirapuera com Pavilhão Ciccillo Matarazzo acima.
Fonte: Fundação Bienal de São Paulo.



1- Foto aérea do Parque do Ibirapuera com Pavilhão Ciccillo Matarazzo no alto, à esquerda.
Fonte: Fundação Bienal de São Paulo.

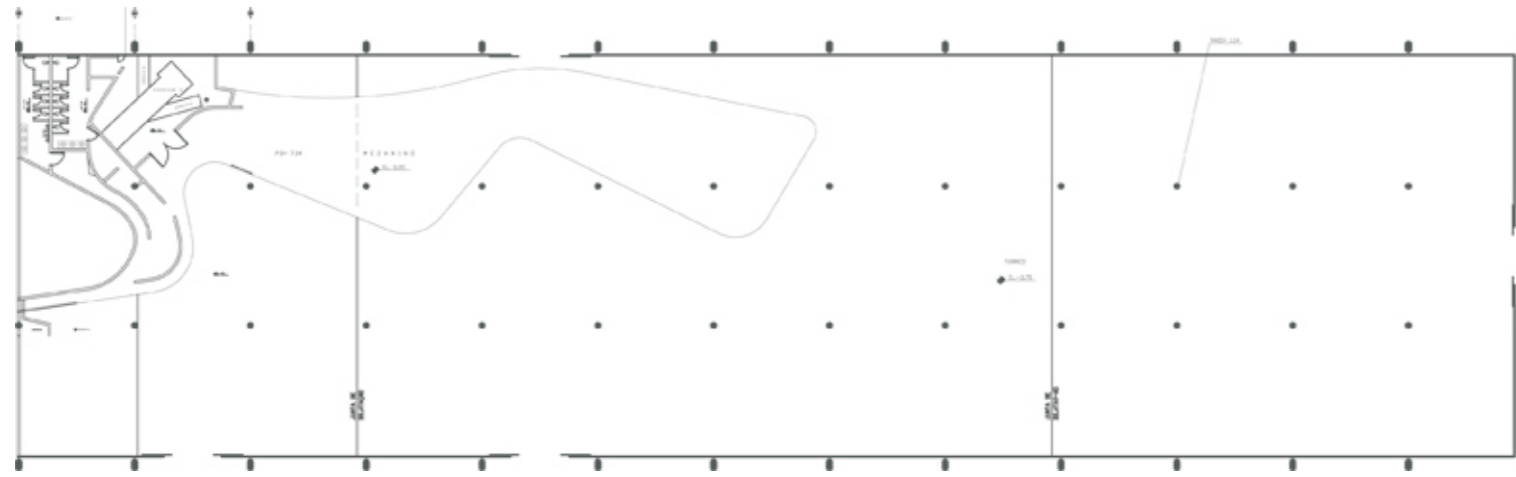


3- Foto da rampa de acesso ao 3o. Andar do Pavilhão Ciccillo Matarazzo.
Fonte: Acervo do autor deste trabalho.



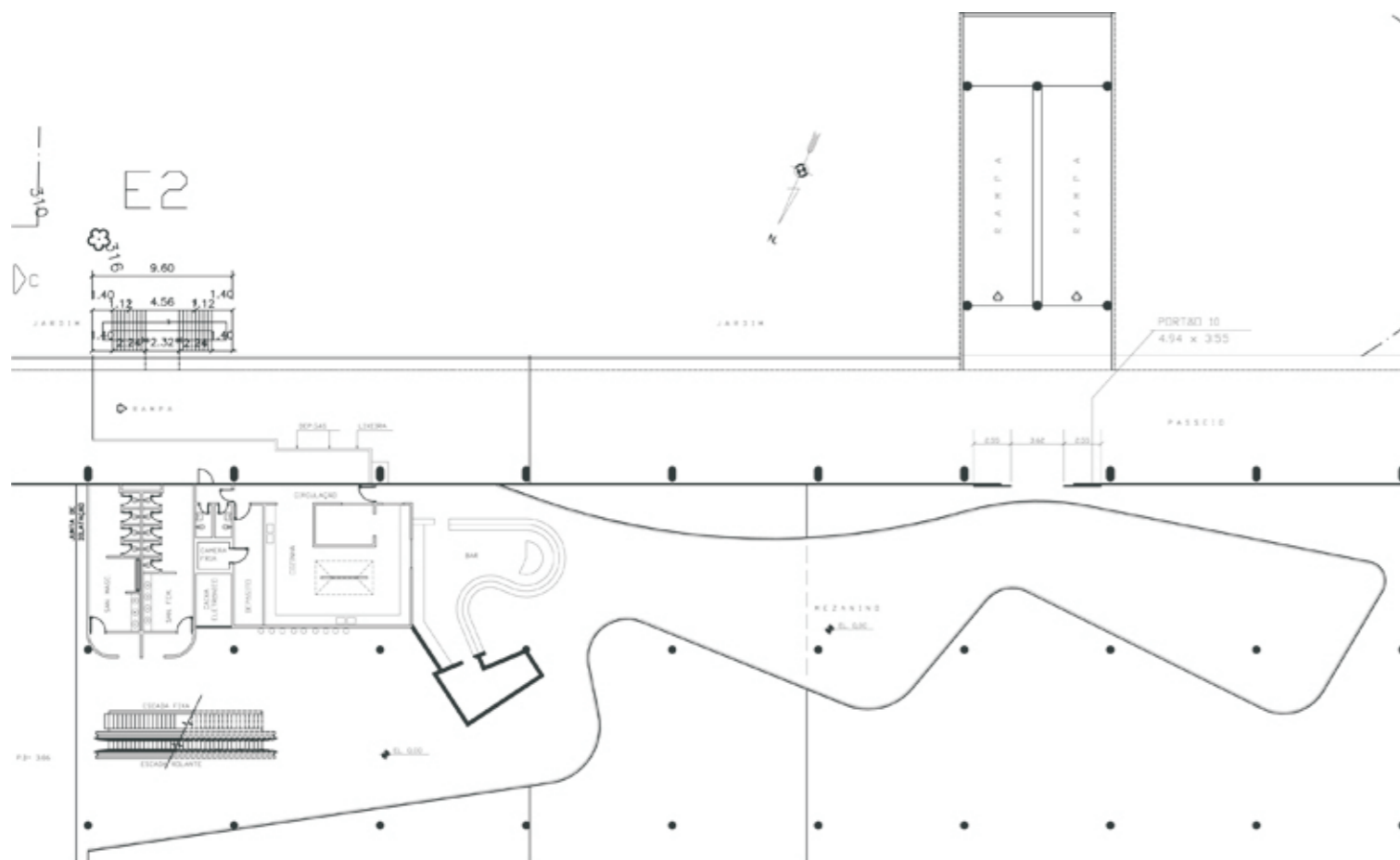
3- Foto do auditório localizado no 3o. Andar do Pavilhão Ciccillo Matarazzo.
Fonte: Acervo do autor deste trabalho.

Anexo I.2: PAVILHÃO CICCILLO MATARAZZO (PAVILHÃO DA BIENAL)



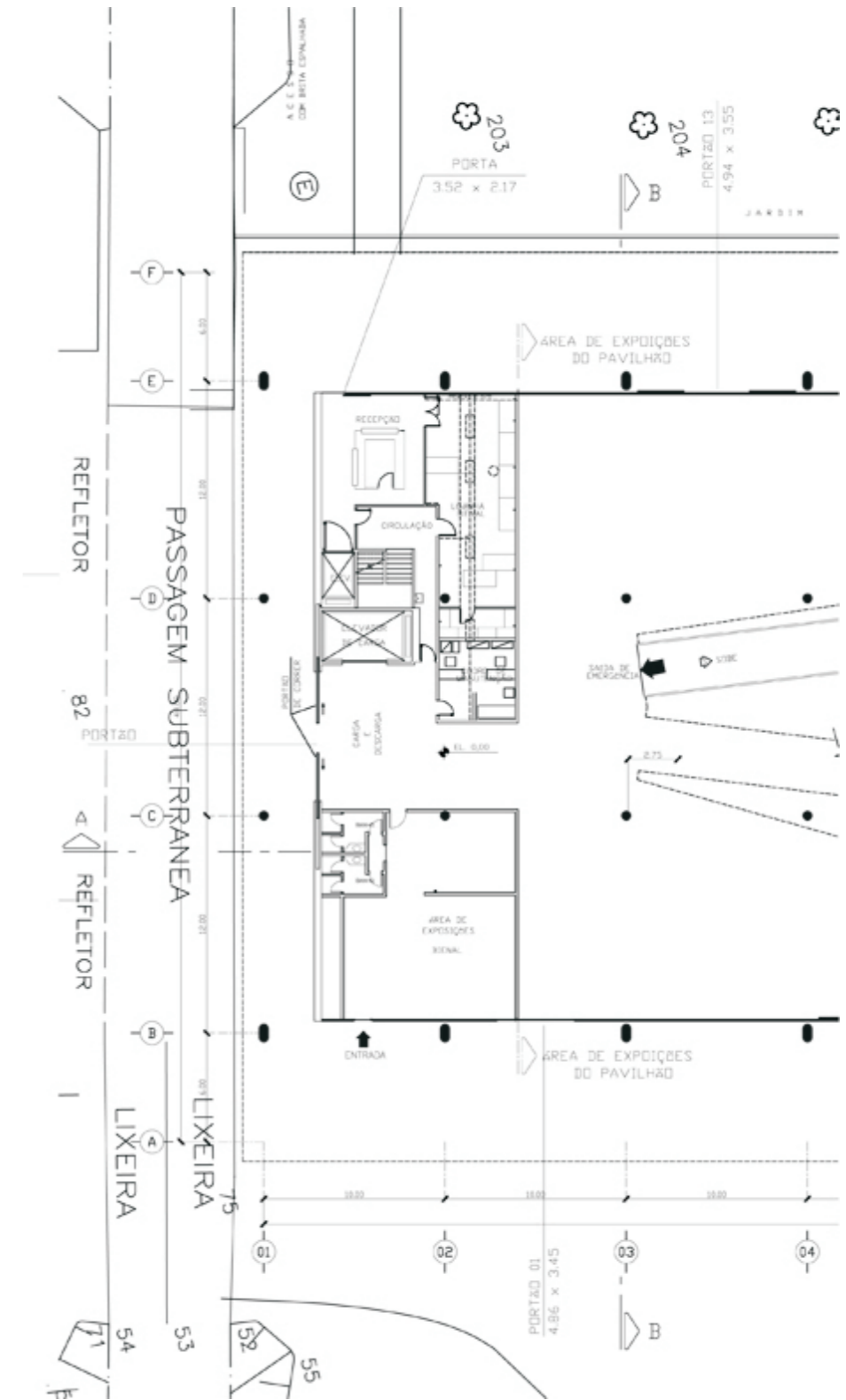
PLANTA BAIXA DO TÉRREO CM PROJEÇÃO DO MEZANINO

Fonte: Fundação Bienal de São Paulo



PLANTA BAIXA DO MEZANINO

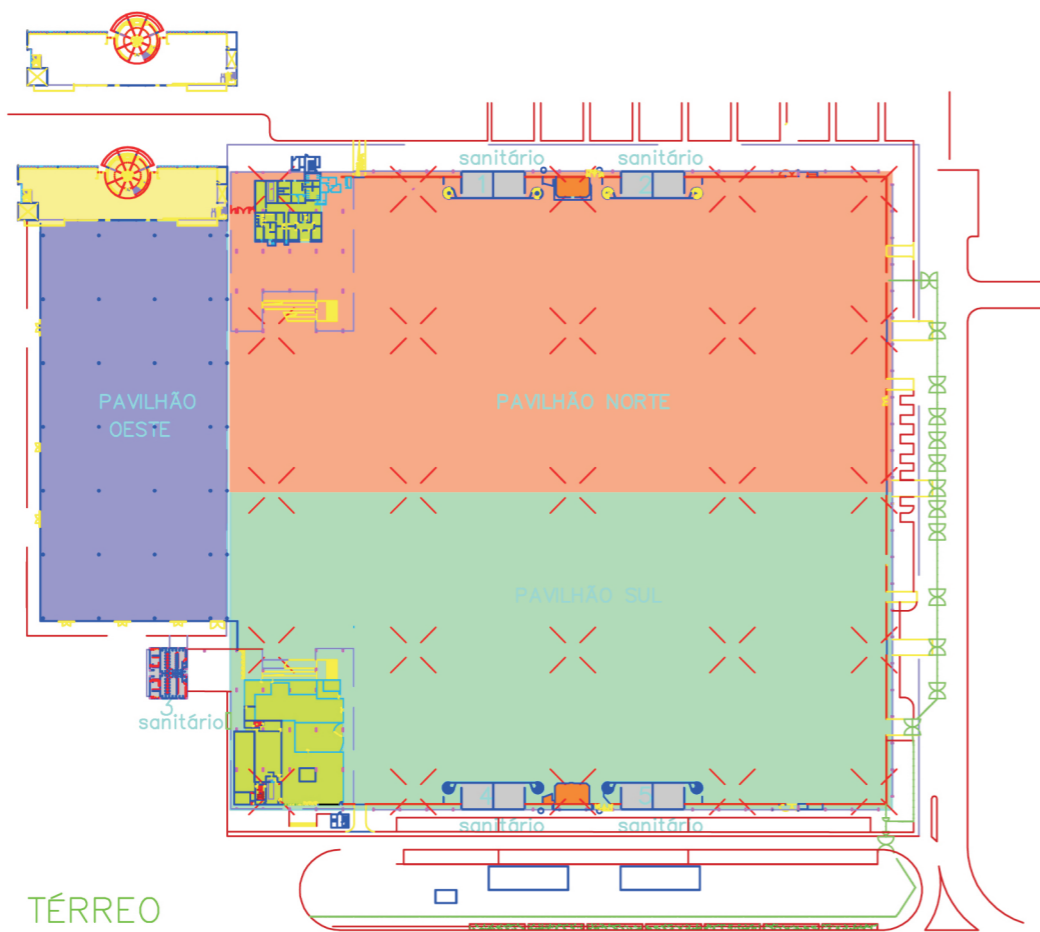
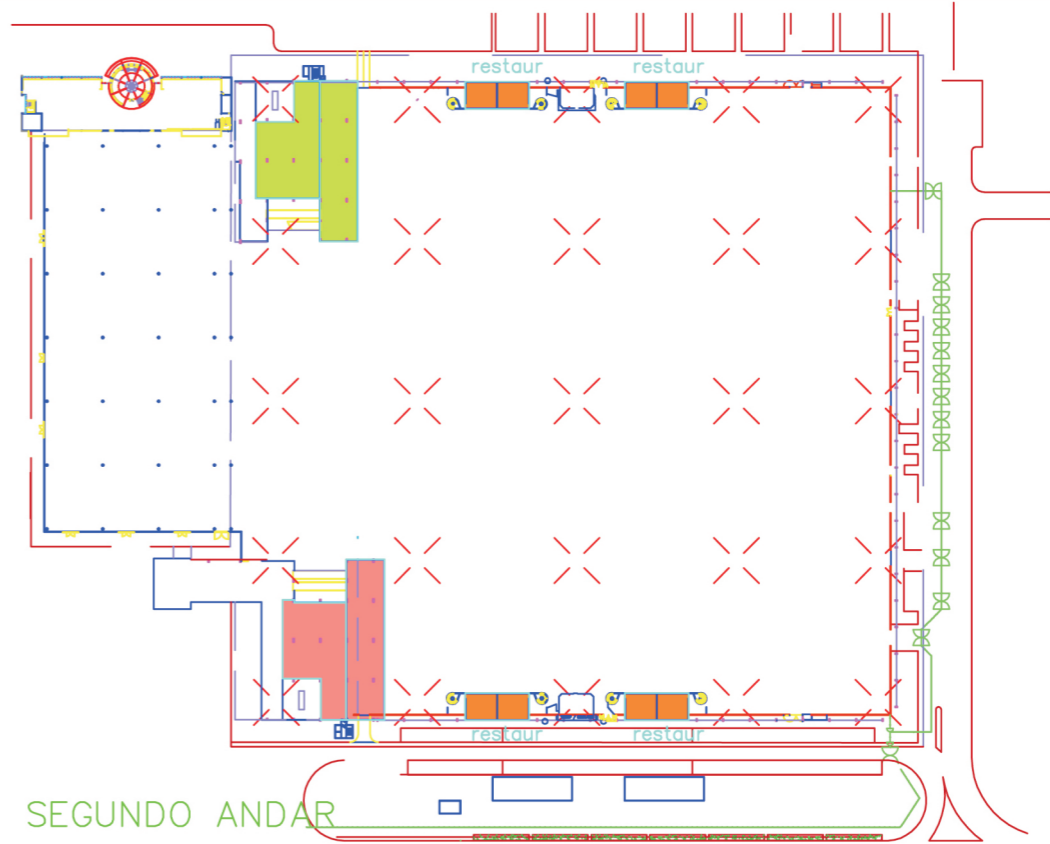
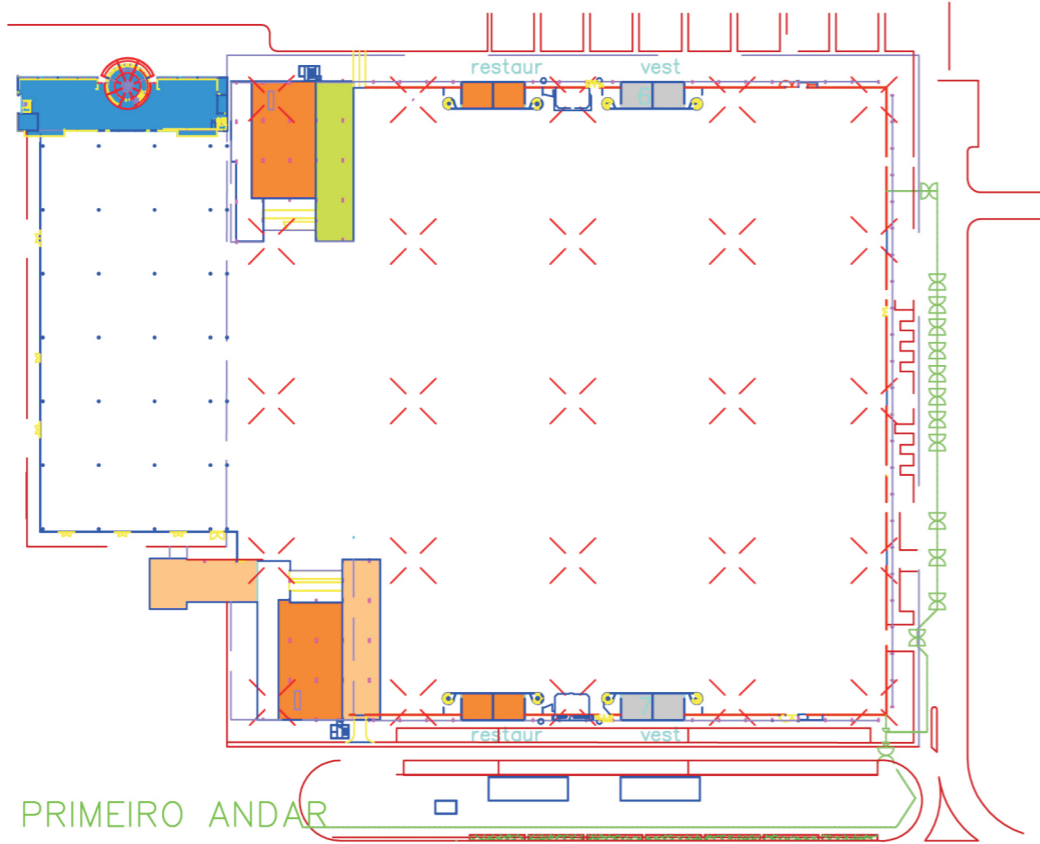
Fonte: Fundação Bienal de São Paulo



PLANTA BAIXA DO AUDITÓRIO NO 3o. ANDAR

Fonte: Fundação Bienal de São Paulo

Anexo II.1: PAVILHÃO DE EXPOSIÇÕES DO ANHEMBI



| | área | capacidade |
|-------------------|--------------------------------|----------------------|
| Entrada Principal | 1862,00 m ² | |
| Pavilhão Norte | 28.025,00 m ² | 5225 pessoas |
| Pavilhão Sul | 26.774,00 m ² | 5225 pessoas |
| Pavilhão Oeste | 10.721,00 m ² | 3093 pessoas |
| TOTAL | 67.382,00 m² | 13543 pessoas |

| | | |
|--|------------------------------|---------------------|
| Mezanino entrada principal | 1735,00 m ² | 292 pessoas |
| 1º Mezanino Sul (840,00 + 604,00 + 129,00) | 1.573,00 m ² | 1260 pessoas |
| 2º Mezanino Sul (1722,00 + 163,00) | 1.885,00 m ² | 1260 pessoas |
| TOTAL | 5193,00 m² | 2812 pessoas |

| SAN/VEST. | área |
|--------------|------------------------------|
| 1 | 298,00 m ² |
| 2 | 298,00 m ² |
| 3 | 268,00 m ² |
| 4 | 298,00 m ² |
| 5 | 298,00 m ² |
| 6 | 298,00 m ² |
| 7 | 298,00 m ² |
| Total | 2056,00 m² |

TOTAL ÁREAS LOCÁVEIS E CAPACIDADE 72575,00 m² 16355 pessoas

| | |
|---------------------|--------------------------------|
| Restaurantes | 4.181,24 m ² |
| Serviços | 4.793,00 m ² |
| Sanitário/Vestiário | 2.056,00 m ² |
| Circulação | 1.241,00 m ² |
| TOTAL | 12.271,24 m² |

TOTAL GERAL DA ÁREA DOS PAVILHÕES 84.846,24 m²

PAVLHÃO DE EXPOSIÇÕES

ÁREAS LOCÁVEIS

Planta térreo, primeiro e segundo andares

Escala 1.2500

Arquivo:

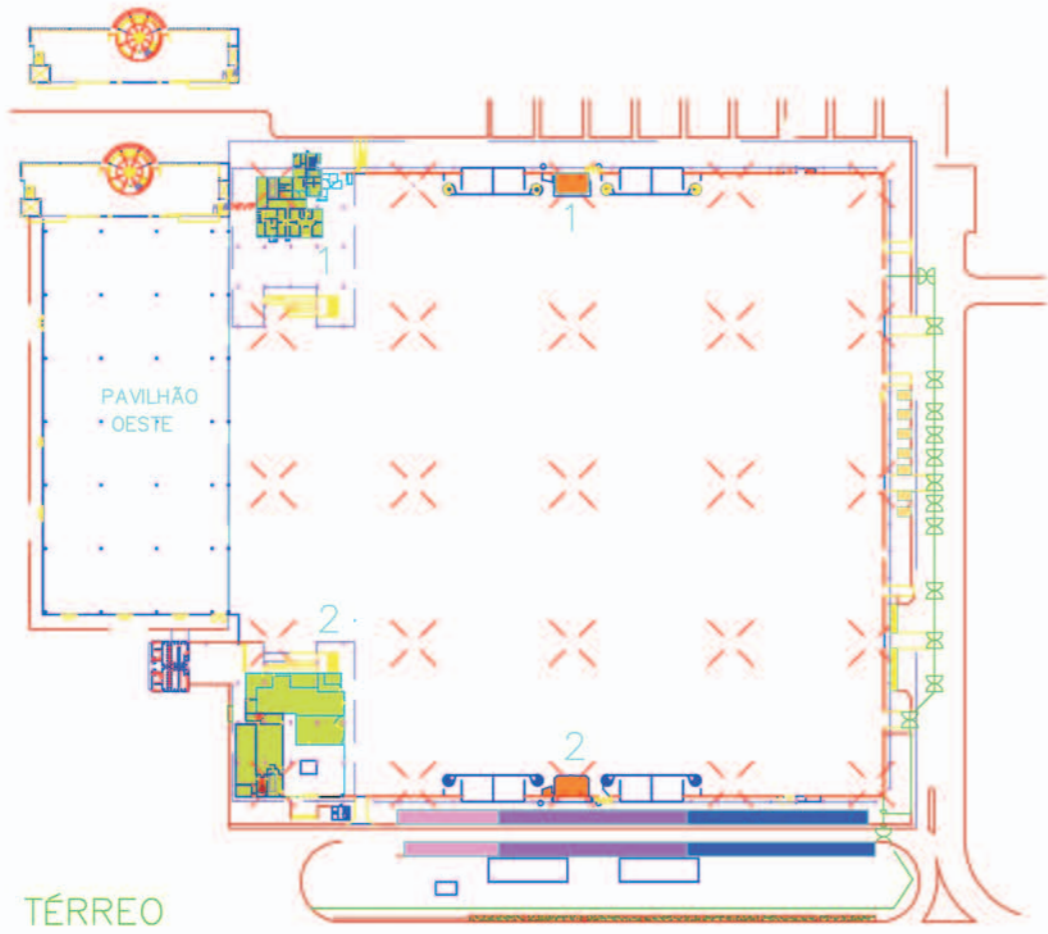
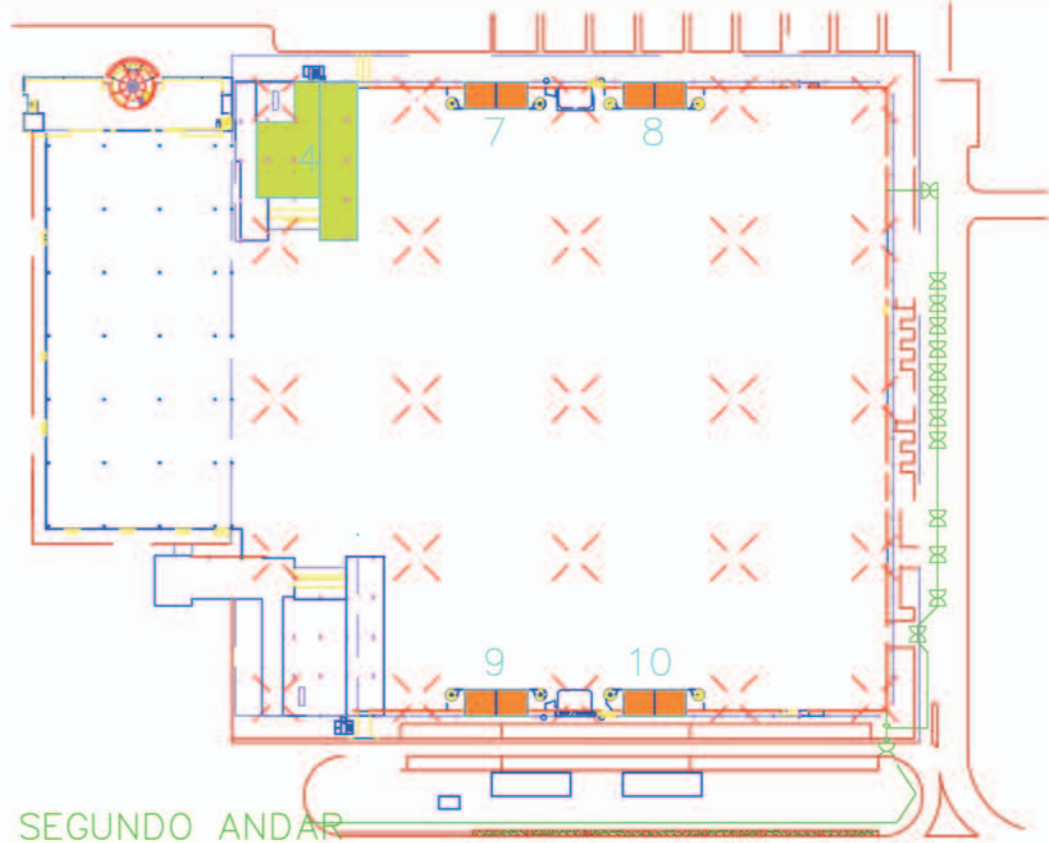
PVARGPOO_AREAS LOCÁVEIS.DWG

Folha : 01/03

NOVEMBRO 2005



Anexo II.2: PAVILHÃO DE EXPOSIÇÕES DO ANHEMBI



| Restaurantes | área |
|--------------|------------------------------|
| 1 | 130,62 m ² |
| 2 | 130,62 m ² |
| 3 | 1066,00 m ² |
| 4 | 1066,00 m ² |
| 5 | 298,00 m ² |
| 6 | 298,00 m ² |
| 7 | 298,00 m ² |
| 8 | 298,00 m ² |
| 9 | 298,00 m ² |
| 10 | 298,00 m ² |
| Total | 4181,24 m² |

| Docas | | Quant. | Capacidade |
|----------|-----------|--------|----------------------|
| Lixo | Norte Sul | 7 | 7x 20 m ² |
| | Oeste | 1 | 1x 20 m ² |
| Equipam. | Norte Sul | 2 | 6 empilhad. |
| | Oeste | 1 | 1 empilhad. |

| Estacionamento | Vagas |
|----------------|------------|
| 1 Norte | 60 |
| 2 Sul | 60 |
| 3 Oeste | 30 |
| Total | 150 |

| Serviços | área | m ² |
|--------------|----------------|----------------------|
| 1 | 562,00 | m ² |
| 2 | 988,00 | m ² |
| 3 | 840,00 | m ² |
| 4 | 1885,00 | m ² |
| Total | 4275,00 | m² |

PAVILHÃO DE EXPOSIÇÕES

SERVIÇOS / RESTAURANTES

Plantas térreo, primeiro e segundo andares

Escala 1:2500

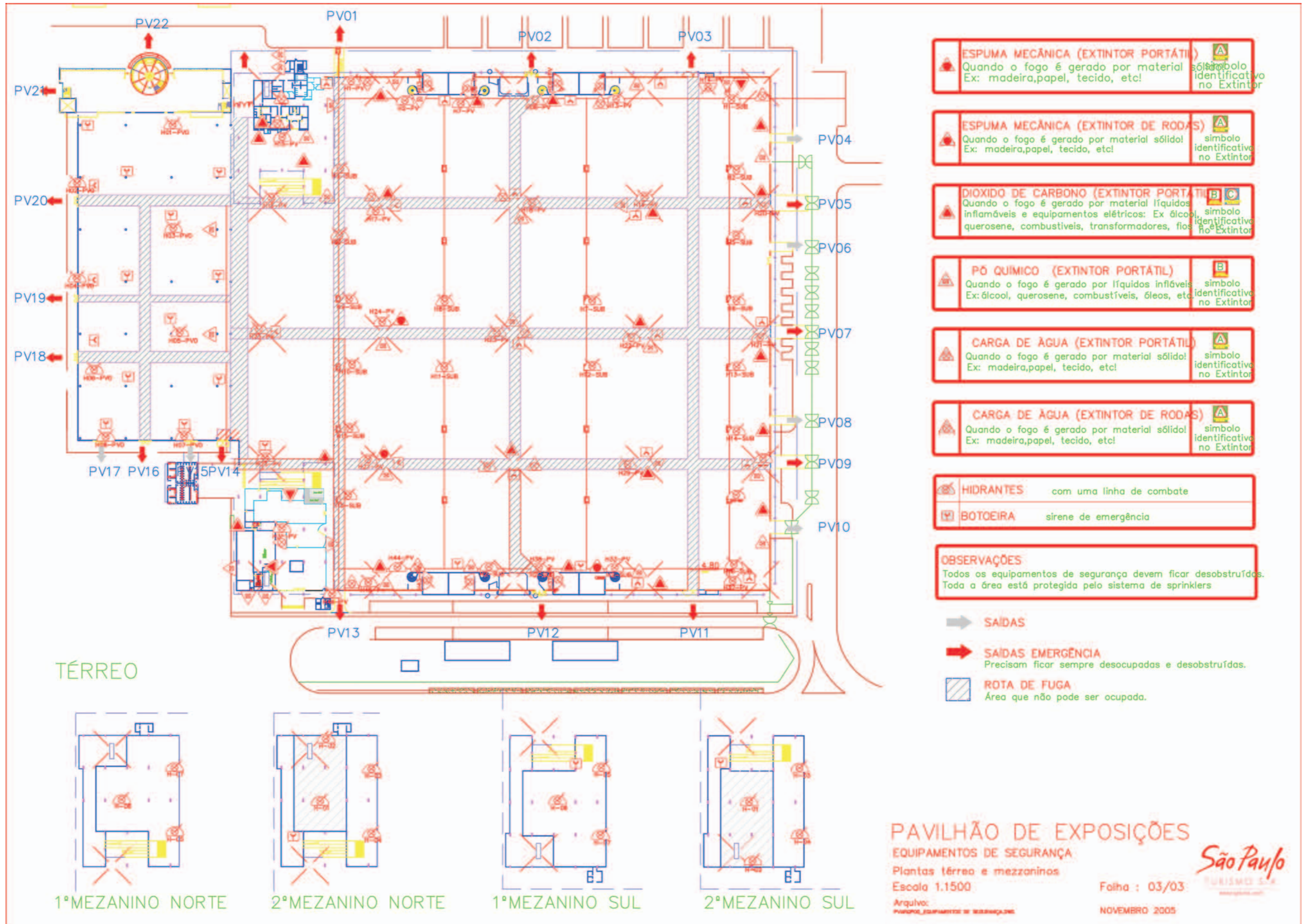
Arquivo: PAVILHÃO DE EXPOSIÇÕES

Folha : 02/03

SETEMBRO 2005



Anexo II.3: PAVILHÃO DE EXPOSIÇÕES DO ANHEMBI



PAVILHÃO DE EXPOSIÇÕES

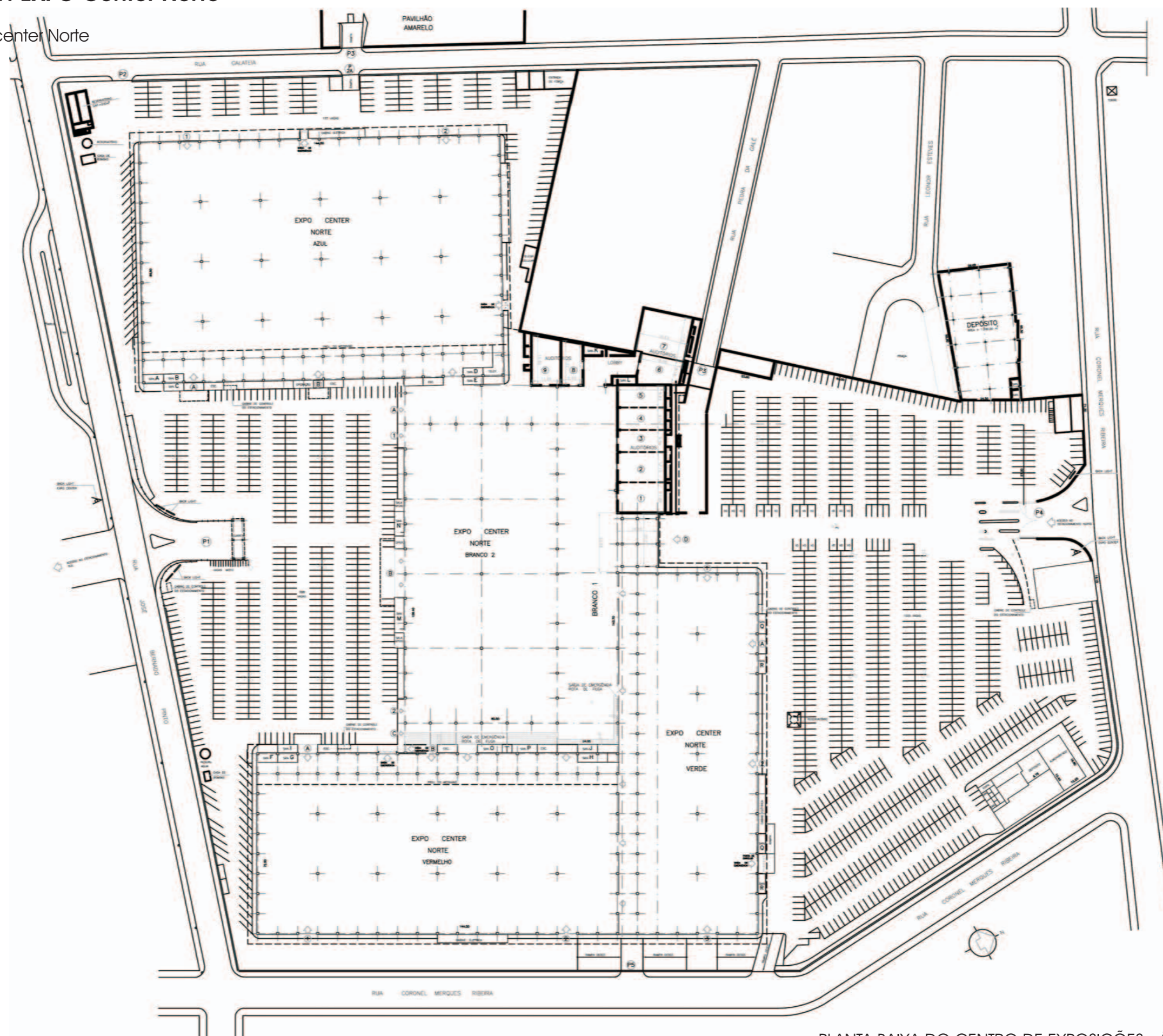
EQUIPAMENTOS DE SEGURANÇA
Plantas térreo e mezzaninos
Escala 1.1500
Arquivo:
Pavilhoes_pavilhoes_exposicoes



Folha : 03/03
NOVEMBRO 2005

Anexo III-1: EXPO Center Norte

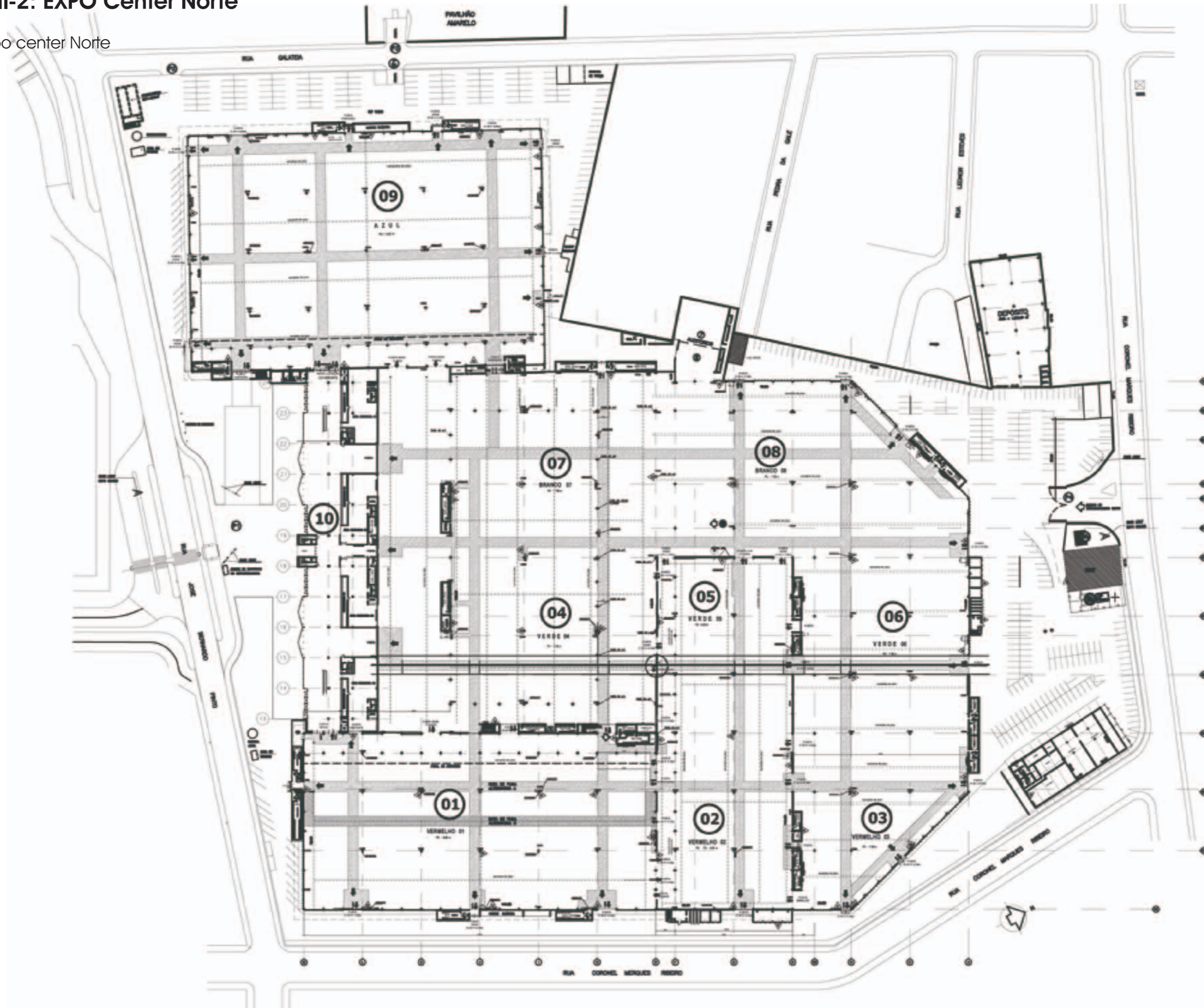
Fonte: Expo center Norte



PLANTA BAIXA DO CENTRO DE EXPOSIÇÕES - ÁREAS LOCÁVEIS

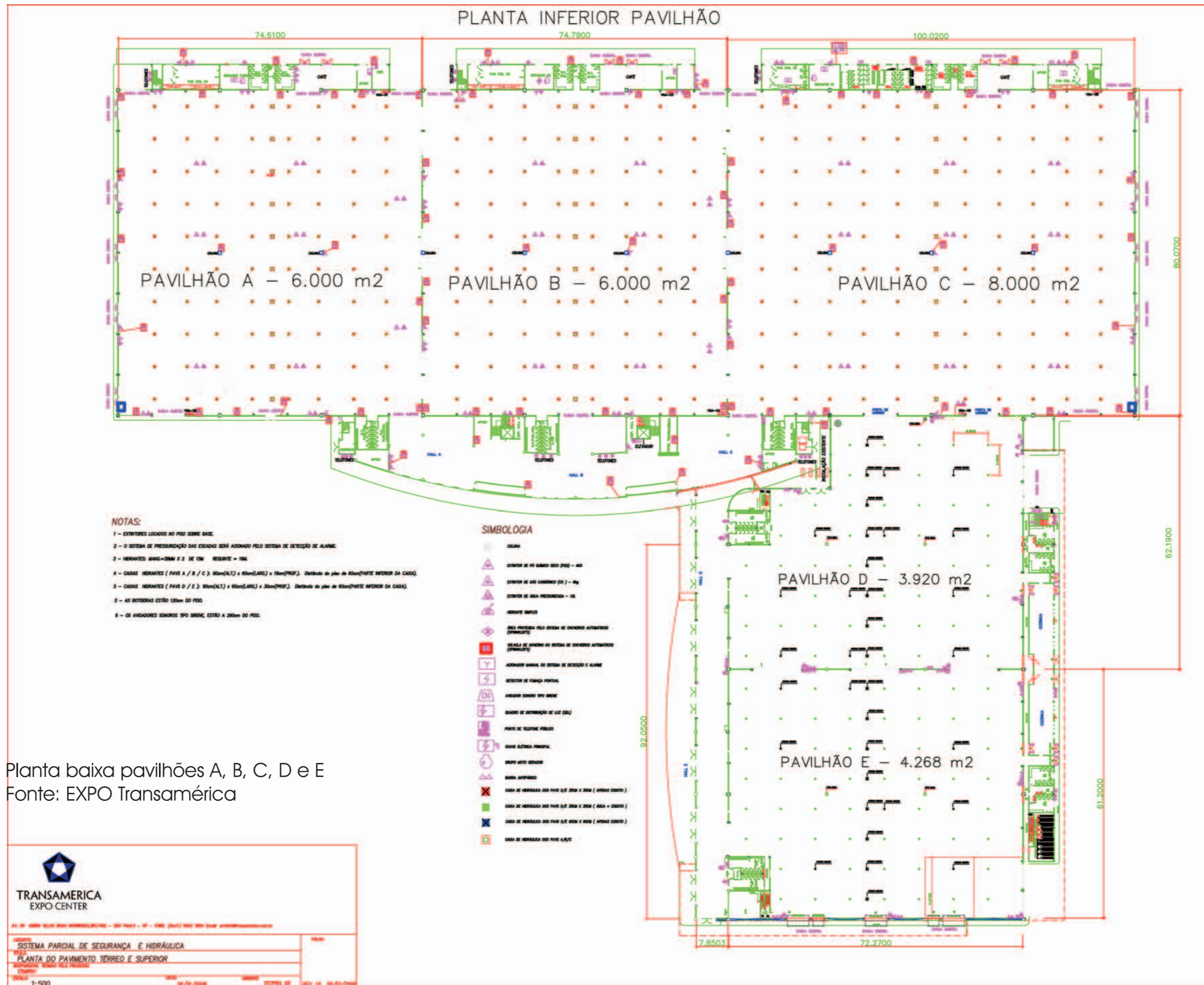
Anexo III-2: EXPO Center Norte

Fonte: Expo center Norte



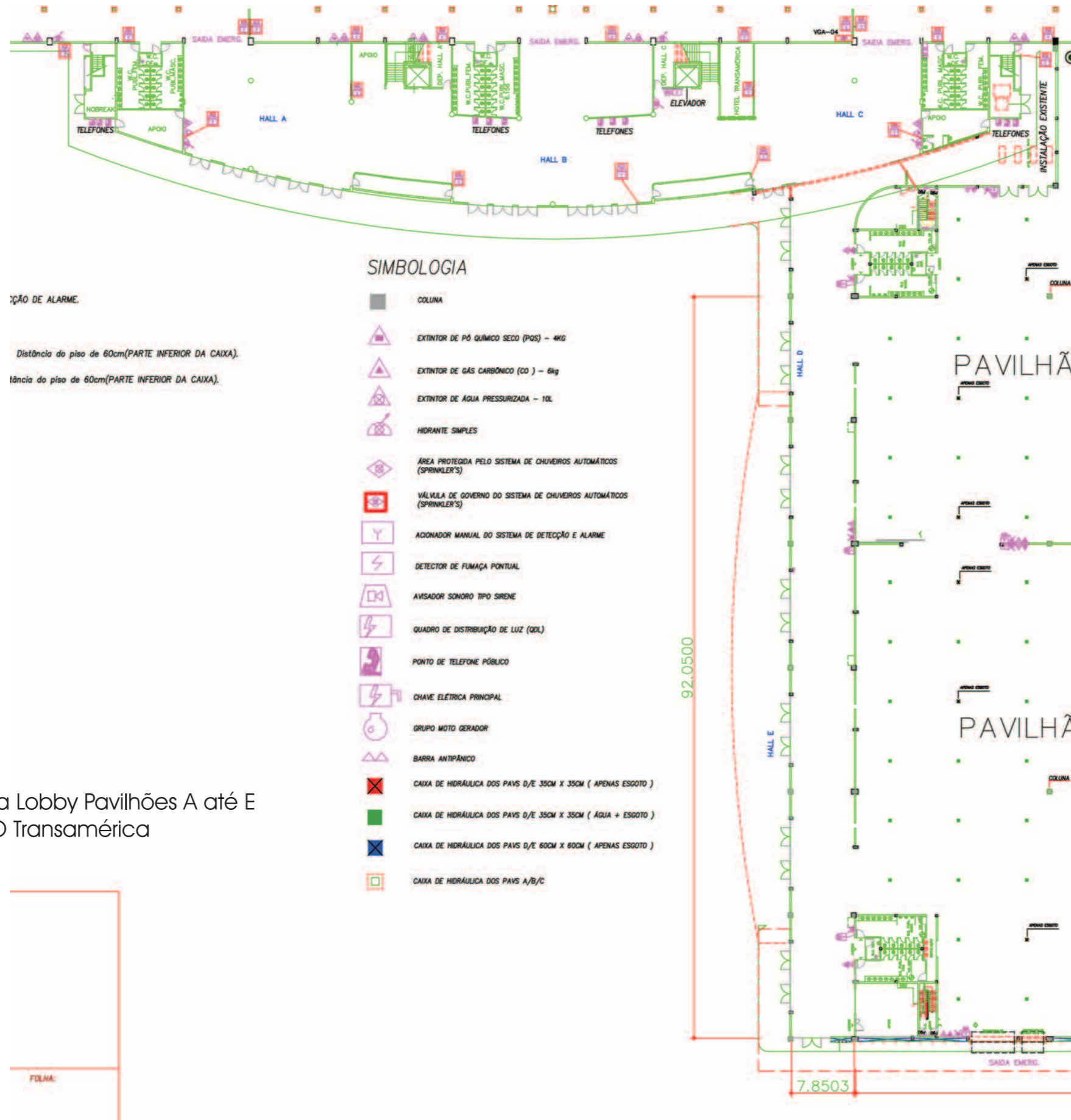
PLANTA BAIXA DO CENTRO DE EXPOSIÇÕES COM ROTAS DE FUGA

Anexo IV1: EXPO TRANSAMÉRICA



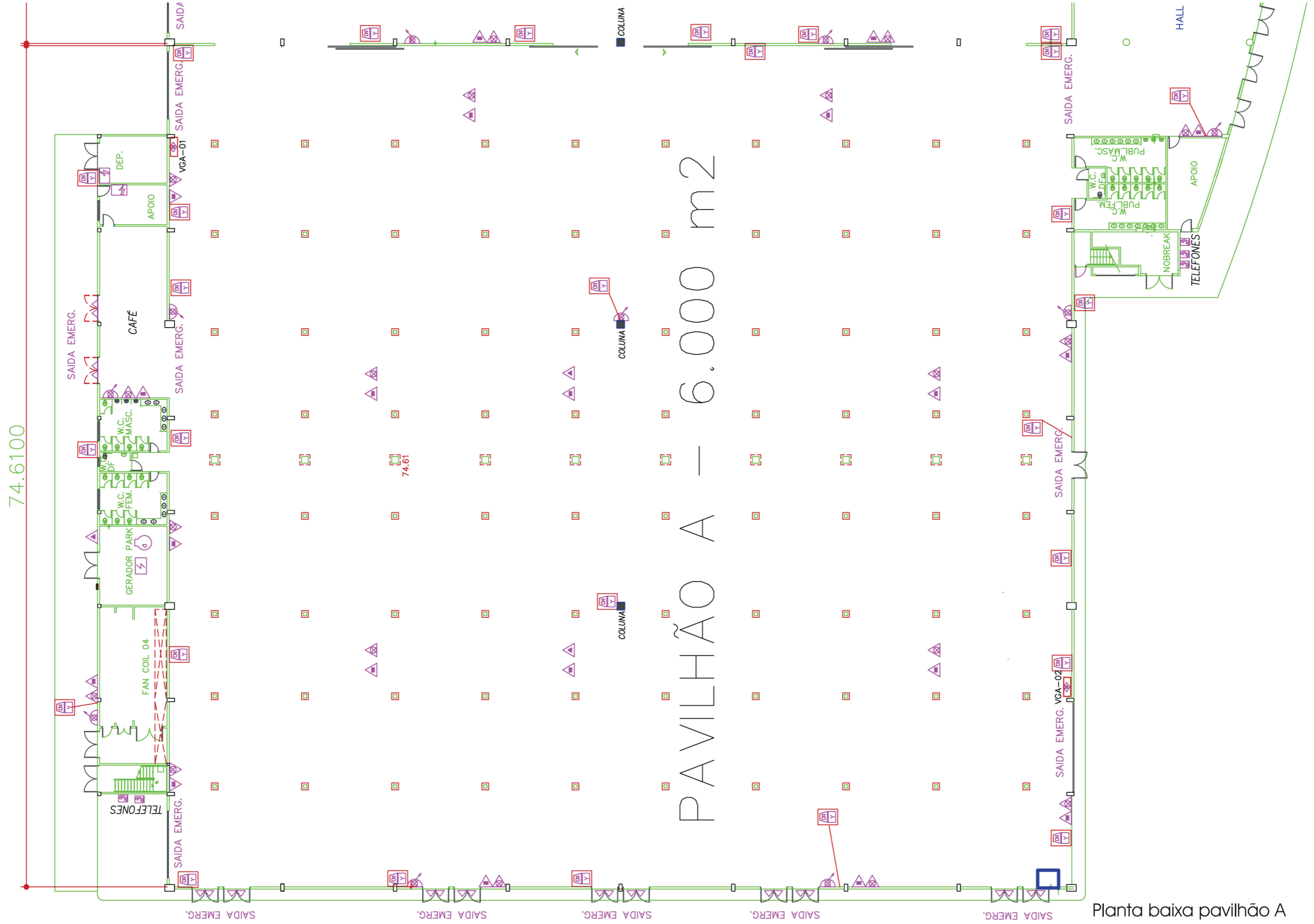
Planta baixa pavilhões A, B, C, D e E
Fonte: EXPO Transamérica

Anexo IV1: EXPO TRANSAMÉRICA



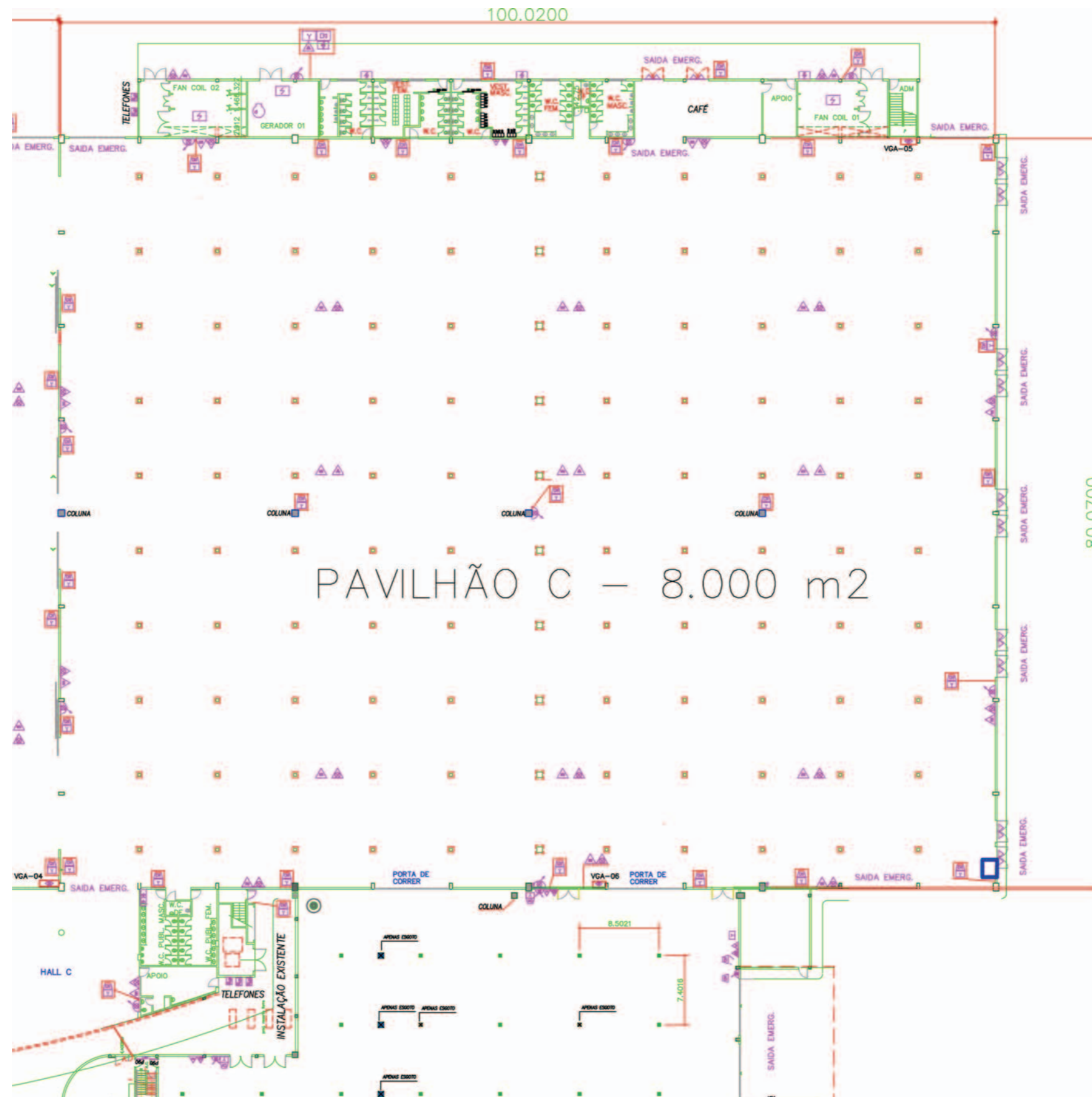
Planta baixa Lobby Pavilhões A até E
 Fonte: EXPO Transamérica

Anexo IV1: EXPO TRANSAMÉRICA



Planta baixa pavilhão A
Fonte: EXPO Transamérica

Anexo IV1: EXPO TRANSAMÉRICA



Planta baixa pavilhão C
Fonte: EXPO Transamérica

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)